

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Letras e Comunicação

Programa de Pós-Graduação em Letras

Curso de Mestrado



Dissertação

**Variação lexical no 9º ano do Ensino Fundamental II: um estudo sobre crenças
dos estudantes e processamento de variantes regionais**

Julia da Rosa Diogo

Pelotas, 2024

Julia da Rosa Diogo

**Variação lexical no 9º ano do Ensino Fundamental II: um estudo sobre crenças
dos estudantes e processamento de variantes regionais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientador: Bernardo Kolling Limberger

Pelotas, 2024

Julia da Rosa Diogo

Varição lexical no 9º ano do Ensino Fundamental II: um estudo sobre crenças dos estudantes e processamento de variantes regionais

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 30 de julho de 2024.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Bernardo Kolling Limberger (Orientador)

Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Mercedes Marcilese

Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Taíse Simioni

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

D591v Diogo, Julia da Rosa

Variação lexical no 9º ano do Ensino Fundamental II [recurso eletrônico] : um estudo sobre crenças dos estudantes e processamento de variantes regionais / Julia da Rosa Diogo ; Bernardo Kolling Limberger, orientador. — Pelotas, 2024.
191 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Variação linguística. 2. Processamento. 3. Crenças. 4. Léxico. I. Limberger, Bernardo Kolling, orient. II. Título.

CDD 469.5

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus por ter me permitido chegar até aqui, por ser a minha fortaleza e o meu refúgio. À minha mãe, Rosane Silva da Rosa Diogo, por ser a luz da minha vida, por ser a minha maior incentivadora e por sempre acreditar em mim.

Agradecimentos

A Deus por ter me dado forças e saúde para concluir mais essa etapa da minha vida, por me fazer acreditar que tudo é possível, por sempre iluminar e abençoar grandemente a minha vida, sem Ele eu nada seria.

À minha mãe, Rosane, por estar sempre ao meu lado em todos os momentos, por não medir esforços para encontrar soluções para os desafios que surgiram, por sempre me encorajar, por ser a minha maior motivadora, sempre me inspirando a ser uma pessoa melhor e lutar pelos meus sonhos, por todo amor, apoio e dedicação, por todo cuidado que teve comigo, por me ajudar a enfrentar os meus medos e angústias, por sempre ter acreditado e visto potencial em mim e por sempre cuidar de mim com todo o amor do mundo.

Ao meu pai, Marcus, por todo amor, cuidado e carinho, por estar sempre ao meu lado, por me incentivar e auxiliar em todos os momentos, por não medir esforços para me ver bem, por estar sempre torcendo por mim, correndo atrás do que preciso e investindo nos meus estudos.

À minha vó, Vanda, minha dinda, Anelise, meus afilhados, Everton e Maria Laura, por serem meus incentivadores, por estarem sempre me apoiando, orando e torcendo por mim, por sempre comemorarem as minhas vitórias e conquistas.

À minha vó, Alaides (*in memoriam*), e ao meu vô, Moacir (*in memoriam*), por estarem cuidando de mim e vendo, lá de cima, cada conquista minha.

Aos meus filhos de quatro patas, Bidu, Sirius, Lupin e Tonks, por trazerem alegria para a minha vida e por todos os dias me ensinarem o verdadeiro significado de amor e companheirismo.

Ao meu orientador, Bernardo, por sua disponibilidade, seu apoio e incentivo, por ter acolhido o meu projeto, por ter me apresentado à Psicolinguística e compartilhado o seu amplo conhecimento na área, pela paciência e pelas palavras de incentivos em cada reunião.

Às professoras Taíse, Carmen e Mercedes, membras da minha banca, por terem aceitado fazer parte deste momento tão importante da minha vida, pelas discussões e contribuições para o aprimoramento dos meus instrumentos de coleta

de dados e por compartilharem comigo o vasto conhecimento que possuem das suas áreas.

A todas as professoras e professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, por contribuírem de forma significativa na minha formação, por me apresentarem e discutirem sobre temas que ampliaram o meu olhar.

Aos estudantes do 9º que tornaram possível esta pesquisa, pela disponibilidade, colaboração e pelo interesse que demonstraram na coleta de dados.

À CAPES pela concessão da bolsa de estudo.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para eu pudesse concluir esta etapa tão importante da minha vida.

*"Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou."*

Adélia Prado

Resumo

O presente trabalho assume uma interface entre a Psicolinguística e a Sociolinguística para abordar um tema ainda pouco pesquisado no Brasil: o processamento da variação linguística no nível lexical em relação com as crenças sobre essa variação. Com base nisso, o objetivo geral foi verificar de que forma as crenças linguísticas de estudantes do Ensino Fundamental II se relacionam com o processamento de uma variante lexical regional. Os objetivos específicos foram: investigar o efeito da variação linguística diatópica no processamento de palavras; analisar quais são as crenças de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II sobre a variação linguística regional, no que tange ao nível lexical, e relacionar as crenças de estudantes sobre a variação linguística diatópica com os dados de processamento. Para isso, tomou-se como base estudos empíricos sobre o processamento da variação (Henrique, 2016; Marcilese *et al.*, 2017; Azalim *et al.*, 2018; Freitag; Souza, 2019; Souza; Freitag, 2021; Freitag; Sá, 2019; Jakubów; Corrêa, 2019) e estudos sobre crenças linguísticas (Marques; Baronas, 2015; Frasson, 2016; Santos, 2017; Silva, 2019; Correia, 2022). Para atingir os objetivos propostos, foram aplicados uma tarefa de decisão lexical e um questionário de crenças com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual de educação básica localizada na cidade de Bagé (RS). Além disso, foram aplicados três estudos-piloto para trazer mais confiabilidade aos dados coletados. Os resultados encontrados nessa tarefa mostram que a variante regional, mesmo sendo utilizada cotidianamente pelos estudantes, demandou maior esforço cognitivo no processamento, pois os estudantes estão inseridos em um ambiente escolar, isto é, estão em um contexto de letramento, em que são incentivados a fazerem uso da variante padrão. Além disso, a modalidade de apresentação escrita pode ter influenciado o processamento. No que diz respeito às crenças, percebeu-se que os estudantes têm a percepção de que existe uma língua padrão e correta, o que os leva a não reconhecerem, muitas das vezes, a diversidade linguística que trazem para dentro da sala de aula. Além disso, a maioria dos estudantes reconhecem a existência da variação regional, no entanto, verificou-se que nem todos percebem que dentro do Rio Grande do Sul também existe variação. Na análise comparativa realizada entre os resultados encontrados na tarefa de decisão lexical e no questionário de crenças, verificou-se que o bom desempenho no processamento dos estímulos não teve relação com crenças mais positivas sobre a variação linguística, sendo o contrário também válido. De maneira geral, constatou-se que as crenças linguísticas dos estudantes não apresentaram relação com o processamento das palavras. Conciliar uma abordagem psicolinguística com conclusões sociolinguísticas pode ajudar a melhorar a compreensão sobre como a variação linguística é pensada, representada e processada pelos estudantes concluintes do Ensino Fundamental II e trazer implicações para o ensino de língua materna.

Palavras-chave: Variação Linguística; Processamento; Crenças; Léxico.

Abstract

This project is an interface between psycholinguistics and sociolinguistics in order to address a topic that has not yet been widely researched in Brazil: the processing of linguistic variation at the lexical level in relation to beliefs about this variation. Based on this, the general objective was to verify how the linguistic beliefs of elementary school students relate to the processing of a regional lexical variant. The specific objectives were: to investigate the effect of diatopic linguistic variation on word processing; to analyze 9th grade students' beliefs about regional linguistic variation at the lexical level; and to relate students' beliefs about diatopic linguistic variation to processing data. To do this, we used empirical studies on variation processing (Henrique, 2016; Marcilese et al., 2017; Azalim et al., 2018; Freitag; Souza, 2019; Souza; Freitag, 2021; Freitag; Sá, 2019; Jakubów; Corrêa, 2019) and studies on linguistic beliefs (Marques; Baronas, 2015; Frasson, 2016; Santos, 2017; Silva, 2019; Correia, 2022). In order to achieve the proposed objectives, a lexical decision task and a questionnaire on beliefs were applied to 9th grade elementary school students from a state school located in the city of Bagé (RS). In addition, three pilot studies were carried out to make the data collected more reliable. The results found in this task show that the regional variant, even though it is used daily by the students, required more cognitive effort to process, because the students are in a school environment, i.e. they are in a literacy context, where they are encouraged to use the standard variant. In addition, the modality of written presentation may have influenced processing. With regard to beliefs, it was noted that students perceive that there is a standard and correct language, which often leads them to not recognize the linguistic diversity that they bring into the classroom. In addition, the majority of students recognize the existence of regional variation; however, not all of them realize that there is also variation within Rio Grande do Sul. In the comparative analysis of the results found in the lexical decision task and the beliefs questionnaire, it was found that good performance in processing the stimuli was not related to more positive beliefs about linguistic variation. In general, it was found that the students' linguistic beliefs were not related to word processing. Reconciling a psycholinguistic approach with sociolinguistic findings can help to improve understanding of how linguistic variation is thought of, represented and processed by elementary school students and have implications for mother tongue teaching.

Keywords: Linguistic variation; Processing; Beliefs; Lexicon.

Resumo para não especialistas

Este trabalho faz uma relação entre a Psicolinguística (área que estuda como as línguas são adquiridas e processadas e de que forma a comunicação através de uma língua é produzida e compreendida) e a Sociolinguística (área que estuda a língua e a sociedade) para abordar um tema ainda pouco pesquisado no Brasil: o processamento da variação linguística das palavras. Variação linguística é o fenômeno em que há mais palavras para cada conceito, dependendo de fatores sociais e geográficos (por exemplo, “guri”, “menino”, “garoto”, “piá”). Estudamos também a relação entre o processamento e as crenças dos estudantes, ou seja, o que eles pensam sobre a variação. Com base nisso, o objetivo geral foi entender como as crenças dos estudantes do Ensino Fundamental II sobre a língua influenciam a forma como eles reconhecem palavras de diferentes regiões. Também quisemos ver como essas crenças se relacionam com o tempo que os estudantes levam para reconhecer palavras regionais. Para atingir os objetivos propostos, participaram da pesquisa estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual de Bagé (RS). Aplicamos uma tarefa de decisão lexical, na qual são apresentadas algumas palavras na tela do computador e os estudantes, por meio de algumas teclas específicas do teclado, devem dizer se são palavras reais da língua ou se são palavras não reais. Além disso, os participantes preencheram um questionário de crenças. Os resultados encontrados na tarefa mostram que as palavras regionais, mesmo sendo utilizadas a todo momento pelos estudantes, precisaram de maior tempo de processamento, isto é, os estudantes demoraram mais para reconhecer a palavra. Isso pode ter sido influenciado pela presença no ambiente escolar, em que são incentivados a fazerem uso da variante padrão (variante mais formal da língua, utilizada pelas pessoas mais escolarizadas e que tende a obedecer às normas das gramáticas). No questionário de crenças, os resultados mostram que os estudantes acreditam que existe uma língua padrão e correta, e isso faz com que eles não percebam a diversidade linguística (existência de diferentes línguas e culturas na sociedade, isto é, as diferentes formas de falar uma língua) que trazem para dentro da sala de aula. Além disso, a maioria dos estudantes reconheceram que existe variação regional, mas nem todos reconhecem que dentro do Rio Grande do Sul existe variação também (por exemplo, em algumas cidades do estado se usa mais a palavra “guri”, já em outras cidades se usa mais “piá”). A relação entre os resultados do questionário e da tarefa de decisão lexical mostrou que um bom desempenho na tarefa não teve relação com crenças mais positivas no questionário, assim como um menor desempenho não teve relação com crenças menos positivas. A ligação entre as duas áreas de pesquisa (Psicolinguística e Sociolinguística) pode ajudar a melhorar a compreensão sobre como a variação linguística é pensada, representada e processada pelos estudantes do Ensino Fundamental e trazer contribuições para o ensino de língua portuguesa.

Lista de Figuras

Figura 1 - Mapa da localização de Bagé	74
Figura 2 - Região de Bagé - Sudoeste Rio-Grandense	75
Figura 3 - Carta 348 “carne moída” e destaque ao ponto 790 - Bagé	81
Figura 4 - Desenho experimental da tarefa de decisão lexical	86
Figura 5 - Exemplo da estrutura do questionário de estímulos	88
Figura 6 - Exemplo da estrutura do questionário de crenças	95
Figura 7 - Gráfico das médias de acerto e desvios padrão da variável dependente Acurácia	105
Figura 8 - Gráfico das médias em ms e desvios padrão da variável dependente TR	107
Figura 9 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Eu posso falar do mesmo jeito em todas as situações da vida" (número de ocorrências e porcentagens)	113
Figura 10 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Existem brasileiros que usam melhor a língua portuguesa do que outros" (número de ocorrências e porcentagens)	115
Figura 11- Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Se eu pudesse, mudaria meu jeito de falar" (número de ocorrências e porcentagens)	117
Figura 12 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Se eu pudesse, mudaria meu jeito de escrever" (número de ocorrências e porcentagens)	119
Figura 13 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "O meu jeito de falar é igual ao das pessoas com quem eu moro" (número de ocorrências e porcentagens)	120
Figura 14 - Gráfico de respostas à afirmação (n=28) "Eu tenho orgulho do meu jeito de falar" (número de ocorrências e porcentagens)	122
Figura 15 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Dentro do Rio Grande do Sul existem sotaques melhores do que outros" (número de ocorrências e porcentagens)	124
Figura 16 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Quem é de Bagé fala bonito" (número de ocorrências e porcentagens)	125
Figura 17 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Existem pessoas que usam palavras diferentes das palavras que eu costumo usar" (número de ocorrências e porcentagens)	127

Figura 18 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Existem regiões do país que usam palavras mais bonitas do que em outras regiões" (número de ocorrências e porcentagens)	129
Figura 19 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Na minha cidade, tem pessoas que falam melhor do que outras" (número de ocorrências e porcentagens)	131
Figura 20 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "As pessoas mais velhas da cidade têm um jeito de falar diferente das mais novas" (número de ocorrências e porcentagens)	132
Figura 21 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Os regionalismos (palavras ou expressões típicas de determinada região) usados no Rio Grande do Sul são melhores do que os usados em outros Estados" (número de ocorrências e porcentagens) ..	134
Figura 22 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Existe variação na forma de falar dentro do Rio Grande do Sul" (número de ocorrências e porcentagens)	135
Figura 23 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Os falantes da zona urbana falam melhor do que os falantes da zona rural" (número de ocorrências e porcentagens)	137
Figura 24 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Acho engraçado quando alguém usa uma palavra diferente do que costumo usar para chamar alguma coisa" (número de ocorrências e porcentagens)	138
Figura 25 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Quem mora em Bagé fala de um jeito mais grosseiro do que quem mora em outras cidades do Estado" (número de ocorrências e porcentagens)	140

Lista de tabelas

Tabela 1 - Perfil dos participantes da pesquisa	76
Tabela 2 - Lista de estímulos-alvo (variante padrão e variante regional) selecionados para a tarefa de decisão lexical com a frequência por milhão e a classificação	82
Tabela 3 - Lista de palavras-controle, distratoras e pseudopalavras selecionadas para a tarefa de decisão lexical com a frequência por milhão	83
Tabela 4 - Resultados dos pares de estímulos do estudo-piloto, número de nomeações (n = 27).....	89
Tabela 5 - Tempo de reação (TR) dos pares de estímulos no segundo estudo-piloto - aplicação da tarefa de decisão lexical (n = 24)	92
Tabela 6 - Resultados das variáveis dependentes Acurácia e Tempo de Reação (entre parênteses: desvio padrão).....	103
Tabela 7 - Comparação entre pares do teste Kruskal-Wallis – variável acurácia....	104
Tabela 8 - Comparação entre pares do teste Kruskal-Wallis – variável tempo de reação	106
Tabela 9 - Resultados acurácia e TR dos estímulos na variante padrão e regional	108
Tabela 10 – Médias das respostas do questionário de crenças – escala de 1 a 5..	141
Tabela 11 - Média de acurácia e TR de cada participante (n = 28).....	145
Tabela 12 - Média de acurácia e TR dos participantes selecionados nas condições variante padrão e regional.....	146

Lista de quadros

Quadro 1 - Cronograma da coleta de dados - 2024	98
Quadro 2 - Comparação entre os dados de processamento e o questionário de crenças.....	154

Lista de abreviaturas e siglas

ALERS	Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul
ALIB	Projeto Atlas Linguístico do Brasil
ANA	Avaliação Nacional de Alfabetização
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DP	Desvio Padrão
DP	Sintagma Determinante
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
L1	Língua Materna
L1	Segunda Língua
LDs	Livros Didáticos
LP	Língua Portuguesa
ms	Milissegundos
P	Participante
PB	Português Brasileiro
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
QSL	Questionário Semântico-Lexical
SD	Sequência Didática
SES	Status Socioeconômico
SOE	Sala de Orientação Especial
TALC	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCL	Teste de Compreensão Leitora
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TDL	Tarefa de Decisão Lexical
TR	Tempo de reação

Sumário

1 Introdução	19
2 Revisão da literatura	29
2.1 Pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista	29
2.2 Variação lexical no Sul do Brasil	38
2.3 Variação lexical e ensino	40
2.4 Variação linguística e ensino de português como língua materna	44
2.5 Processamento da variação linguística	50
2.6 Crenças Linguísticas	61
3 Método	72
3.1 Objetivos e hipóteses	72
3.2 Participantes	74
3.3 Procedimentos éticos	77
3.4 Instrumentos	78
3.4.1 Tarefa de decisão lexical	78
3.4.1.1 Estímulos	79
3.4.1.2 Apresentação dos estímulos	84
3.4.1.3 Estudos-piloto: estímulos da tarefa de decisão lexical	87
3.4.3 Questionário de crenças	93
3.4.3.1 Estudos-piloto: questionário de crenças	96
3.5 Coleta de dados	97
3.6 Análise da tarefa de decisão lexical	99
3.7 Análise das crenças	99
3.8 Análise comparativa das crenças e dos dados de processamento	100
4 Resultados e discussão	102
4.1 Resultados da tarefa de decisão lexical	102
4.2 Resultados do questionário de crenças	113

4.3 Resultados da análise comparativa entre os dados de processamento e o questionário de crenças	145
4.4 Discussão das previsões	155
5 Considerações finais	160
Referências	164
Apêndices	169
Anexos	190

1 Introdução

A língua, ao mesmo tempo que possui estrutura, é dotada de variabilidade, ou seja, é um sistema heterogêneo formado por regras que condicionam o fenômeno da variação. Conforme Labov (2008), a variação linguística presume a opção de enunciar o mesmo sentido de diferentes maneiras, isto é, as variantes diante de um mesmo contexto podem ser idênticas em valor de verdade ou referencial, porém, se opõem em sua significação social e/ou estilística. Com isso, a variação é inerente a todas as línguas e não compromete a comunicação entre os falantes. Segundo Coelho *et al.* (2020), a evidência de que a heterogeneidade linguística é estruturada está no fato de que indivíduos de uma mesma comunidade conseguem se entender e se comunicar apesar da diversidade linguística. Segundo Labov (2008, p. 238), a heterogeneidade “não é apenas comum, ela é resultado natural de fatores linguísticos”.

O estudo da variação linguística mostra que determinados itens lexicais, quando produzidos diferentemente pelos falantes de variedades linguísticas distintas, indicam certas características de pertencimento social do falante (Coelho *et al.*, 2020). Assim, duas variantes de um mesmo item podem estabelecer a mesma referência, porém distintos significados sociais.

Os diferentes falares expressos na nossa sociedade remetem ao fato de que a língua não é uniforme, pois ela se apresenta de forma diferenciada de acordo com o meio sociocultural que cada pessoa vive e se caracteriza de acordo com a região em que cada indivíduo está inserido. Isso pode ser constatado quando observamos a fala de uma pessoa que mora, por exemplo, no Rio Grande do Sul (RS) e outra que mora na Bahia (BA). Essa variação geográfica pode ser encontrada, inclusive, dentro do estado. No RS, por exemplo, ao se referir ao “menino” em alguns lugares se diz “guri”, em outros “piá”, em outros, ambas as formas coexistem.

Também pode-se verificar a variação quando observamos uma pessoa que mora na cidade grande e outra que mora na zona rural. Ainda, podemos expressar as diferenças de fala e escrita de pessoas que são oriundas de classes sociais diferentes. Assim, pode-se constatar que cada pessoa possui a sua forma de se expressar, e isso está associado ao meio em que se vive.

Não é possível falar de variação linguística sem tratar dos campos sociolinguísticos que compõem essa variação, que são: regional ou geográfica, social,

estilística e na fala e na escrita (Labov, 2008). A variação regional, também chamada de diatópica, foco principal deste trabalho, é aquela que ocorre em função do local. Essa variação ocorre relacionada ao espaço geográfico em que o falante é originário, isto é, a variedade linguística é falada dependendo da região. Segundo Araújo (2014), a escola não pode deixar de priorizar essa variação, pois as salas de aula abrigam indivíduos de diversos lugares, que expressam suas marcas linguísticas, próprias do seu meio.

Segundo Farias e Silva (2022), a variação linguística, principalmente no Brasil, não é somente um fator linguístico. A estratificação social está relacionada às variedades linguísticas, como acontece na diferenciação das variedades rurais e urbanas, “aqueles que fazem uso da primeira são julgados incultos não somente pelos falantes da segunda variedade, mas, também, por si mesmos” (Farias; Silva, 2022, p. 56).

Para as autoras, não é raro ouvir de algumas pessoas, ao serem perguntadas se desejam aprender um novo idioma, responderem que não, tendo como justificativa que “mal” falam o português. Dessa forma, cabe questionar: “O que seria falar mal ou bem uma língua? Existe uma forma correta? E o que motiva o falante a pensar dessa forma?” (Farias; Silva, 2022, p. 57). A resposta a essas perguntas está relacionada com o ideal de língua que é buscado por aqueles que creem que qualquer variedade fora das normas gramaticais está incorreta e não deve ser usada. Essa visão está bastante presente nas informações divulgadas na grande mídia, por exemplo, encontradas em sites da internet, nos quais são divulgadas matérias, como, por exemplo, “10 erros de português que todo brasileiro comete”¹ ou “Língua Portuguesa explica o jeito certo”². Esses exemplos recentes nos mostram como ainda são difundidas informações de que existe, realmente, um ideal de língua. É importante notar que essas publicações não foram feitas por professores de língua portuguesa ou por linguistas.

Isso justifica o interesse no estudo sobre crenças e a sua relevância, já que elas podem influenciar o processo de ensino e de aprendizagem. As crenças são,

¹ Matéria publicada dia 7 de janeiro de 2024 - <https://meuvalordigital.com.br/10-erros-de-portugues-que-todo-brasileiro-comete/>. Acesso em: 05 fev. 2024.

² Matéria publicada dia 4 de fevereiro de 2024 - <https://escolaeducacao.com.br/voce-fala-cedilha-ou-ce-cedilha-descubra-a-forma-certa/>. Acesso em: 05 fev. 2024.

segundo Madeira (2005), o que se entende sobre algo, ou seja, o conhecimento implícito que um falante carrega sobre a(s) sua(s) própria(s) língua(s).

Segundo Farias e Silva (2022, p. 57), a escola não precisa renunciar ao ensino formal da língua, só não deve fazer os estudantes acreditarem na ideia de que a língua pode ser “mantida de forma intacta, presa em um ideal de perfeição, desconsiderando as variações e fazendo aflorar o preconceito linguístico”. Como ratificam Coelho *et al.* (2020, p. 141), “[...] é sempre importante lembrar que usar apenas uma variedade culta nas situações comunicativas que requerem diferentes estilos é tão inadequado (ou disfuncional) quanto usar apenas o vernáculo (tenha ele forma estigmatizadas ou não)”.

Em relação à literatura sociolinguística, há um número expressivo de pesquisas acerca da variação linguística em diversas variedades e níveis. Por outro lado, no que tange à literatura psicolinguística, em se tratando da variação, são poucos os trabalhos que abordam, como foco principal, o seu processamento. Os trabalhos nessa área se concentram no processamento em diferentes níveis linguísticos do português brasileiro (PB).

Ao pesquisarmos sobre o processamento da variação (morfofonológica, morfossintática, fonológica e sintática), encontramos estudos como os de Henrique (2016), Marcilese *et al.* (2017), Azalim *et al.* (2018), Freitag e Souza (2019), Souza e Freitag (2021), Freitag e Sá (2019) e Jakubów e Corrêa (2019), mas nota-se uma ausência de estudos brasileiros sobre o processamento da variação no nível lexical.

O mesmo acontece no que tange às crenças linguísticas, pois a maioria dos estudos está voltada à variação linguística como um todo, sem especificar um tipo de variação, como os de Marques e Baronas (2015), Frasson (2016), Santos (2017), Silva (2019) e Correia (2022). Dessa forma, há escassez de estudos sobre a variação no nível lexical, pois eles se concentram na variação linguística em geral ou na variação morfofonológica, morfossintática, fonológica e sintática.

Este trabalho se justifica pelo meu interesse na área da Sociolinguística e na interface com a Psicolinguística. Meu interesse pela Sociolinguística surgiu quando participei, por dois anos, do projeto de pesquisa sobre a variação linguística, ensino e formação de professores. Além disso, no meu trabalho de conclusão de curso, elaborei uma proposta de intervenção sobre o fenômeno variável da concordância nominal a partir dos três eixos de gramática (Diogo, 2022). Esses três eixos foram

propostos por Vieira (2017), com base na ampla literatura sobre o ensino de Português. A autora propõe a conjugação de três eixos para o ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa, evidenciando fenômenos linguísticos, como “(i) elementos que permitem a abordagem reflexiva da gramática; (ii) recursos expressivos na construção do sentido dos textos; e (iii) instâncias de manifestação de normas/variedades” (Vieira, 2017, p. 86). O primeiro eixo é transversal aos outros dois.

A partir da proposta de intervenção, concluiu-se que é necessária e urgente uma mudança de paradigma, em relação ao ensino de gramática na escola. É preciso que o estudante veja a escola como um lugar em que se sinta respeitado e valorizado, principalmente no que diz respeito à sua forma de falar, um espaço que seja apresentada a variedade de prestígio ou a norma culta, sem desmerecer os estudantes, já que eles trazem consigo algo que é constitutivo de sua própria identidade. Além disso, é importante reafirmar a relevância do trabalho com os três eixos para o ensino de gramática, “tendo como ponto de partida a abordagem reflexiva, atravessando a competência textual para a produção de sentidos e, assim, chegando à questão da variação linguística” (Diogo, 2022, p. 105).

A partir disso, surgiu o interesse pela interface, que é produtiva, pois pode-se estudar os fenômenos variáveis de uma maneira mais ampla, relacionando-os com aspectos cognitivos. De forma conjunta, as duas áreas da Linguística, em conjunto principalmente com a Psicologia, Neurociência, Sociologia e a Antropologia, buscam descrever as manifestações da língua, o comportamento individual e o contexto sociocultural dos atos de comunicação.

Finger (2015) afirma que a Psicolinguística é a área que investiga os fatores psicológicos e neurobiológicos que tornam o indivíduo capaz de adquirir, compreender e usar a linguagem. Dessa forma, a Psicolinguística investiga como as línguas são adquiridas e de que maneira a comunicação através de uma língua é produzida e compreendida. O interesse dos psicolinguistas é compreender o que os indivíduos são capazes de fazer com as línguas, como eles aprendem e como usam as línguas que dominam e quais são os processos, procedimentos e mecanismos que subjazem a aquisição e o uso da linguagem.

De acordo com a autora, os psicolinguistas “concebem a linguagem como uma espécie de janela para a cognição” (Finger, 2015, p. 48). Assim, a Psicolinguística

investiga como ocorre o processamento da linguagem na mente dos indivíduos, isto é, quais são os processos cognitivos envolvidos no uso da linguagem.

Dentro da presente pesquisa, os fatores que podem dar indícios sobre o processamento são: frequência e extensão dos estímulos, acurácia e tempo de reação. A frequência dos estímulos pode ser encontrada em *corpus* como o Léxico do Português, em que é mostrada a frequência que a palavra é utilizada pelos indivíduos. A extensão diz respeito ao tamanho da palavra, quantas letras e sílabas contém. A acurácia diz respeito à porcentagem de acertos: na tarefa de decisão lexical desenvolvida, a acurácia considera como erro palavras reais do português classificadas como não reais pelos informantes e vice-versa. Por fim, o tempo de reação diz respeito ao tempo que o indivíduo demora para responder ao estímulo.

No paradigma experimental da Psicolinguística, segundo Finger (2015), a lógica da medida de tempo de reação é de que os falantes usarão menos estratégias e planejamentos controlados se houver uma pressão para que respondam rapidamente à tarefa. A medida de tempo de reação avalia o processamento automático e é uma forma de medir o nível de dificuldade da tarefa e o nível de esforço para completá-la. Dessa forma, “assume-se que, quanto maior o esforço, mais árduo e complexo é o processamento, ou seja, maior a demanda cognitiva que o processamento da linguagem na tarefa em questão exige do falante”. (Finger, 2015, p. 57).

Neste trabalho, abordamos um tema ainda pouco pesquisado no Brasil, que é o processamento da variação linguística no nível lexical. Pelo viés psicolinguístico, foi aplicada uma tarefa experimental de decisão lexical. Pelo viés da Sociolinguística, descrevemos as crenças linguísticas dos estudantes quanto à variação regional. Dessa forma, a partir da investigação do processamento da variação lexical, é possível relacionar com as crenças que os estudantes trazem sobre essa variação, buscando verificar se crenças mais positivas apresentam relação com um desempenho melhor no processamento e vice-versa. Além disso, conforme Freitag (2020), o processamento da variação linguística pode contribuir para avaliação da consciência sociolinguística que os indivíduos apresentam de um fenômeno variável, no caso em análise, a variação lexical (por exemplo, carne moída ~ guisado).

Com base nisso, o objetivo geral deste trabalho é verificar de que forma as crenças linguísticas de estudantes do Ensino Fundamental II se relacionam com o processamento de uma variante lexical regional. Os objetivos específicos são:

- a) Investigar o efeito da variação linguística diatópica no processamento de palavras;
- b) Analisar quais são as crenças de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II sobre a variação linguística regional, no que tange ao nível lexical;
- c) Relacionar as crenças de estudantes sobre a variação linguística diatópica com os dados de processamento, resultantes da tarefa de decisão lexical.

Dessa forma, o trabalho aborda as crenças dos estudantes, relacionando-as ao processamento linguístico. Além disso, a partir da relação dos resultados da tarefa de decisão lexical e do questionário, haverá um preenchimento de lacuna, tanto no que diz respeito ao processamento da variação linguística no nível lexical, quanto ao trabalho sobre crenças linguísticas. É importante destacar que este trabalho pode contribuir para a resolução de problemas no que se refere às crenças linguísticas, pois elas dificultam a aceitação da própria fala, principalmente dos falantes das variedades mais populares, e isso pode ter consequências diretas na aprendizagem. Dessa forma, este trabalho pode contribuir para que os professores possam desenvolver atividades que abordem a variação linguística, visto que o estudo das crenças dentro da escola não analisa somente a avaliação do estudante sobre a variação linguística, mas também aponta alternativas que possibilitam que os professores partam daquilo que o estudante crê para, então, desenvolver competências linguísticas.

Esta pesquisa pode ter implicações para o trabalho com a variação, pois é importante que se tenha um embasamento teórico consistente acerca da linguagem em seu funcionamento social, para que os professores e futuros professores possam atuar, de forma competente, na orientação da aprendizagem e na formação contínua dos estudantes.

Como afirmam Coelho *et al.* (2020, p. 153), para formar e informar, o professor precisa, antes de tudo, conhecer, assim como propõe Faraco (2020). Ao proporcionar condições para que os estudantes saibam refletir sobre os fenômenos da linguagem, principalmente, no que diz respeito às variedades linguísticas, combatendo estigmas, discriminação e preconceitos referentes ao uso da língua, o professor precisa saber

fazer isso – “não de forma superficial, seguindo o senso comum, mas de fato com embasamento científico e domínio conceitual”.

Faraco (2020) determina três objetivos da Pedagogia da Variação Linguística: i) conhecer a variação; (ii) entender e respeitar e, iii) entender e transitar com segurança pelas heterogeneidades linguísticas. Faraco (2020), propõe construir, juntamente com a pedagogia da variação, uma pedagogia da norma de referência. De acordo com o autor, a norma de referência (norma-padrão) deveria estar relacionada com o português brasileiro falado, isto é, as normas cultas faladas, no entanto, essa não é a realidade brasileira.

Ao investigar sobre as crenças linguísticas dos estudantes e o processamento da variação regional no nível lexical, este trabalho pode contribuir para que haja respeito às diferentes formas de falar, pois a partir do entendimento das crenças que os estudantes carregam consigo, os professores podem buscar novas maneiras de trabalhar com a variação linguística em sala de aula, provendo o respeito à diversidade linguística. Os estudantes têm direito de se apropriarem da norma culta, mas isso deve ser feito de uma maneira que não trate com preconceito a variedade linguística que trazem, de modo que a sua identidade é representada por sua língua.

Para investigar o efeito da variação linguística diatópica no processamento de palavras foi realizada a tarefa de decisão lexical. Para isso, escolheu-se quatro conjuntos de estímulos: i) estímulos-alvo, contemplando a variante padrão e regional; ii) palavras-controle, contendo índices de frequência e extensão semelhantes às variantes padrão; iii) palavras distratoras, palavras do PB que são utilizadas de modo geral por todos e, iv) pseudopalavras, palavras que têm fonotaxe do PB, mas que não se configuram como item lexical. Além disso, cada um dos estímulos foram classificados de acordo com a categoria de significado social proposta por Labov (2008), isto é, os estímulos foram classificados em indicadores (refletem a variação social – idade, grupo social –, mas têm pouco efeito sobre o julgamento do ouvinte quanto ao status social do falante), marcadores (traços que mostram tanto variação social quanto estilística e têm efeitos consistentes sobre o julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o status do falante) e estereótipos (tópicos externos de impacto social na comunidade de fala, rotulados socialmente e que podem, ou não, corresponder ao comportamento linguístico real). A partir da seleção desses estímulos, foram formuladas previsões experimentais sobre como ocorrerá o

processamento de palavras. Além disso, para verificar quais as crenças dos estudantes do 9º ano sobre a variação regional, foi aplicado um questionário. Antes de aplicar os dois instrumentos de coleta de dados, foram realizados estudos-pilotos para uma maior confiabilidade nos dados.

As previsões experimentais adotadas neste estudo, referentes à investigação do efeito da variação linguística no processamento de palavras e das crenças linguísticas, são: (a) as variantes regionais seriam processadas como palavras reais, isto é, teriam maior acurácia do que as pseudopalavras, mas com tempo de reação mais próximo das pseudopalavras do que das variantes padrão; as pseudopalavras demandariam maior tempo de reação e menor acurácia; as variantes padrão e controle teriam médias de acurácia e tempos de respostas semelhantes, e as variantes regionais estigmatizadas teriam menor acurácia e demandariam mais tempo de processamento do que as variantes indicadoras. Essas previsões são baseadas no estudo de Freitag e Souza (2019). (b) Os estudantes reconheceriam que existe variação na forma de falar de cada região e que devem adequar o seu modo de falar dependendo do contexto em que estão inseridos. No entanto, teriam a concepção de que algumas pessoas usam melhor a língua do que outras e de que existem lugares que usam palavras melhores e possuem um sotaque melhor do que outros. Essas previsões são baseadas nos resultados encontrados nos estudos investigados (Marques; Baronas, 2015; Santos, 2017; Correia, 2022) e no estudo-piloto realizado. Além disso, (c) aqueles estudantes que apresentaram menor média de acurácia nas respostas às variantes regionais e padrão teriam crenças menos favoráveis à variação linguística e aqueles estudantes que apresentaram maior média de acurácia em resposta às variantes regionais e padrão teriam crenças mais favoráveis à variação linguística. Essa previsão é mais exploratória, visto que não encontramos outros estudos que a investigaram.

A partir dessas previsões experimentais, que foram verificadas de forma direta por meio do experimento – tarefa de decisão lexical –, foram formuladas as seguintes hipóteses: (a) O processamento linguístico pode ser influenciado pelo efeito de normatividade, especialmente no caso de falantes com níveis maiores de escolaridade. Em contexto experimental, principalmente quando as tarefas envolvem leitura, formas vinculadas à variedade padrão são processadas mais rapidamente, até mesmo por falantes que tem uma variedade não padrão como vernáculo. (b) As

crenças linguísticas se constroem e influenciam a avaliação e a construção de atitudes e comportamentos. (c) Julgamentos negativos baseados em crenças negativas sobre variedades não padrão podem afetar o comportamento linguístico.

Para cumprir com os objetivos propostos, a pesquisa foi realizada com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Educação Básica Professor Justino Costa Quintana, localizada na cidade de Bagé (RS). A escolha deste ano escolar foi motivada duas razões principais. A primeira diz respeito ao trabalho com a variação linguística, que acontece, principalmente, no Ensino Fundamental e, por isso, visamos verificar com os concluintes dessa etapa como ocorre o processamento e se há algumas crenças relacionados ao trabalho com esse tema em sala de aula. Além disso, os estudantes estão em uma idade em que já moldaram as suas crenças. Porém, ainda há a possibilidade de alterar as suas concepções sobre a língua durante o Ensino Médio. O segundo motivo tange à existência de diversos estudos empíricos realizados no 9º ano, como os de Marques e Baronas (2015), Oliveira (2016), Frasson (2016), Silva (2019) e Farias e Silva (2022), que possibilitam fazer relações diretas com esta pesquisa.

A presente dissertação estrutura-se da seguinte maneira: no segundo capítulo, é apresentada a fundamentação teórica, com os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística, da variação linguística, da variação lexical, estudos que abordam a variação lexical no ensino e estudos empíricos da variação linguística voltados para o ensino de português como língua materna. Além disso, são apresentados os estudos empíricos sobre o processamento da variação linguística e estudos sobre crenças linguísticas. No terceiro capítulo, é apresentado o método de pesquisa, que contempla os objetivos e hipóteses, os participantes, os procedimentos éticos e os instrumentos utilizados para a coleta de dados. São descritos, ainda, a tarefa de decisão lexical, os estímulos selecionados para a pesquisa e o estudo-piloto realizado para seleção dos estímulos. Além disso, são apresentados o questionário de crenças, o estudo-piloto realizado e os procedimentos da coleta de dados. Por fim, é apresentado de que forma foram feitas as análises da tarefa de decisão lexical, das crenças e a análise comparativa entre os dois conjuntos de dados. No quarto capítulo, são apresentados os participantes da pesquisa, os resultados da tarefa de decisão lexical, do questionário e da análise comparativa. Ademais, são feitas discussões

sobre as previsões iniciais. No quinto e último capítulo, são apresentadas as considerações finais.

2 Revisão da literatura

Este capítulo apresenta os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (subseção 2.1), os estudos encontrados sobre a variação lexical (subseção 2.2) e como a variação lexical está presente no ensino (subseção 2.3). Além disso, são apresentadas considerações sobre a variação linguística e alguns dos estudos empíricos que envolvem o ensino de português brasileiro (PB) como língua materna (subseção 2.4), a fim de verificar como está acontecendo o trabalho com a variação linguística em sala de aula e como os estudantes recebem esses conteúdos. Ademais, são apresentados os estudos empíricos realizados sobre o processamento da variação linguística (subseção 2.5). Também, é apresentado o conceito de crença linguística e estudos que buscam verificar as crenças e atitudes dos estudantes sobre a variação linguística no ensino básico (subseção 2.6). Esta revisão de literatura é importante para identificar o que já foi pesquisado sobre o tema, a partir dela é possível conhecer quais as lacunas a serem preenchidas, as bases teóricas e os achados acerca do tema. Além disso, a partir dela é possível fazer comparações com os resultados encontrados na presente pesquisa.

2.1 Pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista

A Teoria da Variação ou Mudança Linguística, também denominada de Sociolinguística Laboviana ou Quantitativa (Labov, 2008 [1972]), tem como objetivo principal o estudo da variação e da mudança da língua no contexto social da comunidade de fala. Para os sociolinguistas, a variação é algo inerente a toda língua, constituída de uma heterogeneidade ordenada, princípio importante para identificar grupos e determinar as diferenças sociais da comunidade (Coan; Freitag, 2010). A Sociolinguística é, portanto, uma subárea da Linguística que estuda as relações entre língua e a sociedade, tendo como foco as regras variáveis da língua, isto é, aquelas que permitem que se alternem duas ou mais variantes.

A Sociolinguística é uma área relativamente recente da Linguística (Coelho *et al.*, 2020). A partir das diversas orientações teóricas sobre os estudos da linguagem, aconteceu, nos Estados Unidos, em 1966, o simpósio denominado “Direções para a Linguística Histórica”, proposto por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog, no qual foi resgatada a discussão sobre os estudos da mudança linguística e sobre as suas motivações sociais, tendo por objetivo propor “um novo conjunto de fundamentos para o estudo da mudança” (Coelho *et al.*, 2020, p. 57). Foi, nesse momento, que Weinreich, Labov e Herzog lançam os fundamentos para a teoria da variação e mudança linguística. Desde então, Labov, principal expoente da Sociolinguística Variacionista, desenvolveu diversos trabalhos voltados para o estudo da língua em seu contexto social, dando foco em sua pesquisa na variação fonético-fonológica da língua inglesa.

Um dos trabalhos de Labov sobre a variação fonética dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/ foi realizada na comunidade da Ilha de Martha’s Vineyard, no estado de Massachusetts (EUA), em 1962 (Labov, 2008). Nessa pesquisa, ele verificou a frequência e distribuição das variantes fonéticas nas diversas regiões, faixas etárias, grupos profissionais e étnicos dentro da ilha, buscando reconstruir a história recente da mudança sonora estudada. Além disso, a questão da identidade e da atitude dos falantes se mostrou pertinente para a pesquisa.

A motivação para a pesquisa de Labov (2008) foi a percepção de que os ditongos /ay/ e /aw/ poderiam ser pronunciados de diferentes maneiras, pois, além das variantes padrão – [ay] e [aw] – havia outras que tendiam à centralização da primeira vogal. Dessa forma, cada variável controlada por Labov apresentava três variantes: /ay/ poderia ser pronunciado como [ay], [əy] e [ey], e [aw] poderia ser pronunciado como [aw], [əw] e [ew].

A ilha investigada é dividida em duas partes a partir de uma distribuição informal, entre ilha alta (*up-island*) e ilha baixa (*down-island*). A ilha baixa é a região a qual se encontram os vilarejos e onde vivem quase três quartos da população permanente. A ilha alta é estritamente rural, com poucos lugarejos, fazendas, casas de veraneio, lagoas e pântanos, e uma grande área central desabitada (Labov, 2008). Além disso, nos meses de junho e julho, cerca de 42.000 veranistas chegavam à ilha. A partir disso, Labov procurou dados dos ditongos /ay/ e /aw/ em diferentes situações: fala casual, através da observação da interação entre falantes na rua, nos bares, em

lanchonetes e em diversos lugares onde o som da conversa pública poderia ser anotado ou gravado; na fala com acento emocional, através de questionário que requeriam os juízos de valor dos informantes sobre as formas linguísticas; na fala cuidada, através de entrevistas; e na leitura, pedindo aos informantes que lessem uma história em voz alta. As informações básicas recolhidas foram reunidas no curso de 69 entrevistas com os falantes nativos da ilha.

Os resultados de Labov sobre a variação fonética indicaram que a identidade dos falantes, no que diz respeito ao sentimento de pertencimento a um local, pode se mostrar um condicionador extralinguístico que motiva a variação linguística, pois aqueles que se identificam com a ilha e são contra a presença dos turistas tendem a centralizar mais os ditongos /ay/ e /aw/ a fim de preservar sua marca de identidade. Por outro lado, aqueles que são neutros ou reagem positivamente ao turismo apresentam uma menor escala de centralização ou não a apresentam. Dessa forma, os resultados de Labov indicaram que a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ está associada à estratificação social dos informantes, muito mais do que aos fatores de natureza interna, isto é,

as explicações encontradas não estavam na estrutura da língua – não havia quase nada no contexto linguístico que condicionava um falante a pronunciar de uma maneira ou de outra os ditongos pesquisados –, mas sim fora da 17 língua, no contexto social dos informantes da pesquisa (COELHO *et al.*, 2020, p. 51).

A partir do estudo de Labov (2008), pode-se depreender que o foco da Sociolinguística são as regularidades encontradas na variação, buscando entender, descobrir e interpretar o comportamento dos fenômenos variáveis, que apresentam motivações dentro e fora da língua e que podem ou não levar à mudança linguística. A mudança implica em um processo de substituição gradual de uma forma linguística por outra. Labov (2008, p. 21) afirma que, para entender o desenvolvimento da mudança linguística, é preciso levar em consideração a vida social da comunidade em que ela ocorre, isto é, “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto do passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”.

Conforme Labov (2008), a variação linguística presume a opção de se referir ao mesmo conceito de diferentes maneiras, isto é, as variantes diante de um mesmo contexto são idênticas em valor de verdade ou referencial, porém se opõe em sua

significação social e/ou estilística. Sendo assim, o caráter heterogêneo do sistema linguístico é resultado de duas ou mais formas em variação, isto é, duas ou mais variantes que se alternam a partir de condicionadores internos/linguísticos e externos/extralinguísticos. Esses condicionadores auxiliam os analistas a delimitar quais os contextos mais favoráveis para a ocorrência das variantes em estudo. Além disso, a variação não compromete o funcionamento do sistema linguístico e nem a comunicação entre falantes (Coelho *et al.*, 2020).

Não é possível falar de variação linguística sem tratar dos campos sociolinguísticos que compõem essa variação, que são: regional ou geográfica ou diatópica, social, estilística e na fala e na escrita (Labov, 2008). A *variação regional*, também chamada de diatópica, é a responsável por podermos identificar a origem de uma pessoa pela maneira como ela fala, isto é, é a variação que ocorre em função do espaço geográfico de onde o falante é originário. Através da língua que é possível saber que um falante é gaúcho, mineiro ou baiano.

O aparato teórico-metodológico da Sociolinguística permite sair no nível caricato da variação regional e descobrir quais são as marcas linguísticas que caracterizam a fala de uma determinada região em relação à outra. Em geral, “itens lexicais particulares, certos padrões entonacionais e certos traços fonológicos respondem pelo fato de que os falantes de localidades diferentes apresentem dialetos diferentes de uma mesma língua” (Coelho *et al.*, p. 38, 2020).

É importante destacar que a variação regional, algumas vezes, está associada à etnia colonizadora da comunidade (Coelho *et al.*, 2020). Isso acontece, pois a língua do povo colonizador acaba influenciando a língua da região colonizada. No Brasil, apesar do território ter sido colonizado inicialmente pelos portugueses, houve um grande fluxo migratório de diversos povos (italianos, alemães, espanhóis, entre outros) e de povos africanos trazidos como mão de obra escrava além dos povos indígenas que aqui habitavam.

A *variação social*, também chamada de diastrática, diz respeito às diferentes características sociais dos falantes. Os principais indicadores sociais que são correlacionados à variação linguística são o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, o sexo/gênero e a faixa etária.

A *variação estilística* ou diafásica resulta dos papéis sociais que os falantes desempenham nas diferentes situações comunicativas. Os papéis sociais se alteram

de acordo com a situação de comunicação da qual o falante participa e estão associados aos tipos de relações que ocorrem entre o locutor e o seu interlocutor, ao contexto ou domínio social em que ocorre a interação e ao assunto sobre o qual se está conversando.

A *variação entre fala ou escrita*, também conhecida como *diamésica*, é um tipo de variação linguística diferente dos demais, pois concerne a características de dois códigos distintos. Por isso, é importante entender que existem diferenças entre o meio falado e o meio escrito. No texto falado, na maioria das vezes, há uma atividade espontânea, improvisada e suscetível à variação nos diversos níveis. Já no texto escrito, em sua grande maioria, há uma atividade artificial, ensaiada e um pouco menos variável. Essas diferenças devem ser relativizadas, já que a relação entre fala e escrita não é dicotômica, mas contínua (Coelho *et al.*, 2020).

Dessa forma, percebe-se que a variação pode se manifestar de diferentes formas nos níveis da língua. Toda e qualquer variação estará atrelada a fatores de ordem linguística e/ou extralinguística, no entanto, esses fatores influenciarão de formas diferentes essas variações relacionadas à situação de uso.

A língua coloca à disposição do falante diferentes formas de expressar os mesmos significados referenciais, sem perder a sua estrutura e o seu poder como instrumento de comunicação. Além disso, a variação observada nos falantes tem grande influência em como eles avaliam a sua língua e a língua utilizada pelos outros, isto é, a variação é rica em significado social (Coelho *et al.*, 2020). De acordo com Coelho *et al.* (2020, p. 16), as diferentes formas que utilizamos ao falar ou escrever dizem quem somos, “dão pistas a quem nos ouve ou lê sobre o local de onde viemos, o quanto estamos inseridos na cultura letrada dominante de nossa sociedade, quando nascemos, com que grupos nos identificamos, entre várias outras informações”.

Dessa forma, percebe-se que as regras variáveis da língua são sistemáticas, isto é, indicam padrões linguísticos e padrões estilísticos e sociais de comportamento. As formas variantes da língua, além de veicularem significados referenciais, também veiculam significados sociais. Segundo Coelho *et al.* (2020), há uma confusão entre fazer um julgamento à língua e um julgamento ao falante, que permite a existência e a perpetuação do preconceito linguístico. Segundo Bagno (2009), o preconceito linguístico é todo o juízo de valor negativo às diferentes variedades linguísticas, com base em crenças sem fundamento científico acerca das línguas e de seus usuários.

Dessa forma, há uma discriminação quando o falante não faz uso da norma padrão, tida como ideal. A esse respeito o autor destaca:

Mas o preconceito, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de autoconscientização para que alguém comece a reconhecer suas próprias atitudes e passe a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito linguístico (Bagno, 2020, p. 114-115).

Uma das contribuições da Sociolinguística é desmistificar a ideia de que há formas variáveis de uma língua que sejam melhores ou mais corretas do que as outras. Além disso, o uso de uma ou outra variante não tem relação com a capacidade cognitiva do falante. Esse julgamento é, então, social e não tem base linguística. Entretanto, não é só para a manutenção do preconceito linguístico que se concebem os significados sociais da variação. As formas linguísticas também veiculam quem somos, de onde viemos, que atitudes temos em relação a determinado grupo, entre outros.

Labov (2008), reconhecendo que há julgamentos sociais conscientes e inconscientes sobre a língua, formulou três categorias de significado social das formas em variação: estereótipos, marcadores e indicadores. Essas categorias foram baseadas no nível de consciência que um falante tem sobre determinado fenômeno variável.

Os estereótipos, conforme Labov (2008), são traços socialmente marcados de forma consciente. Alguns desses traços podem ser estigmatizados socialmente e podem levar à mudança linguística mais rápida e à extinção da forma que é estigmatizada. Outros podem apresentar prestígio que varia de um grupo para outro, podendo ser positivos ou negativos. Segundo Labov (2008), o estereótipo é um fato social, que parte do conhecimento geral dos indivíduos da sociedade. Isso é verdade mesmo quando o estereótipo não corresponde a nenhum conjunto de fatos objetivos. Um exemplo de estereótipo é a consoante /t/ pronunciada como [tʃ] ao invés de [t], como em “oito”, que indexicalizam de forma bem clara os falantes que as usam. Conforme Labov (2008),

[o]s membros da comunidade de fala se referem aos estereótipos e falam sobre eles; podem ter um rótulo geral e uma frase característica que serve

igualmente bem para identificá-lo [...]. Alguns traços estereotipados são muito estigmatizados, mas notavelmente resistentes e duradouros [...]. Outros têm prestígio variável, positivo para algumas pessoas e negativos para outras (Labov, 2008, p. 360-361).

Os marcadores são traços linguísticos sensíveis à estratificação social e estilística, que podem ser percebidos a partir de testes de avaliação (Labov, 2008). Coelho *et al.* (2020, p. 66) afirmam que resultados de testes têm mostrado que os falantes, apesar de rejeitarem alguma variante, não necessariamente deixam de usá-la, pois “o julgamento social, assim como o uso, nem sempre é consciente”. Conforme Labov (2008, p. 360), embora os marcadores possam estar abaixo do nível da consciência, “produzirão respostas regulares em testes de reação subjetiva”. Exemplo de marcador é a variação existente entre os pronomes “tu” e “você” em algumas regiões do Brasil. O uso desses pronomes, nesse caso, está relacionado com variáveis estilísticas.

Por último, os indicadores são traços que estão abaixo do nível da consciência e, por isso, têm pouca força de avaliação, podendo haver diferenciação social de uso “segundo a idade e o grupo social”, mas sem exibirem “nenhum padrão de alternância estilística” (LABOV, 2008, p. 360). Exemplo de indicador é a monotongação dos ditongos /ey/ e /ow/, como em peixe/peixe, couro/coro.

As atitudes dos falantes sobre esses julgamentos sociais se manifestam, segundo Coelho *et al.* (2020), em dois níveis: o da avaliação linguística e o da avaliação social. A avaliação linguística está relacionada com a utilidade funcional das formas, ou seja, a eficiência comunicativa na interação social. Os sistemas linguísticos que estão em variação/mudança disponibilizam aos falantes uma gama de possibilidades para que possam expressar uma informação referencial/representacional e, com isso, os falantes têm competência para usar e compreender diferentes variantes conforme sua significação social, o contexto de fala e o seu interlocutor.

A avaliação social das formas em variação pode ser observada no comportamento de um grupo, isto é, “os membros de uma comunidade de fala atribuem significado social às formas linguísticas” (Coelho *et al.*, 2020, p. 92). É a partir da avaliação social que são inseridas as noções de estereótipo, marcador e indicador, que podem estar relacionados a diferentes estágios de uma mudança linguística.

O início de uma mudança, frequentemente, se situa abaixo do nível da consciência, sendo assim, não sofre avaliação social (Coelho *et al.*, 2020). Em um estágio posterior, as formas linguísticas são motivadas por fatores sociais e/ou estilísticos. E, por último, as formas começam a receber um reconhecimento social e explícito – “é nesse nível que aparecem os estereótipos, normalmente associados a reações negativas (tanto em relação à forma como em relação ao indivíduo que usa) e as correções em direção a uma forma mais conservadora” (Coelho *et al.*, 2020, p. 92). A mudança linguística, muitas vezes, inicia-se em um determinado grupo, associada a um valor social e, aos poucos, vai se expandindo para outros grupos. Conforme Labov (2008),

[a] variação no comportamento linguístico não exerce, em si mesma, uma influência poderosa sobre o desenvolvimento social, nem afeta drasticamente as perspectivas de vida do indivíduo; pelo contrário, a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante. Esta maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador para mudança social (Labov, 2008, p. 140).

Labov (2008) afirma que a mudança, primeiramente, aparece como um traço característico de um dado subgrupo, sem atrair a atenção de ninguém. À medida que essa mudança avança dentro do grupo, “ela pode também se difundir para fora, numa onda, afetando primeiramente os grupos sociais mais próximos do grupo de origem” (Labov, 2008, p. 366). Dessa forma, o traço linguístico fica, inevitavelmente, associado às características do grupo de origem, independente de qual for o prestígio ou os valores sociais relacionados a este grupo pelos demais falantes da comunidade. Labov (2008) acrescenta que o crescimento da área afetada pode ser detido por fatores linguísticos, sociais, por descontinuidades históricas ou pelo prestígio negativo do grupo. Nesse sentido, o traço linguístico pode ser um *indicador* de distância social, no que diz respeito ao grupo de origem e de idade.

À medida que essa mudança original adquire uma maior complexidade, ela também adquire um valor social mais sistemático e é corrigida ou refreada na fala formal, o que Labov (2008) caracteriza como um marcador. A partir disso, ela pode, finalmente, ser rotulada como um *estereótipo*, que é debatido e notado por todos. O futuro desse estereótipo dependerá da sorte do grupo ao qual ele está associado.

Se o grupo se mover para a corrente dominante da sociedade, e receber respeito e proeminência, então a regra nova pode não ser corrigida mas, sim, incorporada ao dialeto dominante à custa da forma mais antiga. Se o grupo for excluído da corrente dominante da sociedade, ou se seu prestígio diminuir, a forma linguística ou regra será estigmatizada, corrigida e até mesmo extinta (Labov, 2008, p. 367).

Conforme Coelho *et al.* (2020), o nível da consciência social é, também, um fator que determina a mudança linguística. A atitude social positiva ou negativa no que diz respeito às formas que estão em variação/mudança pode ser medida a partir de testes de atitude/avaliação sobre os diferentes usos linguístico da comunidade. Os autores dizem que há uma correlação entre uso linguístico e valor social nos termos a seguir:

1. Variantes de maior prestígio estão associadas, quase sempre, a estilos de fala mais formais, ao passo que variantes de menor prestígio se associam a estilos de fala mais informais (ao vernáculo);
2. Variantes mais conservadoras (e, em geral, mais prestigiadas) são usadas majoritariamente no trabalho, enquanto as mais inovadoras são preferidas na interação com os amigos (e familiares) e nas brincadeiras (COELHO *et al.* (2020, p. 93).

A variação observada nos falantes tem uma grande influência no modo como eles avaliam a sua língua e a língua dos outros. A língua coloca à disposição diversas formas para expressar os mesmos significados referenciais, sem que perca a sua estrutura e o seu poder como um instrumento de comunicação com isso (Coelho *et al.*, 2020). Isso deve ser ensinado dentro da sala de aula para que os estudantes consigam utilizar a forma mais adequada para cada situação comunicativa que estiverem inseridos. Dessa forma, aprenderão que as línguas variam e mudam com o tempo e, assim, respeitarão a linguagem não padrão, tendo a percepção de que ela é apenas diferente da linguagem da escola.

Na próxima subseção, são apresentados os estudos encontrados sobre a variação lexical da região Sul do Brasil, em que é possível verificar as diversas formas que a língua coloca à disposição para expressar o mesmo significado na região. Além disso, os estudos mostram a origem de cada uma das variantes e o que fez com que elas predominassem em determinadas regiões.

2.2 Variação lexical no Sul do Brasil

Os estudos encontrados sobre variação lexical giram em torno de bancos de dados (Margotti; Rocha, 2008; Pinho; Margotti, 2009; Romano; Aguilera, 2014), como é o caso do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (Altenhofen; Klassmann, 2011). O banco de dados do ALERS foi objeto de diferentes estudos sobre a variação lexical na região Sul com diferentes perspectivas, como de contatos linguísticos ou até mesmo para delimitar áreas dialetais. Nesta seção, são apresentados alguns desses estudos. Procurou-se investigar estudos que abordassem a variação lexical no Sul do Brasil e que trouxessem análise de variantes retiradas de bancos de dados.

Margotti e Rocha (2008) apresentaram e analisaram as variantes *sanga* e *cerro*, delimitando as áreas de uso dessas variantes nos três estados da região Sul do Brasil e considerando os empréstimos lexicais no português de contato com o espanhol. Para isso, analisam duas cartas linguísticas do ALERS, carta 001 (morro) e carta 007 (riacho). O artigo foca na análise das variantes lexicais *cerro* e *coxilha* e da variante *sanga* com suas duas variações: *sanguinha/sangão*. Desse modo, os autores discutem a etimologia das palavras, as respectivas acepções e a arealização dos itens lexicais *cerro* e *sanga* a partir de análise de obras lexicográficas do espanhol e do português.

A palavra *cerro* ocupa dois terços do RS. No entanto, aparece também em dois pontos de SC e em três pontos do PR. A palavra *coxilha* é mencionada em uma cidade, no PR. Os três pontos do PR coincidem com a área de atuação da migração de gaúchos em direção ao Centro-Oeste do país. Já a referência de *cerro* na cidade de SC pode ser explicada pela proximidade do município com a cidade de Lages, antiga parada dos tropeiros que subiam do Sul em rumo a São Paulo. Com relação às palavras *sanga*, *sanguinha* e *sangão*, os dados mostram que ultrapassam os limites geográficos do RS e SC, acompanhando, assim, a movimentação interna dos gaúchos rumo ao norte, passando pelo Oeste de SC e PR.

Os autores concluem que a difusão das variantes lexicais na região Sul projeta-se do sul para o norte a partir das fronteiras com o Uruguai e a Argentina, “ora fazendo o percursos das rotas de migração dos gaúchos rumo à exploração do Centro-Oeste

do país, ora avançando em direção ao Centro de Santa Catarina e Paraná, delineando os caminhos dos tropeiros” (Margotti; Rocha, 2008, p. 9).

Pinho e Margotti (2009) tratam de aspectos da variação lexical na Região Sul do Brasil, mais especificamente a variação diatópica no emprego do vocábulo *demônio*. O propósito do estudo centra-se na descrição e análise das questões 497 e 498 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALERS. As questões analisadas trazem a seguinte formulação: “Deus está no céu e no inferno está o?” e “Que outros nomes dão para ele?”. Os autores analisam a variação da palavra *demônio* na região Sul. Também comparam os dados do ALERS das zonas rurais e urbanas, a fim de descobrir em qual delas existe maior variação lexical no emprego da palavra *demonho*.

Obteve-se um registro significativo da variante não padrão *demonho*, em dezesseis pontos no Sul do Brasil, totalizando oito ocorrências em SC e oito ocorrências no PR. Sendo assim, no RS há uma realidade dialetal bem distinta, pois no território gaúcho não houve ocorrências de *demonho*. A região oeste de SC em que predominantemente não ocorreu a denominação *demonho* possui uma afinidade dialetal maior com o RS. Isso se explica pela origem histórica dos colonizadores do oeste que vieram de terras gaúchas.

Dessa forma, os dados analisados confirmam a hipótese dos autores de que SC é uma área de transição entre o PR e o RS, hipótese já testada por estudiosos (Koch, 2000; Altenhofen, 2005; Margotti; Vieira, 2006). Em relação à diferença entre os dados das zonas rural e urbana, os autores afirmam que

tudo leva a crer que as condições sociais das zonas rurais propiciam a formação de novas variantes para um mesmo vocábulo. Assim, é em tais regiões que mais facilmente encontra-se um léxico mais repleto/rico de regionalismos, portanto, com marcas mais peculiares e próprias do dialeto local. Traços que são impressos pela cultura daqueles que fazem uso da língua. Por outro lado, nos centros urbanos há uma grande tendência para o uso de uma linguagem mais “padronizada”, no caso, de um léxico mais padrão e, assim, constituído por um número bem menor de regionalismos (Pinho; Margotti, 2009, p. 59).

Romano e Aguilera (2014), discutem os diferentes padrões de variação lexical na região Sul do Brasil a partir de dados geolinguísticos. Para isso, diferentemente dos outros autores, utilizaram como *corpus* de análise os dados coletados no Projeto

Atlas Linguísticos do Brasil (ALIB). Foi selecionada a questão 156 do Questionário Semântico-Lexical do projeto que traz a seguinte formulação: “como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?” Os dados também foram correlacionados com a carta 302 do ALERS.

A variante mais produtiva é *bolinha de gude*, seguida de *bolita*, *búllica/búrica* e *bolinha de vidro*. Nos estados de SC e PR, predomina a variante *bolinha de gude*. No RS, no entanto, *bolita* é a variante mais produtiva, seguida de *bolinha de gude* e *bolinha de vidro*. Comparando os dados do ALIB com a carta 302 do ALERS, verificou-se que não há registro da variante *búllica* em nenhum dos estados, porém, a variante *peca* compõe a área de *isoléxica* de SC.

No ALERS, a variante *bolita* se distribuiu na parte central e oeste do território sul-rio-grandense, entrando o oeste de SC e o sudoeste do PR, podendo identificar-se, nessa região, uma área isoléxica. Isso comprova a presença da área dialetal denominada como “corredor oeste de projeção rio-grandense”, confirmando a hipótese do avanço da área rio-grandense, através do oeste de SC até o sudoeste do PR. Como conclusão, os autores afirmam que “Santa Catarina é o estado intermediário de dois grandes padrões de variação linguística no Sul do país, o paranaense e o rio-grandense” (Romano; Aguilera, 2014, p. 585).

Os estudos encontrados sobre a variação lexical têm como foco investigar como o uso de determinadas variantes ocorre em alguns estados, principalmente, os estados da região Sul do Brasil. De maneira geral, os estudos mostram a origem de cada uma das variantes, buscando descrever as rotas realizadas pelos falantes que fizeram com que determinadas variantes predominassem na região. Além disso, mostram os diferentes padrões da variação lexical na região Sul do país. Observa-se que os estudos sobre esse tema ainda são escassos. Porém, verifica-se que esses bancos de dados são importantes para trabalhos voltados para a variação lexical no ensino, como mostra um dos estudos apresentados na subseção 2.3.

2.3 Variação lexical e ensino

Os estudos sobre a variação lexical no ensino ainda são bastante escassos, pois a variação linguística, normalmente, é trabalhada como um todo, sem especificar

os níveis linguísticos. No entanto, os estudos de Guimarães (2020), Lima, Silva e Florencio (2022) e Silva e Santos (2022) se destacaram por darem foco a investigação da variação lexical. O primeiro estudo apresenta uma pesquisa-ação em uma turma de 7º ano; o segundo faz uma análise das atividades encontradas nos livros didáticos do ensino médio e o terceiro desenvolve planos de trabalhos voltados para elaboração de material didático.

Guimarães (2020) teve como objetivo geral da sua pesquisa-ação investigar a variação lexical nas diferentes interações sociais encontradas no gênero textual meme como uma estratégia pedagógica inovadora para o ensino de língua portuguesa (LP). O gênero foi selecionado por estar bastante presente no dia a dia dos alunos nas diferentes redes sociais, além disso, pode auxiliar no trabalho com a variação lexical, a fim de levar os estudantes a entenderem que o Brasil é um país com grande diversidade e sensibilizá-los sobre a riqueza dessas variações, buscando valorizá-las.

A pesquisa foi realizada em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola estatual, na cidade de Parelhas (RN). O *corpus* da pesquisa é composto por questionários diagnósticos e vinte memes do personagem Suricate Seboso³, coletados pelos participantes em redes sociais. Nesses memes, observa-se o uso de diversas palavras e expressões que representam a cultura nordestina por meio da variação linguística de natureza lexical.

Para atingir o objetivo proposto, a autora desenvolveu uma Sequência Didática (SD), dividida em seis módulos, contextualizando a variação linguística e lexical, utilizando o gênero meme como instrumento de pesquisa, análise e reescrita e, mostrando aos estudantes as partes que constituem um dicionário. A partir dos memes pesquisados pelos estudantes e, como forma de tornar significativa a aprendizagem sobre variação lexical, a autora propôs a produção de um minidicionário, que se constituiu como principal produto da investigação. A partir da SD, os participantes foram levados a pesquisar, analisar e reescrever diálogos encontrados nos memes que apresentassem palavras e/ou expressões com variação lexical. Diante do reconhecimento dessas variações, pode-se analisar como as

³ Suricate Seboso. Disponível em: <https://www.instagram.com/suricateseboso/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

escolhas lexicais contribuem para o humor no gênero meme e como essas escolhas podem favorecer a criação de imagens preconceituosas.

Segundo a autora, as ações propostas na SD foram importantes para a aprendizagem dos estudantes, e a metodologia adotada fez com que eles reconhecessem a diversidade lexical e valorizassem a heterogeneidade da LP como “reflexo de uma língua social, heterogênea e sujeita a variações e mudanças” (Guimarães, 2020, p. 79).

Lima, Silva e Florencio (2022) descreveram e analisaram como as atividades voltadas ao tratamento da variação lexical, propostas nos livros didáticos (LDs), são dispostas. Para isso, utilizam três LDs aprovados no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2021, presentes no Ensino Médio, são eles: “Estações língua portuguesa: rotas de atuação social”, “Práticas de língua portuguesa” e “Se liga nas linguagens: português”.

Os autores buscaram atividades voltadas ao estudo do léxico a partir do trabalho com a variação lexical, porém, devido à escassez de questões sobre esse conteúdo, o recorte se restringiu a apenas seis atividades. Com base na análise das atividades, constataram que o trabalho com o léxico a partir da variação lexical se dá por meio da substituição do item lexical, isto é, o estudo do léxico nos LDs é desenvolvido mediante o trabalho com a sinonímia. A reflexão sobre os usos lexicais também é pouco realizada, tendo em vista que dos três LDs analisados, apenas uma das atividades propunha essa discussão.

Lima, Silva e Florencio (2022, p. 145) concluem que é preciso avançar na relação entre pesquisa e ensino para que o tratamento da variação lexical e o ensino do léxico sejam estudados adequadamente nos LDs. Além disso, “a utilização de textos completos e a reflexão sobre os usos lexicais podem e devem ser abordados nos LDs para que o ensino de LP possibilite aos alunos o conhecimento sobre a dinamicidade da língua”.

Os autores destacam que a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), no que diz respeito ao objeto da variação lexical, “busca desenvolver no aluno o conhecimento sobre a dinamicidade da língua” (Lima; Silva; Florencio, 2022, p. 135). Para isso, expõem a necessidade de trabalhar com atividades que se enquadrem no tema sobre a variação lexical. Diante disso, o LD pode fornecer esse aparato de atividades voltadas ao estudo do léxico a partir do trabalho com a variação lexical.

Outro estudo que analisou livros didáticos foi conduzido por Silva e Santos (2022), que apresentam o projeto “O léxico no livro didático: *corpus* ALiB”. O objeto de investigação do projeto é o modo como o ensino do léxico e da variação lexical é abordado nos livros didáticos do ensino básico. Atualmente, a pesquisa visa desenvolver planos de trabalho voltados para a elaboração de material didático, de nível fundamental, utilizando como *corpus* os dados coletados no projeto ALiB, referentes ao aspecto semântico-lexical.

O projeto tem caráter aplicado, colaborativo e interdisciplinar. Segundo as autoras, para além de ampliação do repertório linguístico do estudante, o material didático em construção tem por objetivo fomentar o respeito à diversidade e refletir sobre o preconceito linguístico, caracterizado pela estigmatização de itens lexicais ligados a seu caráter diatópico.

A partir dos dados coletados pelo ALiB, um conjunto de materiais didáticos está sendo construído, buscando despertar a consciência da variação linguística e o respeito à fala do outro através de atividades, de caráter lúdico e didático, que abordam a variedade lexical da PB. As cartas linguísticas foram selecionadas a partir da proximidade dos seus temas com o cotidiano das crianças. Através desses dados, foram construídas quinze atividades⁴, como, por exemplo, caça-palavras, palavra-cruzada, mensagem codificada, salada de frutas, entre outras. O público-alvo das atividades são crianças de nove a doze anos.

No conjunto de quinze atividades, Silva e Santos (2022) apresentam três em seu estudo: uma atividade de completar quadradinhos, construída por meio de itens lexicais referentes a jogos e brincadeiras; uma atividade de caça-palavras, construída a partir de variantes lexicais referentes à galinha d'angola e, por último, uma atividade de múltipla escolha, construída a partir da variação semântica de itens lexicais referentes a animais. As autoras concluem que o objetivo principal do projeto é contribuir para a formação crítica do estudante de Letras com relação ao ensino de variação lexical e para a construção de material didático que auxilie na

⁴ Segundo as autoras, as atividades estão passando por validação e revisão para que possam ser organizadas e formatadas para aplicação. Em sua formatação final, o material didático contará com apresentação e um material explicativo de objetivos e procedimentos, tanto para os professores, quanto para os alunos. Além disso, contará com uma seção de respostas com o gabarito para cada uma das atividades.

conscientização da variação linguística e respeito ao caráter plural da língua portuguesa.

Os estudos apresentados dão um panorama do tratamento da variação lexical no ensino. Percebe-se que há uma lacuna a ser preenchida, pois a variação lexical está pouco presente nos livros didáticos e, consequentemente, nas aulas de língua portuguesa. Dessa forma, nota-se a importância dos estudos que apresentam sequências didáticas sobre o tema, além dos materiais didáticos de apoio elaborados por Silva e Santos (2022). Nos estudos apresentados na subseção 2.4, é possível observar como ocorre o tratamento da variação linguística de modo geral em sala de aula.

2.4 Variação linguística e ensino de português como língua materna

Os estudos sobre a variação linguística no ensino de PB como língua materna utilizam como método a pesquisa-ação e a pesquisa etnográfica e buscam contribuir para as realidades investigadas, como Cyranka *et al.* (2010), Araújo (2014), Oliveira (2016), Thomaz (2016) e Farias e Silva (2022). São revisados aqui estudos em que o professor e/ou pesquisador abordou, em algum momento, a variação regional em suas práticas. Esses estudos se mostram importantes para que se possa ter uma ideia de como a variação linguística está sendo trabalhada em sala de aula e como os alunos estão recebendo esse conteúdo.

Cyranka *et al.* (2010), por meio de uma pesquisa-ação, buscaram verificar a viabilidade de adoção de uma perspectiva sociolinguística nos procedimentos didáticos do Ensino Fundamental, para o ensino e a aprendizagem das variedades urbanas prestigiadas do PB. Os autores realizaram uma proposta de intervenção com os alunos de uma turma de 5º ano e duas turmas de 6º ano do Ensino Fundamental. Além disso, foi realizada uma entrevista semiestruturada com as professoras. Nessa proposta de intervenção, foram analisadas as capacidades adquiridas pelos alunos quanto à identificação das três variedades linguísticas do contínuo rural/urbano nos níveis fonético-fonológico, morfossintático e lexical. Bortoni-Ricardo (2004) propôs a teoria dos três contínuos. Dessa forma, a autora divide a variação linguística no PB

em três contínuos: de urbanização; de oralidade-letramento e de monitoração estilística. No contínuo da urbanização, tem-se em um dos polos as variedades rurais utilizadas pelas comunidades que são geograficamente isoladas, do outro lado, encontra-se o polo das variedades urbanas, aquelas que recebem maior influência nos processos de padronização da língua. E, no meio, está a zona rurbana, aquela que está em núcleos semirrurais e recebe influência urbana. O contínuo de oralidade-letramento é dividido em dois polos: o de letramento, em que estão os eventos mediados pela língua escrita, e o de oralidade, em que não há, diretamente, influência da língua escrita. No contínuo da monitoração estilística, encontram-se dois polos: menos monitorado, isto é, com interações espontâneas, nas quais é possível prestar menos atenção à forma da língua e, o mais monitorado, que exige mais atenção e planejamento do falante.

Como resultados, os autores destacam que os alunos conseguiram perceber a diferença fonético-fonológica da variedade rural em relação à variedade urbana do português, identificaram, na variedade linguística de seu grupo social, traços de variedades fonéticas e morfossintáticas, o que nomearam como falar “misturado” e reconheceram padrões lexicais que caracterizam a variedade culta. Também, compreenderam o papel da escola de levá-los a ampliar a sua competência linguística e conseguiram se colocar dentro do contínuo, de acordo com a variedade que falam. Com relação à entrevista, as professoras confirmaram os resultados positivos e notaram as mudanças de atitudes dos alunos.

Como conclusão, Cyranka *et al.* (2010) perceberam que o trabalho com a reflexão sociolinguística em sala de aula tem mostrado a possibilidade de se construir, com os estudantes, um nível de consciência da heterogeneidade linguística, o que tem os levado a reconhecerem a legitimidade dos usos diferenciados de estruturas da língua, através de análise contrastiva entre o seu dialeto, do seu grupo social e o da escola.

Também por meio de uma pesquisa-ação, Araújo (2014) apresentou a uma turma de 5º ano uma reflexão sobre os diferentes modos de falar presentes no espaço escolar, tendo como foco o respeito às variedades do PB. A pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública de João Pessoa. A autora afirma que o trabalho surgiu da necessidade de divulgar discussões a respeito da variação linguística presente no espaço escolar, além de verificar como essa questão está sendo abordada. Dessa

forma, a autora buscou conscientizar professores e estudantes sobre a importância de se reconhecer as diferenças para que se adote uma postura em que o preconceito não faça parte.

Para que fosse concretizado o estudo, Araújo (2014) partiu do pressuposto da heterogeneidade da língua e de que não existe “certo” e “errado”, mas sim, o linguisticamente diferente. Dessa forma, a autora optou por desenvolver atividades em que os alunos pudessem refletir sobre o uso da língua. Por meio dessas atividades, que foram realizadas por 20 alunos, buscou-se conduzi-los para a construção de novas significações. A coleta de dados começou, em um primeiro momento, com a aplicação de um questionário sociolinguístico e, em um segundo momento, a pesquisadora teve uma conversa informal com os alunos sobre as várias formas de falar presentes em diversos espaços sociais. Logo após, a autora elaborou e desenvolveu uma sequência didática, que contemplava cinco atividades, distribuídas em sete horas-aula. Na conversa informal, Araújo (2014) observou que os estudantes percebem a variação, mas como algo errado, isto é, apontando o erro no modo de falar dos outros, já que em vários momentos houve risos por parte dos alunos, ficando claro que para eles a variação é algo engraçado e, não algo que acontece na língua de forma natural.

Como resultado das intervenções, Araújo (2014) aponta que foi possível constatar, através das respostas dos alunos, que a variação linguística não passa despercebida por eles, mas é como dois extremos: o certo e o errado. No entanto, se a escola promover momentos de reflexão, “que levem o aluno a entender essa variação, contribuirá de forma significativa para a formação do cidadão livre de preconceitos em relação à língua e consequentemente com maior consciência linguística” (Araújo, 2014, p. 68).

Da mesma forma, buscando realizar uma reeducação sociolinguística, Oliveira (2016) propôs uma pesquisa-ação, partindo do princípio de que há necessidade de discutir sobre a variação linguística, os processos naturais de mudança das línguas e o respeito à diversidade linguística como ponto central nas escolas em que predomina uma parcela socioeconomicamente privilegiada. A pesquisa foi realizada em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola de rede privada, na cidade de Juiz de Fora (MG).

A intervenção realizada partiu da discussão e reflexão de dois textos: o primeiro foi um fragmento da obra “Conversas ao pé do fogo”, de Cornélio Pires e, o segundo foi a música “Vida capiau”, do mesmo autor. Por meio das discussões realizadas durante a intervenção, o autor ressaltou a ideia de que fatores externos à língua motivam os processos de variação, principalmente quando determinada pelos aspectos de mudança de estilo de vida. Com os textos e as discussões realizadas, Oliveira (2016) constatou que os alunos do ensino fundamental são capazes de refletirem a respeito da língua que usam enquanto constroem uma maturidade linguística e cultural.

Para tornar a pesquisa mais clara, Oliveira (2016) aplicou um questionário de crenças na mesma turma em dois momentos diferentes, um no início da intervenção e outro ao final. Dessa forma, o autor conseguiu observar alguns aspectos sobre os hábitos socioculturais dos alunos e analisar as suas crenças no que dizem respeito à língua que falam e que estudaram ao longo dos anos de escolarização.

Os resultados da intervenção e do questionário mostram que a construção de práticas escolares que valorizem a reflexão sobre os usos reais da língua reforça a concepção de que não há melhor lugar para realizar essas reflexões do que a sala de aula. Dessa forma, é importante a participação dos professores de língua portuguesa em projeto de formação continuada, visando possibilitar aulas mais produtivas, em que as discussões sobre as diferenças linguísticas, regionais e socioeconômicas sejam tomadas como “combustíveis que propulsionam a reflexão sobre o uso e funcionamento real do português brasileiro” (Oliveira, 2016, p. 312).

Assim como Araújo (2014), Thomaz (2016) realizou uma pesquisa-ação em sua própria sala de aula, a fim de verificar a viabilidade de realizar uma reflexão sobre as diferentes formas de uso da língua nas mais variadas situações de interação, sem restringir o ensino de Língua Portuguesa ao “certo” e ao “errado”, à mera repetição e a memorização de nomenclaturas sem que se tenha um objetivo claro. Essa pesquisa foi realizada em uma sala de aula do 7º ano do Ensino Fundamental, em uma escola particular de Juiz de Fora.

A autora observou, por meio de uma produção de texto, que, embora os estudantes fossem falantes de uma variedade prestigiada, eles não dominavam muitas estruturas da língua culta, por isso, precisavam desenvolver habilidades de leitura e de escrita nessa variedade. Para o trabalho com a variação linguística,

Thomaz (2016) utilizou a teoria dos três contínuos proposta por Bortoni-Ricardo (2004). O objetivo principal da pesquisa-ação foi a construção de uma pedagogia da variação linguística, buscando que os alunos desenvolvessem sua competência comunicativa nas situações mais monitoradas do uso da fala e da escrita.

Com essa análise contrastiva, a autora percebeu que os alunos puderam identificar, com maior clareza, traços tanto fonéticos como morfossintáticos da variedade rural e da urbana. Thomaz (2016) destaca que através das reflexões que foram desenvolvidas em sala de aula, foi possível fazer com que os estudantes refletissem sobre a ideia de que não há erro linguístico frente às inúmeras construções utilizadas nos textos que eles mesmo escreveram. Essas discussões levaram os alunos “a compreenderem que as diferentes formas de falar possuem valores relativos ao prestígio social que possui a comunidade de seus falantes” (Thomaz, 2016, p. 293).

Diferentemente dos estudos apresentados, Farias e Silva (2022) realizaram uma pesquisa etnográfica, buscando investigar como a variedade linguística dos alunos de escolas rurais, localizadas no município de Imperatriz (MA), é tratada pelo professor do Ensino Fundamental, nos 8º e 9º anos, da rede pública de ensino. Para isso, as autoras pretendiam refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem, buscando contribuir com a prática pedagógica do professor de língua materna. Ainda, visavam construir caminhos que possibilitassem ao aluno entender o português como uma ferramenta de libertação. E, por último, buscavam despertar um olhar crítico para como a variedade linguística da zona rural é tratada dentro do ambiente escolar.

Os recursos para coleta de dados utilizados pelas pesquisadoras foram observação, entrevistas e análise dos textos dos alunos. Os procedimentos utilizados consistem em conversas informais e entrevistas semiestruturadas com os alunos e professores. A análise dos textos escritos pelos estudantes visava à observação das dificuldades relacionadas à aprendizagem da língua materna, tendo como foco os fenômenos fonológicos.

Como resultado das observações e das entrevistas, as autoras destacam que i) a professora percebe o uso da variante não padrão e, quando é possível, dá ao alunos o modelo da variante presente na gramática prescritiva; ii) a docente se esforça para sanar as dúvidas dos alunos sobre a diversidade linguística; iii) há exposição da variação linguística, por fazer associação aos conteúdos pertinentes e, para isso, a professora utiliza o próprio repertório linguístico dos alunos e, iv) a docente faz uso

predominante da norma padrão, aproveitando o seu turno de fala para ensinar. Com relação à análise dos textos produzidos pelos estudantes, as autoras perceberam que mesmo os alunos do 9º ano estabelecem uma relação entre fala e escrita como, por exemplo, a segmentação das palavras e a marcação de plural de forma não redundante. As autoras afirmam que o estudo ratificou a importância do trabalho do professor de língua portuguesa, “compreendendo que ele é o principal ponto de referência, da variação prescrita pela gramática normativa para os seus alunos em sala de aula” (Farias; Silva, 2022, p.70).

De modo geral, os estudos revisados nesta subseção evidenciaram que o trabalho de reflexão sociolinguística tem possibilitado construir um nível de consciência da heterogeneidade linguística, propondo contribuir significativamente para a formação do cidadão livre de preconceitos, assim como proposto por Faraco (2020), a partir da pedagogia da variação. Além disso, os estudos destacaram a importância da participação do professor em projetos de formação continuada que busquem auxiliar na elaboração de aulas mais produtivas que abordem e respeitem as diferentes variedades linguísticas presentes no nosso dia a dia.

Diante do exposto, a escola não pode desconsiderar as diferenças sociolinguísticas existentes entre os estudantes. Dessa forma, os professores e os estudantes devem estar conscientes de que existem duas mais ou menos formas de se expressar. Segundo Bortoni-Ricardo (2004), uma pedagogia sensível aos saberes dos educandos deve estar atenta às diferenças de cultura entre os estudantes e o ambiente escolar e deve “mostrar ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 38). Para que isso ocorra, é importante que os professores façam trabalhos, como os apresentados acima, a fim de trazer para o nível da consciência a variação linguística presente na fala dos estudantes e lidar com essa variação para que não se torne um preconceito linguístico.

2.5 Processamento da variação linguística

Na busca de investigações sobre o processamento da variação linguística, foram encontrados estudos sobre variação morfofonológica, morfossintática, fonológica e sintática. A maioria dos estudos selecionados aborda o fenômeno variável da concordância, como os de Henrique (2016), Marcilese *et al.* (2017), Azalim *et al.* (2018) e Jakubów e Corrêa (2019). No entanto, dois estudos se diferenciam e abordam o grau de apreciação social de um fenômeno variável fonológico, como os de Freitag e Souza (2019) e Souza e Freitag (2021) e sobre a variação linguística na aprendizagem da leitura, como o de Freitag e Sá (2019). Todos os trabalhos encontrados são apresentados, nesta subseção, com foco no objetivo, na metodologia e nos resultados encontrados.

Henrique (2016) investigou o fenômeno de variação na concordância verbal do PB. Nesse trabalho, a autora explorou o papel da distância linear entre sujeito e verbo (por exemplo, “Os livros, sobre a viagem dos navegantes do século XVI, já **menção**a o fato narrado” e “Os alunos no início da aula hoje atentamente **escutaram** a professora”) e do nível de escolaridade dos falantes na realização da concordância verbal, focalizando os aspectos cognitivos envolvidos durante o processamento da variação. Dessa forma, o objetivo geral do trabalho foi investigar o processamento da concordância verbal no PB, visto que este fenômeno é recorrente na fala e na escrita. Além disso, a autora buscou avaliar em que medida fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam o processamento das regras da realização da concordância verbal. Para atingir o objetivo proposto, Henrique (2016) utilizou uma tarefa de escuta automonitorada, uma tarefa de produção eliciada por repetição e uma tarefa de leitura automonitorada do tipo “labirinto”⁵.

Os resultados apresentados do primeiro experimento correspondem a 48 participantes, todos estudantes de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Os participantes do segundo experimento foram 41 voluntários divididos em dois grupos (Grupo 1: estudantes universitários e Grupo 2: estudantes do 1º ano do Ensino Médio) em função da variável nível de escolaridade. Os participantes do

⁵ Em experimentos que utilizam essa técnica, “a tarefa do participante consiste em fazer escolhas sobre qual de duas opções é mais adequada para dar sequência a uma sentença” (Marcilese *et al.*, 2017, p. 1308). Para o participante o foco principal da tarefa é construir uma frase completa com sentido.

terceiro experimento foram 22 estudantes voluntários dos cursos de Odontologia, Medicina, Enfermagem, Medicina Veterinária e Letras da UFJF.

Segundo Henrique (2016), os resultados do primeiro experimento sugerem que os falantes com alto nível de escolaridade interpretam as sentenças com concordância redundante e não redundante como sendo opções gramaticais e aceitáveis na língua. Os tempos médios de escuta revelaram que a condição redundante é processada mais rápido do que a não redundante. Em relação à variável congruência⁶, ela se mostrou relevante na compreensão, tanto na condição de concordância redundante, quanto na condição não redundante.

No segundo experimento, foi obtido um efeito principal de número apenas no Grupo 2 (estudantes do 1º ano do Ensino Médio), com médias maiores na condição não redundante. No entanto, no Grupo 1 (estudantes universitários) não foram registrados efeitos em relação a essa variável. Também não foi registrado efeito de distância e nem interação entre as variáveis. No que tange à variável número de repetições-alvo, a análise revelou um efeito de número no Grupo 1, com médias maiores na condição de plural, ou seja, com concordância redundante. Em relação ao nível de escolaridade, os resultados mostram que os falantes com grau de escolaridade menos elevado têm tendência a fazerem uso da concordância não redundante.

Em relação ao terceiro experimento, os resultados evidenciaram que a distância longa entre o sujeito e o verbo se mostrou um contexto favorável para a ocorrência da regra não redundante, assim como evidenciam os tempos de reação menores e as médias de respostas-alvo maiores. Os resultados também são compatíveis com a ideia de haver um processamento diferenciado dos diferentes padrões de realização da concordância no PB, que ficou refletido nos tempos de resposta maiores para as condições com concordância não redundante.

Os resultados dos três experimentos apontam para um tratamento diferenciado de ambos os padrões (redundantes e não redundantes) de realização da concordância, sugerindo um custo maior de processamento no caso da marcação morfológicamente não redundante. Em se tratando da distância linear entre o sujeito

⁶ A autora contrastou a retoma pronominal congruente (antecedente plural e retomada plural) vs. incongruente (antecedente plural e retomada singular).

e o verbo, uma maior distância entre esses elementos favoreceu a ocorrência da regra não redundante, sugerindo que esse fator tem um papel importante no processamento da concordância verbal na língua. Os resultados sobre a variável nível de escolaridade revelam diferenças sutis entre os grupos pesquisados, pois ambas as regras de concordância se mostraram gramaticais para os falantes escolarizados do PB, mas não necessariamente foram processadas de forma idêntica.

Da mesma forma que Henrique (2016), Marcilese *et al.* (2017) buscaram explorar em que medida a distância linear é um fator que se mostra relevante no processamento da concordância variável por falantes universitários. As autoras assumiram como pressuposto inicial que a concordância não redundante poderia não ser a variante mais frequente para o grupo investigado, por isso buscaram verificar se uma maior distância entre o sujeito e o verbo poderia melhorar a aceitação de sentenças nas quais o sujeito é marcado no plural e o verbo aparece no singular (por exemplo, “Policiais Militares, após denúncia, **prende** traficante do bairro Boa União”). Para isso, foi conduzido um experimento de leitura por meio de uma tarefa de labirinto. Participaram do experimento 40 adultos voluntários, todos estudantes universitários de graduação ou pós-graduação de cursos diversos.

A partir dos resultados encontrados, as autoras afirmam que tanto a distância quanto a marcação morfofonológica do sujeito parecem ter efeito no processamento da concordância verbal. Os verbos no plural foram processados mais rapidamente do que os verbos no singular. Porém, os resultados relativos ao efeito de interação entre o número do sujeito e o número do verbo revelam que a presença de um verbo no singular na condição sujeito plural + verbo singular elevou o tempo de reação no segmento crítico.

Marcilese *et al.* (2017) afirmam que os resultados obtidos são compatíveis com o efeito de distância linear no processamento da concordância, “possivelmente ligado a um maior esvaecimento dos traços do sujeito em condições de distância longa entre sujeito e verbo, as quais apresentaram os menores tempos de reação em todas as condições” (Marcilese *et al.*, 2017, p. 1319).

Além disso, os resultados sugerem diferenças no processamento das regras redundantes e não redundantes e apontam para importância da marcação na atuação dos mecanismos de verificação de traços. Através da observação da comparação entre os pares, pode-se afirmar que, “embora a análise da variância não tenha

revelado um efeito de interação entre distância e marcação no sujeito e no verbo, esses fatores parecem sim operar de forma conjunta no processamento da concordância” (Marcilese *et al.*, 2017, p. 1319).

Azalim *et al.* (2018) investigaram o processamento adulto da concordância variável de número no âmbito do sintagma determinante (DP) – por exemplo, “Antes de pendurar as roupas, limpe **os varais**” e “Antes de pendurar as roupas, limpe **os varal**”. O objetivo do estudo foi investigar o papel da saliência fônica no processamento da concordância nominal da variável no PB e avaliar em que medida os dados referentes à percepção e à produção se mostram compatíveis com o reportado a partir de análise de *corpora*.

Para isso, os autores desenvolveram dois experimentos de produção eliciada por repetição: no primeiro, foram utilizados substantivos reais do PB mais e menos salientes (por exemplo, os varais e os bonés); no segundo, foram criados pseudo-nomes repetindo o padrão fonotático da língua e mantendo a distância entre os itens menos e mais salientes. Azalim *et al.* (2018) tomaram como base a escala formulada por Scherre (1988)⁷ para avaliar a dimensão relativa aos processos morfofonológicos de formação de plural.

Participaram do primeiro experimento 36 voluntários, que foram divididos em dois grupos em função da variável nível de escolaridade (Grupo 1: ensino superior completo ou em andamento e Grupo 2: fundamental II completo). Segundo os autores, o primeiro experimento relevou uma tendência pelo uso da marca explícita de plural na maioria das situações registradas, independente do processo morfofonológico de formação dos itens em questão. Por conta desse comportamento, foi desenvolvido o segundo experimento, em que os nomes reais foram substituídos pelos pseudo-nomes. O segundo experimento foi realizado apenas com estudantes universitários. Os autores afirmam que o experimento sugere que o uso de pseudo-nomes se mostrou um recurso pertinente, pois permitiu neutralizar possíveis efeitos de

⁷ Hierarquia de saliência: (1) Plural duplo (papelzinho/papezinhos); (2) Acréscimo de -S e mudança silábica em palavras terminadas em -L (quartel/quarteis); (3) Acréscimo de -S e mudança silábica em palavras terminadas em -ÃO (seleção/ seleções); (4) Acréscimo de -ES em palavras terminadas em -R (cor/cores); (5) Acréscimo de -ES em palavras terminadas em -S (vez/vezes; freguês/fregueses); (6) Acréscimo de -S em palavras terminadas em vogal ou vogal + nasal, os chamados plurais regulares (irmão/ irmãos; lei/ leis) (AZALIM *et al.*, 2018, p. 520).

conhecimento prévio e do julgamento dos estímulos em função do prestígio social das variantes investigadas.

Os resultados apresentados, segundo Azalim *et al.* (2018, p. 541) parecem “contrariar a visão mais difundida na literatura com relação ao papel da saliência fônica na concordância nominal variável, mas se mostram compatíveis com o reportado por alguns estudos prévios”. A influência exercida pela saliência fônica sobre o comportamento linguístico dos falantes com alto nível de escolaridade não parece ser significativa. Porém, os resultados apresentados pelo Grupo 2, no primeiro experimento, sugerem que essa variável poderia ter alguma influência no comportamento de falantes com escolaridade menor. No entanto, os autores afirmam que seus resultados “sugerem que um eventual efeito estaria mais vinculado à tonicidade e não à saliência fônica em termos de quantidade de material fônico diferenciador das formas singulares e plurais” (p. 541).

Outro estudo que contemplou a variável escolaridade foi conduzido por Jakubów e Corrêa (2019). As autoras investigaram o impacto da escolaridade na produção de concordância numérica em português do Brasil por alunos do 6º ano no Rio de Janeiro. Estudos voltados para esse tema têm demonstrado que o status socioeconômico (SES) e, conseqüentemente, o nível de escolaridade afetam a produção de concordância numérica no PB, sendo a variedade padrão produzida por falantes altamente escolarizados. A fim de atingir o objetivo proposto, as autoras tomaram por base a tarefa de produção eliciada de Jakubów e Corrêa (2018) para o estudo com os alunos do 6º ano.

Os participantes foram convidados a recontar o que o robô Bob havia lhe dito. O robô produziu frases que variavam de acordo com possíveis expressões morfofonológicas de redundância em concordância numérica (por exemplo, “os cachorros encontraram o leão”, “os cachorros encontrou o leão”, “os cachorroø encontraram o leão” e “os cachorroø encontrou o leão”). Os participantes foram 77 alunos do 6º ano do ensino fundamental de escola privada e pública do Rio de Janeiro, agrupados de acordo com o tipo de escola que frequentavam.

Os resultados mostraram que os estudantes da escola privada e a maioria dos alunos da escola pública avaliaram as informações apresentadas pelo robô durante a tarefa e foram capazes de corrigir as frases, produzindo-as na variedade padrão. Dessa forma, as respostas à pergunta se Bob falava de uma forma incomum

mostraram que os alunos processaram e analisaram as sentenças não padronizadas como desviantes.

As autoras argumentam que a escolha de uma variedade particular está relacionada ao grau de proficiência sociolinguística durante a produção linguística através de um componente de avaliação que permite o mapeamento de informações contextuais. A escolha pré-sintática da variedade relacionada à conscientização das informações contextuais, sociais e dos interlocutores pode ser comparada uma espécie de bilinguismo. Os bilíngues precisam levar em conta as informações do contexto, visando inibir uma das línguas para que a outra possa ser produzida. Nos resultados apresentados, os alunos são capazes de identificar propriedades contextuais e inibir formas não padronizadas, buscando produzir a variedade padrão (Jakubów; Corrêa, 2019).

Conforme as autoras, modelos de L1 e L2 de produção de fala e proficiência linguística, baseados em habilidade comunicativas, foram reunidos para caracterizar o acesso à variedade sociolinguística de concordância numérica durante a produção de fala. Isso permitiu sugerir que o aumento da consciência sobre o uso de variedades de L1 depende do desenvolvimento de competências que antecedem a codificação gramatical, como a competência estratégica, que está ligada ao conhecimento sociolinguístico. Com base nos modelos de produção linguística de L2, as autoras argumentaram que a escolaridade pode dar origem a uma espécie de bilinguismo/bidialectalismo gradual, no qual uma variedade é escolhida antes da codificação gramatical com base em uma avaliação de informações contextuais e sociais.

Freitag e Souza (2019) realizaram uma tarefa experimental de discriminação lexical com objetivo de verificar como o grau de apreciação social de um fenômeno variável fonológico (por exemplo, cen/ow/ra – cen/o/_/ra, c/aj/xa – c/a/_/xa, ves/t/ido – ves/ tʃ/ ido, vag/em – vag/e_ e oi/t/o – oi/tʃ/o) interfere no seu julgamento como palavra. Essa tarefa foi executada com 70 participantes, estudantes de diversos cursos de graduação da Universidade Federal de Sergipe, selecionados de forma aleatória e por voluntariedade.

Os estímulos eram palavras escolhidas pelos critérios de familiaridade, de tamanho e de barramento de outros fenômenos variáveis que poderiam interferir no julgamento (por exemplo, sílabas travadas por R ou S, alçamento vocálico). Além

disso, a seleção de estímulos da tarefa de discriminação foi dividida em: i) palavras com estímulo-alvo, contemplando a variedade padrão e não padrão, ii) palavras distratoras e iii) pseudopalavras. As variáveis analisadas foram a monotongação, desnasalização e palatalização de oclusivas em ambiente progressivo e regressivo. Os participantes deveriam escutar e julgar os estímulos linguísticos em “palavra” e “não palavra” (pseudopalavra). Os dados foram analisados considerando a decisão lexical e o tipo de estímulo e a média de tempo de reação nas decisões lexicais positivas.

Como resultado, os autores mostraram que foram consideradas palavras: 31,3% das pseudopalavras e 90% das distratoras. Entre a variante padrão e não padrão, foram consideradas palavras: ditongo átono final nasal, 99,7%, contra 78,3% da realização desnasalizada; realização oclusiva em ambiente antecedido por glide, 89%, contra 75,1% de realização palatal.

Nas decisões lexicais positivas, o que demandou mais tempo foram as pseudopalavras. Ademais, todas as variantes tidas como não padrão (por exemplo, variante monotongada, variante desnasalizada, variante palatal) apresentam tempo superior à variante tida como padrão (por exemplo, ditongo decrescente, ditongo crescente, realização da átona final nasal, variante oclusiva em ambiente progressivo) em situações formais. Esses resultados apontam que as variedades do tipo estereótipo negativo (por exemplo, realização palatal em ambiente progressivo) e marcador (por exemplo, realização desnasalizada) são significativamente associadas à não palavra, ao passo que as variedades do tipo indicador (por exemplo, realização monotongada) e estereótipo positivo (por exemplo, realização palatal em ambiente regressivo) não apresentaram essa relação. O tempo de decisão lexical positiva e negativa também apresentou diferenças no julgamento de variantes do tipo estereótipo negativo e marcador.

Souza e Freitag (2021) apresentam uma nova versão do teste de decisão lexical desenvolvido para captar a apreciação social de fenômenos fonológicos variáveis. O estudo contou com uma amostra de 25 universitários de Sergipe e, como medida do desempenho da tarefa, foi considerado o tempo de reação, com a hipótese de que o maior tempo para a execução da tarefa pode sinalizar uma maior demanda cognitiva, como no caso das pseudopalavras, e das variantes estigmatizadas (Souza; Freitag, 2021). Os resultados da tarefa de decisão lexical reforçam o que já havia sido

identificado no estudo anterior: os itens com as variantes não padrão demandaram maior tempo de processamento, se comparados com as variantes padrão. Todas as variantes consideradas não padrão apresentaram tempo de reação maior do que a variante considerada padrão em situações formais da comunidade investigada.

A partir de uma interface conceitual e metodológica entre a Psicolinguística e a Sociolinguística, Freitag e Sá (2019) abordam o tema da aprendizagem da leitura, apresentando resultados de um estudo desenvolvido em uma escola municipal de São Cristóvão, no Sergipe. As autoras acompanharam uma turma de 3º ano, documentando fala, participação em atividades orais, leitura em voz alta e, aplicando um teste de compreensão leitora (TCL) nos moldes da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA). O objetivo do estudo realizado pelas autoras foi propor a identificação do perfil de leitura dos estudantes, a partir dos parâmetros presença de traços graduais⁸ na leitura em voz alta e tempo de leitura. Para validação dos resultados, Freitag e Sá (2019) compararam os resultados do perfil de leitura dos estudantes com seu desempenho em um teste padronizado nos moldes da ANA.

Os estudantes participaram de quatro coletas em diferentes momentos. Os procedimentos de documentação foram realizados em etapas, cada uma delas correspondendo a um contexto estilístico de maior ou menor monitoramento da fala: fala espontânea – atividade oral – leitura em voz alta. Freitag e Sá (2019) computaram os acertos no TCL para analisar a variância entre o tipo de leitura e o desempenho no teste e a taxa de traços graduais na leitura em voz alta.

Os resultados apontam que “quanto maior o monitoramento no gradiente estilístico, maior a realização da forma de prestígio” (Freitag; Sá, 2019, p. 59). A análise das ocorrências dos traços graduais e descontínuos em um gradiente de monitoramento estilístico evidencia, conforme as autoras, que os alunos que têm consciência sociolinguística transpõem a variante consolidada na fala espontânea e nas atividades orais para a leitura em voz alta. Conforme Ualt, Mozzillo e Limberger (2022), a consciência sociolinguística, sob o viés da Sociolinguística, busca identificar e analisar os vínculos que existem entre as avaliações linguísticas e as categorias

⁸ Os traços graduais estão presentes na fala de quase todos os brasileiros. De acordo com Bortoni-Ricardo (2004), os traços graduais são aqueles que, embora não estejam de acordo com a norma culta da língua, estão presentes em todo o contínuo de urbanização, isto é, estão no falar da maioria dos brasileiros, independentemente de terem origens rurais ou urbanas.

sócio-políticas. Dessa forma, os autores afirmam que a abordagem da consciência sociolinguística consiste em capturar as ideias e as considerações dos falantes sobre as variações no modo como falam e como os outros usuários da língua falam.

Como conclusão do estudo, Freitag e Sá (2019) constataam que os estudantes com perfis de leitura hábil e palavra por palavra são os que apresentaram melhor desempenho no TCL e são os que realizam mais traços variáveis da fala na sua leitura em voz alta. Isso sugere uma relação entre consciência sociolinguística e sucesso na aprendizagem inicial de leitura.

Como síntese dos estudos revisados nesta subseção, os resultados encontrados por Henrique (2016) mostraram que há um maior custo de processamento da marcação não redundante e que a distância linear entre o sujeito e o verbo apresenta um papel importante no processamento da concordância verbal na língua, pois favorece a ocorrência da regra não redundante. Os resultados apresentados por Henrique (2016) corroboram os encontrados por Marcilese *et al.* (2017). Os autores evidenciaram que tanto a distância quanto a marcação morfofonológica do sujeito apresentam efeito no processamento da concordância verbal. Ademais, também perceberam que os verbos no plural são processados mais rápido do que os no singular.

O estudo de Azalim *et al.* (2018) analisou o processamento da concordância no âmbito do sintagma determinante, mostrando que a influência exercida pela saliência fônica sobre o comportamento linguístico dos falantes com alto nível de escolaridade não parece ser significativa. Jakubów e Corrêa (2019) mostraram que a maioria dos alunos da escola pública e da escola privada foram capazes de corrigir as frases, reproduzindo na variedade padrão e processaram e analisaram as sentenças não padronizadas como desviantes.

Outro estudo com crianças foi o de Freitag e Sá (2019), evidenciando que quanto maior o monitoramento estilístico, maior a realização da forma de prestígio. Além disso, as autoras concluíram que os alunos têm consciência sociolinguística desenvolvida. Por último, os estudos de Freitag e Souza (2019) e Souza e Freitag (2021) mostraram que as variedades do tipo estereótipo negativo e marcador são associadas à não palavra e que variedades do tipo indicador e estereótipo positivo não apresentam essa seleção. Isso corrobora com o que Coelho *et al.* (2020) afirmam,

pois as atitudes dos falantes sobre esses julgamentos se manifestaram tanto no nível de avaliação linguística, quanto no nível de avaliação social.

Os estudos apresentados contribuem, de maneira geral, para analisar e entender como ocorre o processamento da variação linguística em diferentes níveis – morfofonológico, morfossintático, fonológico e sintático – e faixas etárias – crianças, jovens e adultos. Os trabalhos de Jakubów e Corrêa (2019) e de Freitag e Sá (2019) buscaram investigar como é processada a variação em crianças de 3º e 6º anos do Ensino Fundamental, os de Henrique (2016) e Azalim *et al.* (2018) investigaram o processamento de jovens e adultos e, Marcilese *et al.* (2017), Freitag e Souza (2019) e Souza e Freitag (2021) visaram investigar o processamento de adultos, universitários de diversos cursos. Além disso, os estudos apresentados podem contribuir com futuros pesquisadores ao trazerem variadas tarefas, como tarefa escuta automonitorada, tarefa de produção eliciada por repetição, tarefa de leitura automonitorada, tarefa de produção induzida de erro, tarefa de labirinto, tarefa de discriminação lexical e teste de compreensão leitora.

Todos os estudos revisados trazem uma interface da Psicolinguística com a Sociolinguística, mostrando o quanto esta interface é produtiva, visto que se pode estudar os fenômenos variáveis relacionando-os com aspectos cognitivos. Essas duas subáreas buscam descrever as manifestações da língua, o contexto sociocultural da comunicação e o comportamento individual. Além disso, o processamento da variação linguística pode ajudar na avaliação da consciência sociolinguística que os falantes apresentam sobre um determinado fenômeno variável.

De acordo com Freitag e Soto (2023, p. 9), a interface possibilita o aumento da compreensão do processamento, pois a “dimensão probabilística do sistema linguístico, com abordagens baseada em frequências, é uma premissa compartilhada por ambas as áreas”. Enquanto a Sociolinguística procura situações autênticas de uso, o rigor experimental da Psicolinguística impõe algumas restrições que reduzem a espontaneidade e autenticidade das situações.

O desenho experimental para os estudos de processamento da variação linguística não é uma tarefa fácil, pois envolve um paradoxo decorrente das áreas envolvidas: a autenticidade dos dados da sociolinguística e o controle experimental da Psicolinguística. Freitag e Soto (2023, p. 11), afirmam que equilibrar esses dois fatores em uma tarefa experimental “requer engenhosidade para produzir situações

ecologicamente corretas, que minimizem as influências intervenientes, mas, ao mesmo tempo, garantam a autenticidade e espontaneidade de participação”.

Conforme Souza e Freitag (2021, p. 1), o campo do processamento da variação linguística tem implicado no desenvolvimento de novas técnicas de métodos de análise e coletas de dados, visando identificar a relação “entre a indexação social e um dado traço sociolinguístico variável”. Dessa forma, “o foco da consciência linguística, em suas diferentes dimensões, tem sido mobilizado no desenvolvimento de coletas de dados, como a consciência lexical”.

Quanto ao paradigma que foi escolhido para ser aplicado nesta pesquisa, a tarefa de decisão lexical, Souza e Freitag (2021) afirmam, segundo Goldinger (1996), que ele tem uma vasta aplicabilidade, podendo ser utilizado na investigação de processos como a natureza do léxico mental, efeitos de vizinhança, efeitos de frequência de palavras, efeitos de contexto e medida de *priming* e, ainda, como um índice de deficiências após dano cerebral.

Segundo Souza e Freitag (2021), a distinção entre o que é uma palavra ou não de uma língua é um importante tarefa para o processamento automático da linguagem. Categorizar os itens em palavra e não palavra/pseudopalavra é uma tarefa de fácil resposta entre os falantes de PB. De acordo com os autores, existem diferentes critérios que podem ser considerados, “desde critérios lexicais e morfossintáticos, amplamente explorados, até critérios sociolinguísticos que considerem a variação linguística e o papel da avaliação dos falantes no reconhecimento baseado na avaliação social de uma forma linguística” (Freitag; Souza, 2021, p. 2).

A abordagem experimental para distinguir palavra e não palavra quando aplicada a variáveis com diferenças no nível de consciência social pode apresentar pistas da percepção na comunidade. Além disso, contribui para estabelecer escalas de apreciação social de variáveis. De acordo com Souza e Freitag (2021, p. 3), “saber o que um falante de uma dada variedade considera palavra ou não palavra contribui para o processamento automático da língua”.

2.6 Crenças Linguísticas

Ao pensarmos em crenças e atitudes linguísticas, é importante ressaltar, conforme Costa (2019), que esses conceitos não devem se limitar apenas ao espaço escolar e às questões linguísticas, já que eles se constituem a partir do meio em que os sujeitos foram inseridos, colocando-se em destaque suas comunidades de pertencimento. Dessa forma, as atitudes linguísticas de um indivíduo são resultantes da soma de suas crenças, afetos, conhecimentos e tendências que o levam a comportar-se de uma determinada maneira diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística (Aguilera, 2008).

As pesquisas sobre crenças já possuem uma tradição na Linguística brasileira. Barcelos (2004) fez um panorama histórico das pesquisas em relação às crenças sobre aprendizagem de línguas em Linguística Aplicada desde a década de 1980. Em um primeiro momento das pesquisas, houve a crença de um lado e os alunos de outro, pois esse tipo de investigação acaba distanciando “o aprendiz (ideal) do aluno (real), porque investiga as suas crenças de maneira abstrata”, dessa forma, “o foco passa a ser o que os alunos precisam saber, ao invés de o que eles sabem” (p. 134-135). Em um segundo momento, começou a aproximação da pesquisa de crenças com a pesquisa sobre estratégias de aprendizagem, percebendo-se uma preocupação com a noção prescritiva de crenças, classificando quais são erradas, “quais são corretas e quais constituem-se em obstáculo à autonomia” (p. 136). O terceiro momento se caracteriza por ter uma maior pluralidade de métodos e de percepções distintas sobre como fazer pesquisa a respeito das crenças. Um dos aspectos que começa a ser investigado é o contexto, já que os estudos anteriores investigavam somente afirmações, sem aliá-las com ações, a partir da observação de comportamento.

Portanto, segundo Madeira (2005), as crenças são o que se entende sobre algo, isto é, o conhecimento implícito que se carrega, não embasado na investigação sistemática. O interesse no estudo de crenças, no campo de ensino e aprendizagem de língua, ocorreu devido à influência que exercem nesse processo, pois influenciam a aquisição de novos conhecimentos pelo aluno e o fazer do professor (Madeira, 2005). Neste estudo, o foco principal será dado as crenças linguísticas dos estudantes, diferenciando-as das atitudes. Pode-se justificar a investigação de crenças a partir

de uma concepção de conhecimento que vem se modificando. Apesar de, tradicionalmente, crer-se que através do ensino, da transmissão de conhecimento teóricos, seja possível modificar as práticas de professores, já que se percebe que novos conceitos são influenciados por práticas já enraizadas por cada professor, isto é, esbarram nas suas crenças (Madeira, 2005, p. 20).

Para compreender as atitudes linguísticas dos estudantes sobre a língua, é necessário, primeiramente, conhecer quais são as suas crenças perante esse objeto, isto é, o que pensam sobre o ensino de língua. A partir disso, faz-se necessário uma breve distinção entre crenças e atitudes linguísticas, a fim de justificar o foco nos estudos das crenças.

Para Barcelos (2006), a crença é tão antiga quanto a nossa existência, pois desde que o homem começa a pensar, ela passa a crer em algo. Sendo assim, a autora define crenças como

uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais (Barcelos, 2006, p. 16).

A autora explica que se trata de uma definição que caracteriza as crenças como dinâmicas, argumentando, a partir de uma visão sociocultural, que elas se modificam através do tempo. Isso não significa que elas são geradas imediatamente, já que se apoiam em fatos do passado, em opiniões de pessoas importantes, em assuntos vinculados na mídia, entre outros.

Dessa forma, crença pode ser compreendida como uma forma de pensamento, de concepções sobre o mundo e tudo que está relacionado a ele, tendo origem nas experiências e interações que um indivíduo tem ao longo da sua vida, podendo ser de natureza social, individual ou contextual. Barbosa e Cuba (2015, p. 76), analisando o conceito de crença apresentado por Barcelos (2006), afirmam que por se tratar de pensamentos e concepções que os indivíduos têm sobre sua vida, “as crenças nem sempre são as mesmas para as pessoas, podendo variar de acordo com a comunidade, com a região em que se vive, com o contexto de determinada situação”.

Barcelos (2007, p. 114) enfatiza que as crenças são “socialmente construídas e situadas contextualmente”. Conforme as pessoas interagem e modificam as suas

experiências, elas são também modificadas por elas. Dessa forma, as crenças “incorporam as perspectivas sociais, pois nascem no contexto da interação e na relação com grupos sociais”. A pesquisadora destaca o fato de as crenças serem paradoxais e contraditórias. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que são sociais, as crenças podem ser individuais e únicas, pois cada pessoa assimila uma experiência de forma particular.

Yero (2010, p. 28 *apud* Botassini 2015, p. 108) define crenças como “julgamentos e avaliações que fazemos sobre nós mesmos, sobre os outros e sobre o mundo que nos rodeia”. Para a autora, as crenças, além de afetarem a forma como as pessoas se comportam, também afetam o que elas percebem em seu ambiente.

Barbosa e Cuba (2015, p. 77) entendem por crença um pensamento, uma percepção e uma visão do mundo, uma opinião que se tem sobre alguma coisa. As crenças também são dinâmicas, sociais e contextualmente construídas, podendo ser alteradas, “(re)significadas por meio de experiências ou ainda por meio de interações e relações do indivíduo com outros, sendo as crenças, portanto, responsáveis pela manifestação das atitudes”.

As atitudes, conforme os autores, diferem-se das crenças por estarem relacionadas com a avaliação, com a reação que um indivíduo terá sobre alguém ou alguma situação. É importante ressaltar que as crenças e atitudes, apesar de estarem diretamente relacionadas entre si, possuem aspectos peculiares.

Por fim, os pesquisadores afirmam que as atitudes podem ser entendidas como “a expressão das crenças e dos conhecimentos que o indivíduo tem sobre determinado assunto e que lhe possibilita avaliar, comportar-se e manifestar sua opinião e sentimentos” (Barbosa; Cuba, 2015, p. 78), sendo que as atitudes apontam para uma avaliação sobre a língua ou uma situação sociolinguística.

Segundo Lopés Morales (2004), citado por Botassini (2015), a atitude está dominada por traços comportamentais, por condutas de aceitação, positivas ou de rejeição, negativas. Dessa forma, uma atitude nunca poderá ser neutra. Já as crenças podem ser dominadas por elementos cognitivos (percepções, conhecimentos, estereótipos) e/ou afetivos (emoções e sentimentos). No entanto, a crença é “maior”, pois “ela contém os três componentes que normalmente são atribuídos à atitude: o conhecimento, o sentimento e o comportamento” (Botassini, 2015, p. 117). Diante disso, acredita-se que as crenças poderão determinar o comportamento dos

indivíduos, pois são elas que detêm os valores, julgamentos, opiniões que um indivíduo tem sobre os outros, sobre o mundo que vive e sobre si. Esses elementos são carregados de informações e sentimentos que, geralmente, produzirão atitudes.

Na pesquisa de Botassini (2015), há uma citação de Lambert e Lambert (1972, p. 78) que mostra claramente o que se pode entender sobre uma atitude

uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. (Lambert; Lambert 1972, p. 78 *apud* Botassini 2015.)

Para Moreno Fernández (1998, p. 179 *apud* Botassini, 2015, p. 112), a atitude linguística é uma “manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida por centrar-se e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz em sociedade”. Para ele, as atitudes linguísticas são reflexo de atitudes psicossociais, de forma que é difícil determinar onde começa a atitude em relação a uma variedade linguística e onde termina a atitude quanto ao grupo social ou aos usuários dessa variedade.

Conforme Frasson (2016), as pesquisas relacionadas às crenças e atitudes linguísticas contribuem para haja a desmistificação da suposta superioridade da norma culta em relação às demais normas, uma das principais bases para o preconceito linguístico. Estudar as crenças e atitudes linguísticas contribui para a melhoria do ensino de língua portuguesa, já que, muitas vezes, elas atuam como causadoras da baixa autoestima dos estudantes em relação à língua que falam.

O estudo das crenças e atitudes dentro da escola não só analisa a avaliação do aluno sobre a sua variedade linguística, mas também aponta alternativas que auxiliam na otimização da prática pedagógica, pois possibilita que o professor parta daquilo que o aluno crê para, então, desenvolver competências linguísticas, evitando que haja a substituição de uma variedade por outra, “mas o entendimento de que todas coexistem e têm o seu valor em situações distintas” (Frasson, 2016, p. 38).

A partir de uma reflexão sobre o poder das crenças, percebe-se que estudá-las no contexto educacional é fundamental, uma vez que os alunos já trazem, para dentro da sala de aula, suas crenças linguísticas, que são formadas no seu seio familiar e através do seu convívio social. Além disso, as aulas de português se pautam no

estudo da norma padrão, “fazendo um uso, geralmente, de uma metalinguagem extremamente descritiva” (Frasson, 2016, p. 39) e a escola, muitas vezes, atua como “agente criador” e “reforçador” de crenças negativas em relação ao PB.

Pensando nisso, Marques e Baronas (2015) buscaram investigar as crenças e atitudes linguísticas dos alunos de Língua Portuguesa em relação a sua língua materna, levando em consideração a valoração (positiva ou negativa) da abordagem da variação linguística em sala de aula. O *corpus* da pesquisa foi constituído por transcrições de entrevistas coletadas a partir de treze questões. A coleta de dados foi realizada em duas escolas estaduais de Londrina, uma localizada no centro (escola A) e outra na zona rural (escola B). As autoras obtiveram nove informantes da série final do Ensino Fundamental de cada instituição.

Em primeiro lugar, as autoras notaram que os alunos não eram capazes de identificar e discorrer sobre a variação linguística, precisando, dessa forma, de perguntas mais investigativas e diretas. Em segundo lugar, perceberam que a influência da norma padrão ou prescritiva é marcante na realidade linguística dos alunos, pois se lembram somente de mencionar o nome que lhes remete à língua padrão, o “Português”.

Como conclusão do estudo, as autoras destacam que, nas primeiras questões, poucos alunos reconheceram a variação linguística. Porém, nas questões seguintes, em que os alunos foram questionados mais especificamente sobre os modos diferentes de falar o Português, as respostas apresentaram um conhecimento internalizado sobre a variação linguística. Por exemplo, ao serem perguntados se o português que eles ouvem entre os colegas, na televisão e na escola é o mesmo, a maioria alegou que a Língua Portuguesa sofre variação. Mesmo aqueles alunos que sugeriram, em respostas anteriores, que a LP não sofre variação, ao serem questionados novamente, de outra forma, reconheceram que existem variedades linguísticas no Brasil.

Quanto aos fatores ligados às crenças e atitudes linguísticas que interferem no ensino de Língua Portuguesa, Marques e Baronas (2015) identificaram o julgamento de valor sobre o uso das variedades linguísticas: “quando negativo, o aluno se postou favorável somente à norma padrão, não aceitando as diferenças nem na fala; quando positivo, o aluno demonstrou que falar diferente não é errado, que a linguagem precisa estar adaptada” (Marques; Baronas, 2015, p.14).

Por fim, as autoras constataam que a abordagem da variação linguística ainda não está presente na sala de aula, o que revela a necessidade de uma maior proximidade entre as pesquisas sociolinguísticas que são desenvolvidas no meio acadêmico e o trabalho realizado no ambiente escolar, de modo que a abordagem com a língua leve o aluno a ser competente na tarefa de adaptar sua linguagem às diferentes situações de uso.

Uma investigação sobre crenças e atitudes de alunos de PB também foi realizada por Frasson (2016), que buscou verificar a questão em estudantes de escola pública do 9º ano do Ensino Fundamental com relação à aprendizagem da língua materna. Segundo a autora, o estudo sobre as crenças possibilita que os professores tenham uma fundamentação para que possam colocar o aluno como um ator importante da sua prática pedagógica. Para isso, aplicou questionários de crenças e atitudes em duas escolas públicas, uma da zona rural e outra da zona urbana (um no início e outro no término da pesquisa). Além disso, analisou os livros didáticos utilizados nas escolas e, por fim, criou um caderno de atividades com exercícios que focavam, sobretudo, o estudo sobre elos coesivos.

Com relação à análise dos livros didáticos, a autora constatou que há poucas atividades que contemplem a variação linguística. Cabe ao professor desenvolver outras atividades que abordem a variação linguística, propondo um trabalho em que as variedades cultas não sejam referências exclusivas para adequar a produção.

Como resultado dos questionários de crenças e atitudes linguísticas, constatou-se que as perguntas aplicadas representam um material bastante significativo para que o professor passe a contemplar a variação linguística e não trabalhe somente a norma culta, mas também as variedades adequadas às situações em que a norma culta não é a mais conveniente. Para a autora, “é preciso que as aulas de LP sejam desenvolvidas no sentido de respeitar e valorizar as variedades linguísticas que os alunos utilizam diariamente e que são constitutivas de sua identidade” (Frasson, 2016, p. 84). Após a intervenção pedagógica, utilizando o caderno de atividades elaborado, pode-se perceber que as abordagens teóricas mais próximas à Linguística moderna, vinculadas à Sociolinguística Educacional, influenciaram de forma positiva nas crenças e atitudes dos alunos investigados. A análise do questionário final mostrou que houve modificações em algumas crenças e atitudes por parte dos estudantes após a intervenção baseada nos estudos sociolinguísticos.

Assim como Frasson (2016), Santos (2017) avaliou, por meio de uma pesquisa-ação, as possíveis mudanças que poderiam ser geradas nas crenças e atitudes linguísticas de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Uberlândia (MG). Para isso, foi realizada uma análise quantitativa das crenças e atitudes linguísticas dos alunos por meio de um questionário. Além disso, a autora fez uma análise do livro didático “Singular & Plural” (2012), visando observar o tratamento dado à variação linguística, e construiu um caderno de atividades com base nos resultados obtidos na primeira aplicação do questionário. Após o trabalho desenvolvido por meio do caderno, foi aplicado o questionário pela segunda vez, permitindo avaliar o impacto da mudança metodológica.

A partir da análise do livro didático, a autora constatou que ele propicia ao professor promover discussões importantes sobre a Língua Portuguesa e a diversidade de sua composição. O volume analisado apresenta unidades bem estruturadas, com grande diversidade de textos de diversos gêneros, refletindo sobre os diferentes usos da língua, dos menos formais aos mais formais.

A autora aponta alguns dados importantes durante a pesquisa-ação: i) a mudança verificada na atitude dos estudantes, comparando as respostas e comentários feitos por eles nos diferentes momentos ao longo da pesquisa, ii) os alunos começaram a incluir no seu vocabulário termos como: “linguagem formal”, “variação linguística”, “variedades”, entre outros e iii) os alunos demonstraram compreender a variação linguística, demonstrando também entender a necessidade de adequação das variedades linguísticas aos diferentes contextos de uso.

Os resultados da primeira aplicação do questionário permitiram constatar que a maioria dos alunos possuía fortes crenças oriundas de um ensino de Língua Portuguesa orientado pela gramática normativa. Muitos disseram que considerar a Língua Portuguesa difícil, principalmente na modalidade escrita. Além disso, percebeu-se que os alunos atrelavam o uso da modalidade escrita aos usos mais formais e a modalidade oral, aos usos menos formais.

A autora conclui que o caderno de atividades tenha sido de grande valia, pois foi elaborado com objetivo de contribuir para elevar a autoestima dos alunos. Os alunos, ao longo da aplicação das atividades, demonstraram compreender a variação linguística e a necessidade de adequação aos contextos. Essa constatação confirmou umas das hipóteses da pesquisa, de que as possíveis crenças e atitudes negativas

que os alunos trazem em relação à sua capacidade de uso da língua provam uma baixa autoestima linguística do falante, o que contribui para que este fomente uma apatia pelo estudo da Língua Portuguesa.

Por último, a autora constatou que, apesar dos alunos reconhecerem e valorizarem o estudo da língua, muitos tinham a crença de que os usos das variedades mais formais estavam relacionados a situações futuras, vinculados ao ensino superior ou mercado de trabalho, sendo a variedade utilizada por eles considerada como suficiente para dar conta das situações de interação.

Outro estudo revisado nesta seção foi conduzido por Silva (2019), que buscou analisar as crenças e atitudes linguísticas de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da zona rural do município de Pariconha (AL), visando perceber o que eles pensam sobre a disciplina de Língua Portuguesa. Por meio da pesquisa quantitativa, a autora aplicou um questionário com 21 estudantes, contendo 10 questões relativas ao ambiente escolar, que solicitavam justificativas dos informantes sobre as crenças.

Antes da aplicação do questionário, a autora observou o livro didático “Para viver junto” (2015), e notou que os conteúdos de cada capítulo, em relação ao estudo da língua, apresentam análises baseadas em nomenclaturas da gramática normativa. Ao analisar os dois capítulos destinados à variação linguística, Silva (2019) observou que o livro não consegue dar suporte para explicar as questões relativas à variação, já que as abordagens se limitam ao sistema da norma padrão. Além disso, a variação fica descontextualizada das demais atividades relacionadas à língua porque fica isolada em duas lições. Dessa forma, “o livro pode ser um indicador de crenças e atitudes negativas dos estudantes a respeito da variação linguística” (Silva, 2019, p. 50).

Silva (2019, p. 52) verificou que os alunos, em sua maioria, veem a língua portuguesa como uma língua difícil. Além disso, assim como os resultados apontados por Santos (2017), foi observado que eles assimilam que saber a língua portuguesa está atrelado a aprender normas da gramática normativa e, apesar de os estudantes chegarem na escola tendo domínio da língua, para eles, é somente lá que poderão aprendê-la. Quando questionados sobre a importância de estudar a gramática normativa, 100% dos alunos responderam que julgavam isso importante. Silva (2019) destaca que eles afirmam nas justificativas que estudar gramática favorece a fala,

leitura e escrita e também acreditam que o estudo da gramática ajuda para um futuro melhor.

Após o estudo, Silva (2019) conclui que algumas de suas hipóteses foram confirmadas, levando em consideração que os estudantes não detêm a noção do que é a variação linguística, mas reconhecem a pluralidade da língua, mesmo que pautando a ideia de que as variedades que são vistas como não padrão deve ser corrigidas na escola. Dessa forma, a partir da pesquisa, pode-se reconhecer a importância que há no fomento ao respeito e a valorização do repertório linguístico dos alunos. Além disso, é necessário trabalhar em sala de aula, “algo que vá além da gramática, trabalhar a língua como fenômeno social, mesmo que o material didático utilizado no ambiente escolar reserve pouco espaço para discutir questões de variação (Silva, 2019, p. 67).

O último estudo revisado nesta subseção foi realizado por Correia (2022). O autor objetivou evidenciar as crenças e atitudes de estudantes concluintes da Educação Básica em relação às de seus professores de Língua Portuguesa, visando verificar a influência das crenças dos docentes para os seus educandos. A pesquisa foi realizada em duas turmas de 3º ano de Ensino Médio, sendo uma delas de um colégio particular e a outra de um colégio público. Além disso, participou da pesquisa o professor de LP de cada uma das turmas. As escolas selecionadas estão localizadas no mesmo bairro, no centro da cidade de João Pessoa.

Correia (2022) aplicou dois questionários, o primeiro questionário foi aplicado somente aos professores, tendo um conjunto de perguntas acerca da formação profissional e o perfil das suas turmas. O segundo questionário foi aplicado aos alunos e professores, tendo um conjunto de perguntas sobre as crenças linguísticas, com 26 questões, dividido em quatro grupos, sendo eles: crenças relacionadas à escola, crenças relacionadas à língua portuguesa e à norma, crenças relacionadas à língua escrita e à língua falada e crenças relacionadas à variedade de alunos.

Com relação às crenças relacionadas à escola e ao ensino, o autor conclui que os estudantes estão de acordo com uma linha de crenças fixas, isto é, apresentam crenças parecidas entre eles, pois poucos estudantes se contradisseram nas perguntas feitas. Em relação às crenças relacionadas à língua portuguesa e à norma, a maioria dos alunos entendem que não podem se portar de qualquer forma em qualquer lugar, sendo preciso corresponder aos papéis sociais do domínio social em

que cada interação está acontecendo. No entanto, a maioria dos alunos cai na armadilha da norma (curta)⁹ ensinada na escola que utiliza de preceitos que não têm relação com a língua utilizada no cotidiano dos estudantes (Lobo, 2022).

As crenças relacionadas à língua escrita e à língua falada mostraram que os alunos tratam como verdadeiras afirmações como “a fala é lugar do erro” e “o letramento se dá apenas em gêneros escritos”. Além disso, o contato tardio e os períodos restritos dos indivíduos de classes sociais mais estigmatizadas com a modalidade escrita colabora para que eles tenham uma visão de a nova língua que eles veem na escola é um molde para adaptação da fala. Portanto, o autor conclui que há a possibilidade de que o falar bem seja associado ao escreve vem, pois a escrita é vista como maior prestígio. Na última análise das crenças que estão relacionadas à variedade do estudante, o autor evidenciou a valorização das variedades locais por parte dos estudantes e dos professores.

Como conclusão da pesquisa, Correia (2022) destacou que os dados mostraram que todos os alunos têm a crença de que a escola tinha o papel de ensinar ortografia e corrigir os desvios do aluno. Além desses resultados, ficaram bastante visíveis as marcas de preconceito linguístico nas respostas dos alunos, principalmente, nos meninos da escola pública. No geral, parece haver transferência de crenças dos professores aos seus alunos, pois a maioria dos alunos, de ambos os gêneros, expressou crença similar à do professor. Com isso, percebeu-se que os professores realmente influenciam as crenças dos seus alunos. No quesito sexo ligado à escolaridade, o autor destaca que as meninas de ambas as redes de ensino foram mais na direção do professor, seguindo sua crença. A partir disso, nota-se que os dados apenas por instituição de ensino podem mascarar o fato de que os meninos desviam mais frequentemente das crenças do professor.

Em síntese, os estudos mostram que a aplicação de intervenções sobre a variação linguística auxilia os estudantes a compreender o que é a variação e a necessidade de adequação aos contextos, além de poder modificar algumas das crenças e atitudes dos estudantes em relação à língua que falam e à língua dos outros. É importante que haja o fomento ao respeito e à valorização do repertório linguístico

⁹ De acordo com Faraco (2008, p. 92), a norma curta é “um conjunto de preceitos dogmáticos que não encontram respaldo nem nos fatos, nem nos bons instrumentos normativos, mas que sustentam uma nociva cultura do erro e têm impedido um estudo adequado de nossa norma culta/comum/standard”.

dos estudantes, tendo em vista a defasagem do trabalho com a variação linguística e à dominação da gramática normativa na escola. A abordagem da variação linguística não está muito presente em sala de aula, por isso, é necessária uma maior proximidade entre as pesquisas acadêmicas e o trabalho em sala de aula, visando contribuir para que o trabalho com a língua materna torne o estudante competente na tarefa de adaptar sua língua às diferentes situações de uso. Além disso, pode contribuir para que os professores consigam desenvolver atividades que abordem a variação linguística, já que os livros didáticos nem sempre contemplam essa questão de uma maneira satisfatória.

3 Método

A abordagem metodológica utilizada nesta pesquisa é qualitativa. Para recolhimento dos dados, são utilizados dois métodos: 1) tarefa de decisão lexical e 2) questionário sobre crenças. O primeiro instrumento resultou em dados quantitativos – com as médias de respostas e tempo de reação – e o segundo, em dados qualitativos – com os gráficos das respostas dadas pelos participantes – e qualitativos – com as justificativas apresentadas por eles.

Nas próximas subseções, são descritos os objetivos e hipóteses da pesquisa (subseção 3.1), os participantes (subseção 3.2), os procedimentos éticos adotados (subseção 3.3), os instrumentos utilizados (subseção 3.4) – uma tarefa de decisão lexical (subseção 3.4.1) e um questionário de crenças (subseção 3.4.2). Além disso, são descritos os estudos-piloto realizados. São descritos também a coleta de dados (subseção 3.5), os procedimentos de análise da tarefa experimental (subseção 3.6), do questionário de crenças (subseção 3.7) e da análise comparativa da tarefa de decisão lexical e das crenças (subseção 3.8).

3.1 Objetivos e hipóteses

O objetivo geral deste trabalho é verificar de que forma as crenças linguísticas de estudantes do Ensino Fundamental II se relacionam com o processamento de uma variante lexical regional. Os objetivos específicos são:

- a) Investigar o efeito da variação linguística diatópica no processamento de palavras;
- b) Analisar quais são as crenças de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II sobre a variação linguística regional, no que tange ao nível lexical;
- c) Relacionar as crenças de estudantes sobre a variação linguística diatópica com os dados de processamento, resultantes da tarefa experimental.

As previsões experimentais adotadas neste estudo, referentes à investigação do efeito da variação linguística no processamento de palavras são: (a) as variantes regionais seriam processadas como palavras reais, isto é, teriam maior acurácia do que as pseudopalavras, mas com tempo de reação mais próximo das pseudopalavras

do que das variantes padrão; as pseudopalavras demandariam maior tempo de reação e menor acurácia; as variantes padrão e controle teriam médias de acurácia e tempos de respostas semelhantes, e as variantes regionais estigmatizadas teriam menor acurácia e demandariam mais tempo de processamento do que as variantes indicadoras. Essas previsões são baseadas no estudo de Freitag e Souza (2019).

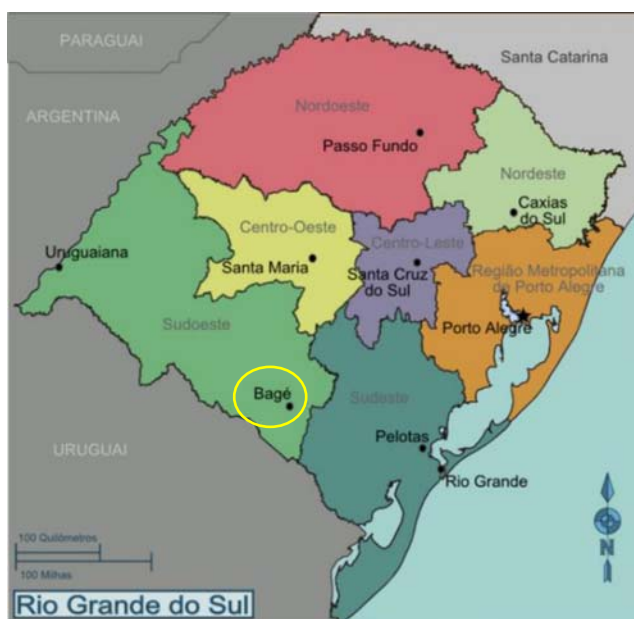
Quanto às crenças, os estudantes reconheceriam que existe variação na forma de falar de cada região e que devem adequar o seu modo de falar dependendo do contexto em que estão inseridos. No entanto, teriam a concepção de que algumas pessoas usam melhor a língua do que outras e de que existem lugares que usam palavras melhores e possuem um sotaque melhor do que outros. Essas previsões são baseadas nos resultados encontrados nos estudos investigados (Marques; Baronas, 2015; Santos, 2017; Correia, 2022) e no estudo-piloto realizado. Além disso, (c) aqueles estudantes que apresentaram menor média de acurácia nas respostas às variantes regionais e padrão teriam crenças menos favoráveis à variação linguística e aqueles estudantes que apresentaram maior média de acurácia em resposta às variantes regionais e padrão teriam crenças mais favoráveis à variação linguística. Essa previsão é mais exploratória, visto que não encontramos outros estudos que a investigaram.

A partir das previsões experimentais, verificadas de forma direta por meio do experimento – tarefa de decisão lexical –, foram formuladas as seguintes hipóteses: (a) O processamento linguístico pode ser influenciado pelo efeito de normatividade, especialmente no caso de falantes com níveis maiores de escolaridade. Em contexto experimental, principalmente quando as tarefas envolvem leitura, formas vinculadas à variedade padrão são processadas mais rapidamente, até mesmo por falantes que tem uma variedade não padrão como vernáculo. (b) As crenças linguísticas se constroem e influenciam na avaliação e na construção de atitudes e comportamentos. (c) Julgamentos negativos baseados em crenças negativas sobre variedades não padrão podem afetar o comportamento linguístico.

3.2 Participantes

A fim de atingir os objetivos propostos, os participantes desta pesquisa foram estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Professor Justino Costa Quintana, em Bagé (RS). O município de Bagé está localizado no sul do Rio Grande do Sul, possui uma área de 4.090,360 km² e, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, a população é de 117.938 habitantes. A sede do município se localiza no centro do território (Figura 1 e Figura 2), que se estende até a fronteira com o Uruguai. Em relação à educação, a taxa de escolaridade de 6 a 14 anos de idade era de 97,6% em 2010. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), no ano de 2021, para os anos iniciais do ensino fundamental na rede pública era de 5,4 e para os anos finais, de 4,6 (total = 10). Nas questões de meio ambiente, a cidade apresenta 85,3% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 88,8% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 26% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada.

Figura 1 - Mapa da localização de Bagé



Disponível em: https://pt.wikivoyage.org/wiki/Ficheiro:Regions_of_Rio_Grande_do_Sul-pt.png. Acesso em: 23 jun. 2024.

Figura 2 - Região de Bagé - Sudoeste Rio-Grandense



Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bag%C3%A9>. Acesso em: 23 jun. 2024.

A seleção de uma turma de escola no município de Bagé se deu em função de eu ser natural da cidade e conhecer a estrutura da escola, que abriga desde a Pré-Escola até o Ensino Médio. Além disso, a escola é central e recebe estudantes de todos os bairros da cidade e até mesmo estudantes da zona rural.

A escolha do ano escolar se deu a partir de dois motivos principais. O primeiro diz respeito ao trabalho com a variação linguística, que acontece, principalmente, no Ensino Fundamental. Esse tema está presente na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) como objeto do conhecimento do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental I e do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II (Patriota; Pereira, 2018; Cardoso; Semechechem, 2020). No entanto, no Ensino Médio, apesar de haver uma competência específica¹⁰ para a variação linguística, o objetivo desses três anos escolares é “garantir a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental” (Brasil, 2018, p. 464). Por isso, visamos verificar com os concluintes do Ensino Fundamental II como ocorre o processamento de palavras e se há algumas crenças relacionadas ao trabalho com esse tema em sala

¹⁰ De acordo com a BNCC, a competência específica é definida como a mobilização de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (Brasil, 2018).

de aula. Além disso, os estudantes estão em uma idade em que já adquiriram as suas crenças. Porém, com a instrução no Ensino Médio, pode ser possível, ainda, alterar as suas concepções sobre a língua durante o Ensino Médio. O segundo motivo tem relação com os diversos estudos empíricos realizados no 9º ano, como os de Marques e Baronas (2015), Oliveira (2016), Frasson (2016), Silva (2019) e Farias e Silva (2022), o que possibilita fazer relações diretas com esta pesquisa.

Foi realizada a tabulação das informações gerais dos participantes, no que diz respeito aos seguintes fatores: idade, sexo/gênero, local de moradia, se usam outra língua no cotidiano, se costumam ler livros, jornais, revistas e se os pais e/ou responsáveis costumam ler livros, jornais, revistas.

A pesquisa contou com a participação de vinte e oito voluntários (16 meninas e 12 meninos), que participaram das duas intervenções realizadas (tarefa de decisão lexical e questionário). A maioria dos participantes ($n = 24$) mora na zona urbana e somente quatro moram na zona rural, uma vez que a escola se localiza na sede do município de Bagé. A média de idade dos participantes foi de 14,07 anos. Todos concordaram em ceder os dados para essa investigação (na próxima subseção, detalhamos os procedimentos éticos). A Tabela 1, abaixo, mostra o perfil dos participantes da pesquisa.

Tabela 1 - Perfil dos participantes da pesquisa

Participante	Idade	Sexo/gênero	Local de moradia
1	14	F	Zona rural
2	14	M	Zona urbana
3	14	M	Zona urbana
4	14	M	Zona urbana
5	14	F	Zona urbana
6	14	F	Zona urbana
7	14	F	Zona urbana
8	14	M	Zona urbana
9	14	F	Zona rural
10	15	M	Zona urbana
11	14	M	Zona rural
12	15	F	Zona urbana
13	14	M	Zona urbana
14	14	M	Zona rural
15	15	M	Zona urbana

16	14	M	Zona urbana
17	14	F	Zona urbana
18	14	F	Zona urbana
19	14	M	Zona urbana
20	14	F	Zona urbana
21	14	F	Zona urbana
22	13	F	Zona urbana
23	14	F	Zona urbana
24	14	F	Zona urbana
25	14	F	Zona urbana
26	14	F	Zona urbana
27	14	F	Zona urbana
28	14	M	Zona urbana

Fonte: autora (2024)

Quando questionados se utilizam outra língua no seu cotidiano, 78,6% dos estudantes afirmaram que não e, 21,4% afirmaram que sim, sendo o inglês e o espanhol esta outra língua. Na questão “Você costuma ler livros, jornais, revistas?”, 71,4% afirmaram que não e 28,6% afirmaram que sim. Os tipos de livros mencionados foram os de romance, ficção, fantasia, aventura, ação e comédia. Além disso, foi mencionado o livro “Projeto Sunlight” e plataforma de leitura Wattpad. Também foram mencionados jornais, como o Folha do Sul, jornal local distribuído de forma impressa e com acesso online, noticiários e informações sobre fórmula 1. Ao serem questionados se os pais e/ou responsáveis costumam ler, 67,9% afirmaram que não e 32,1% afirmaram que sim, sendo essas leituras jornais, livros de romance, suspense, livros sobre beleza, sobre guerra, sobre educação infantil e notícias sobre política e economia.

3.3 Procedimentos éticos

A primeira atitude do pesquisador é se aproximar do grupo a ser estudado para que haja concordância de sua presença e para que coleta de dados possa efetivamente começar. Dessa forma, é importante destacar que a pesquisa para a geração de dados só começou após a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal de Pelotas (CAAE: 75171623.1.0000.5317, parecer: 6.532.403), em 25 de

novembro de 2023. Para isso, os pais e/ou responsáveis assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), que se fez necessário como um comprovante de que seu filho/sua filha participou da pesquisa por vontade própria com a ciência deles, e assegurando que elas poderiam se retirar a qualquer momento. Aos participantes foi entregue um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), já que todos eram menores de idade. Os Termos de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecido são uma declaração, na qual os participantes indicam estar cientes de todas as etapas da pesquisa e que concordam em participar como voluntários. O TCLE traz algumas informações sobre a responsável pela pesquisa, a justificativa, os objetivos, os procedimentos de coleta de dados, os riscos da participação na pesquisa e os direitos dos participantes. Além disso, certifica-se aos participantes que as suas identidades são mantidas em sigilo. Por fim, o termo garante a possibilidade de o voluntário deixar a pesquisa a qualquer momento, mesmo concordado inicialmente em participar e assinando o documento.

3.4 Instrumentos

Foram aplicados (1) uma tarefa de decisão lexical e (2) um questionário sobre as crenças linguísticas dos estudantes. A tarefa de decisão lexical foi realizada individualmente, a pesquisadora chamou um por um dos estudantes para outra sala que foi disponibilizada pela escola. Já o questionário foi realizado de forma coletiva dentro da sala de aula da professora, cada estudante recebeu o questionário e preencheu sozinho de forma escrita. Nas próximas subseções, são apresentados como foram desenvolvidos os instrumentos de coleta de dados.

3.4.1 Tarefa de decisão lexical

Para atingir os objetivos propostos, foi aplicada uma tarefa experimental de decisão lexical. A tarefa utilizada baseia-se em Souza e Freitag (2021), consistindo no julgamento de estímulos linguísticos com palavras reais ou não reais (pseudopalavras) do PB. A construção da tarefa de decisão lexical se dividiu em sete

etapas. Na primeira etapa, foram analisadas as 374 cartas do Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil (Altenhofen; Klassmann, 2011). Na segunda etapa, foram selecionados vinte e seis estímulos-alvo, a partir das cartas. Os critérios de exclusão foram: cartas com perguntas, como por exemplo, “como se chama a criança ainda não batizada?”; cartas com variantes que não são mais utilizadas pelos falantes da cidade de Bagé e cartas com variantes desconhecidas e que não são muito utilizadas no dia a dia, por exemplo, fauna, flora, atividades agropastoris etc. Na terceira etapa, foi aplicado o primeiro estudo-piloto, em que os informantes deveriam fazer as nomeações dos estímulos-alvo. Na quarta etapa, foi aplicado o segundo-estudo piloto, no qual os informantes responderam a uma tarefa de decisão lexical com todos os vinte e seis estímulos selecionados. A quinta etapa foi a análise dos dois estudos-piloto, buscando verificar a familiaridade com os estímulos. Na sexta etapa, foram excluídos cinco estímulos-alvo e foram feitas alterações em cinco pares de estímulos. Por fim, na última etapa, foram classificados os vinte e um estímulos selecionados para a tarefa de acordo com a categoria de significado social. Nas próximas subseções, são apresentados os estímulos selecionados e os estudos-piloto aplicados.

Aderindo ao movimento de ciência aberta, os resultados encontrados na tarefa estão disponibilizados na plataforma *Open Science Framework (OSF)*¹¹. A seguir, são descritos os estímulos e os seus critérios de seleção e o paradigma experimental da tarefa.

3.4.1.1 Estímulos

Os estímulos apresentados aos participantes são um conjunto de palavras selecionadas de acordo com o critério de frequência por milhão, retirado do *corpus* Léxico do português (Estivalet, 2017)¹², e extensão. Controlamos esses dois fatores para poder parear as condições de palavras-controle e pseudopalavras com as

¹¹ Resultados da Tarefa de Decisão Lexical – Tempo de reação e acurácia https://osf.io/vjc7d/?view_only=9c0e68c57487498fa4ebfc943fc40636

¹² *Corpus* disponível em: <http://lexicodoportugues.com/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

variantes de referência (variantes padrão). As frequências estão reportadas nas Tabelas 1 e 2 abaixo.

As palavras, que variam de acordo com questões geográficas, foram escolhidas a partir do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil - ALERS¹³ (Altenhofen; Klassmann, 2011). O ALERS é o primeiro atlas linguístico brasileiro a contemplar toda uma região administrativa do país. A ênfase do ALERS está na variação diatópica do português rural falado pelas classes menos escolarizadas na região Sul do Brasil. Porém, também foram realizados levantamentos em 19 pontos urbanos. O atlas é composto de dois volumes: o primeiro contendo a parte metodológica, cartas fonéticas e morfossintáticas e o segundo contendo 374 cartas semântico-lexicais e anexos. Devido ao escopo desta pesquisa, utilizamos o segundo volume. O projeto do ALERS teve origem em 1980, com um Grupo Interdepartamental para o Estudo da Variação Linguística do Rio Grande do Sul, no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1987, formou-se a equipe, constituída por três grupos estaduais.

O objetivo principal do atlas era ampliar o conhecimento da língua portuguesa no Brasil e coletar dados para uma teoria da variação linguística no espaço, na forma da coleta, no ordenamento e tratamento cartográfico de variantes usadas na região Sul. Tem-se assim, nos mapas linguísticos, uma amostra representativa do português sulista.

Para selecionar os estímulos-alvo da presente pesquisa, primeiramente, fez-se uma seleção prévia dos itens do atlas¹⁴ que realmente apresentassem uma variação diatópica atual na comunidade onde os dados foram coletados. O atlas também inclui determinadas variantes não-padrão e não-dicionarizadas características da região, e isso torna a busca por palavras no atlas ainda mais relevante.

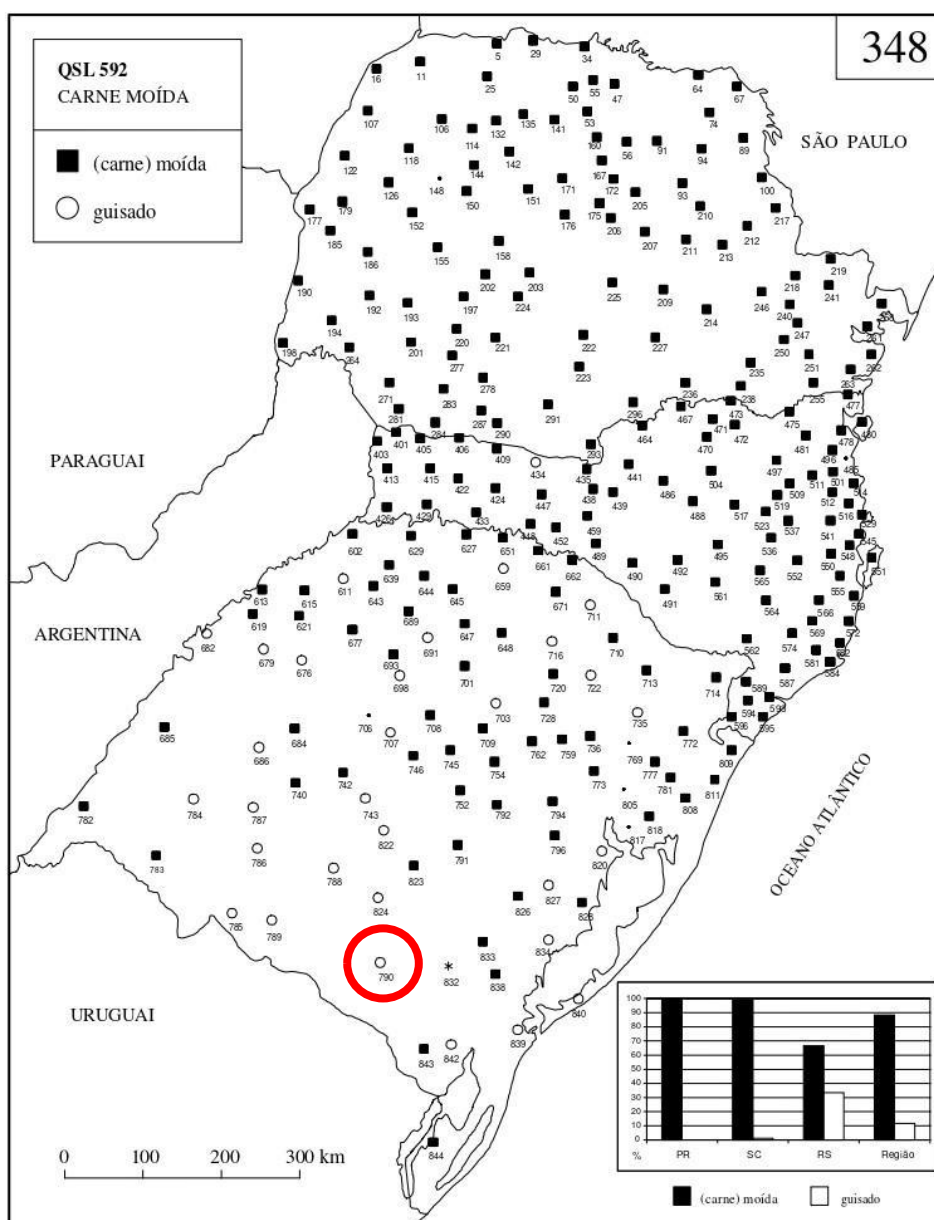
A partir dessas informações apresentadas no ALERS, os títulos dados a cada uma das cartas foram selecionados como sendo a variante padrão do presente estudo. Por exemplo, na Figura 3, a variante padrão é “carne moída”, enquanto que a

¹³ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/projalma/alers/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

¹⁴ É importante salientar que as “coisas” pelas quais se pergunta no atlas são chamadas de *realia*, definidos como “as entidades extralinguísticas relevantes para uma comunidade, ao ponto de se constituir em unidades conceituais, realizáveis linguisticamente de uma ou várias formas” (Miranda, 2011, p. 31). Dessa maneira, para o atlas linguístico interessa “a coisa” enquanto um conceito realizável em várias unidades lexicais, o que pressupõe variação.

variante regional é “guisado”, como podemos verificar no ponto 790 – Bagé. A coleta de dados do atlas ocorreu na década de 1990. Por isso, para verificar se as palavras ainda são usadas na região e, a aplicabilidade dos estímulos selecionados, foram realizados dois estudos-piloto com falantes de Bagé, reportados na subseção 3.4.1.3.

Figura 3 - Carta 348 “carne moída” e destaque ao ponto 790 - Bagé



Fonte: ALERS (Altenhofen; Klassmann, 2011, p. 793)

Os estímulos foram divididos em quatro conjuntos: i) estímulos-alvo, contemplando a variante padrão (21 itens) e a variante regional (21 itens) usada no

Rio Grande do Sul; ii) palavras-controle (21 itens), contendo índices de frequência e extensão semelhantes às variantes padrão; iii) palavras distratoras (21 itens), isto é, palavras do PB que são usadas de modo geral por todos sem correlação com fatores sociais e, iv) pseudopalavras (21 itens), ou seja, palavras que têm a fonotaxe do PB, mas não se configuram como item lexical. Algumas dessas pseudopalavras foram retiradas do estudo de Souza e Freitag (2021), no entanto, outras precisaram ser criadas com base no critério de extensão para que todas apresentassem tamanhos parecidos com as variantes escolhidas para este estudo. As variáveis dependentes analisadas são o tempo de reação e a acurácia, isto é, a porcentagem de acertos, considerando como erro palavras reais do português classificadas como não reais pelos informantes e vice-versa. A variável independente é o tipo de item (variante padrão, variante regional, controle e pseudopalavras). A lista de estímulos-alvo está disponível na Tabela 2, e a lista de palavras-controle, distratoras e pseudopalavras pode ser visualizada na Tabela 3.

Para ter um equilíbrio entre os tipos de variantes, caso isso venha a se mostrar importante para a análise da tarefa de decisão lexical, os estímulos foram classificados dentro das três categorias de significado social – estereótipos, marcadores e indicadores – conforme propôs Labov (2008). Essa classificação é feita a depender do nível de consciência social que o falante tem sobre determinado fenômeno variável. Por falta de estudos prévios, a classificação foi feita por mim, a partir dos resultados apresentados no estudo-piloto e por ser moradora da cidade, possuindo conhecimento empírico das variantes faladas. Apesar de não ser uma variável, a classificação é um fator importante para a análise. A partir do estudo-piloto reportado na seção 3.4.1.2 foi possível fazer a classificação de cada um dos estímulos.

Tabela 2 - Lista de estímulos-alvo (variante padrão e variante regional) selecionados para a tarefa de decisão lexical com a frequência por milhão e a classificação

Variante padrão	Frequência por milhão	Variante regional	Classificação (conforme Labov, 2008)	Frequência por milhão
menino	46,75	guri	indicador	0,38
montanha	10,51	morro	indicador	35,18
chifre	1,81	guampa	marcador	Não encontrado
calcanhar	2,67	garrão	estereótipo	0,03

estilingue	0,15	bodoque	marcador	0,03
carne moída	NE	guisado	marcador	0,03
bêbado	5,29	borracho	marcador	0,06
semáforo	3,53	sinaleira	indicador	0,06
quebra-molas	0,22	lombada	indicador	0,79
arroio	0,31	riacho	marcador	1,27
banheiro	14,05	patente	estereótipo	11,44
chute	14,97	coice	estereótipo	0,41
bola de gude	Não encontrado	bolita	indicador	Não encontrado
mandioca	5,70	aipim	indicador	0,19
temporal	4,65	tempestade	indicador	8,09
rabo	3,85	cola	marcador	4,93
pinta	3,02	sinal	indicador	61,79
rosto	42,70	cara	marcador	68,01
diabo	18,64	capeta	estereótipo	0,50
amarelinha	0,73	sapata	estereótipo	0,09
fuligem	0,86	picumã	marcador	0,03

Fonte: autora (2024)

Tabela 3 - Lista de palavras-controle, distratoras e pseudopalavras selecionadas para a tarefa de decisão lexical com a frequência por milhão

Palavras-controle	Frequência por milhão	Distratoras	Pseudopalavras
pacote	47,70	casa	pimada
asfalto	10,48	livro	esface
gancho	1,81	presente	tapi
palmito	2,67	água	límpela
cotonete	0,15	coração	tonicote
conta gotas	NE	cinema	pelpapuga
gigante	5,25	boneca	decató
zoológico	4,04	céu	dibata
ratoeira	0,22	chocolate	robudagem
lentilha	0,31	lama	apilca
guitarra	13,79	café	boreza
trigo	14,94	grupo	coni
perna de pau	Não encontrado	tabela	botedegona
enfermeira	5,25	palito	norevice
caçador	4,62	gelo	butove
pilha	3,85	sapo	cafa
babá	2,99	época	impa
multa	42,48	dúvida	lobe
floresta	18,61	zero	lotade
analfabeto	0,73	crise	cafisada

cúmplice	0,86	jiló	navela
----------	------	------	--------

Fonte: autora (2024).

A tarefa contém 105 estímulos (21 variantes padrão, 21 variantes regional, 21 palavras-controle, 21 palavras distratoras e 21 pseudopalavras). Cada um dos estímulos-alvo foi classificado de acordo com as categorias de significado social (Labov, 2008), por exemplo: o par de estímulos “menino-guri” foi classificado como um indicador, pois têm pouco efeito de julgamento do ouvinte quanto ao status social do falante, apesar de se usar mais “guri”, não há estranhamento quando alguém diz “menino”. O par de estímulos “carne moída-guisado” (Figura 3) foi classificado como marcador, pois há julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o status do falante, quando o estímulo “carne moída” é usado, pois causa estranhamento quando se ouve na região; geralmente as pessoas que utilizam possuem status socioeconômico mais elevado ou são pessoas que vieram de outros lugares. Por último, o par de estímulos “calcanhar-garrão” foi classificado como estereótipo, pois quem usa “garrão” são pessoas estigmatizadas, isto é, são rotulados socialmente e podem trazer impacto social na comunidade de fala, pois poucas pessoas ainda usam a palavra “garrão” e isso causa um certo estranhamento para quem ouve. As pessoas que usam essa palavra têm pouca escolaridade e são de uma classe socioeconômica mais baixa. Além disso, a maioria são pessoas mais velhas. No Apêndice D, é possível visualizar a lista de estímulos com a classificação, de acordo com Labov (2008) e a motivação para essa classificação.

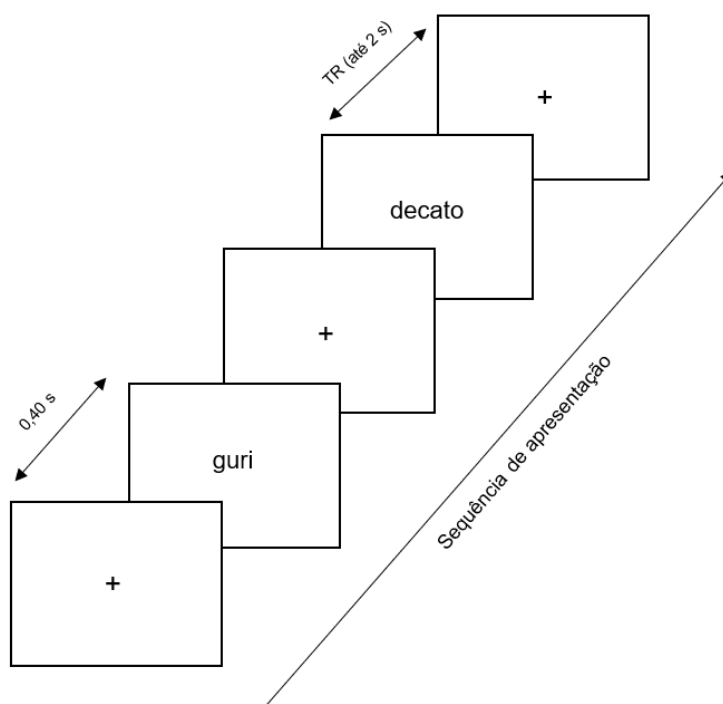
3.4.1.2 Apresentação dos estímulos

A tarefa de decisão lexical é um teste do sistema de reconhecimento palavras que verifica a avaliação que os informantes fazem sobre a variação lexical, isto é, envolve o julgamento lexical de palavras serem ou não reais na língua, o que é feito por meio de um toque a teclas específicas do computador. Assim, é apresentado aos informantes uma lista contendo uma série aleatória de palavras reais ou não reais e esperava-se, nesta pesquisa, que eles apertem a tecla “A”, quando o estímulo apresentado fosse uma palavra real, e a tecla “L”, quando o estímulo não fosse uma

palavra real. Essas teclas foram escolhidas porque estão localizadas em lados opostos do teclado e, com isso, os participantes correriam menos risco em confundí-las. Os estímulos foram apresentados na tela do computador, com tempo de 2 segundos para os participantes responderem, e as medidas de tempo de reação e acurácia foram registradas. O equipamento utilizado para a coleta de dados foi um notebook Samsung Book Intel Core i3, do modelo NP550XDA-KV3BR, tela Full HD LED antirreflexiva, tamanho 15,6. O *software* utilizado para desenvolver e aplicar a tarefa foi o *PsychoPy* (Peirce, 2007).

Os estímulos foram divididos em cinco blocos, um bloco de treino e quatro blocos de testes. O bloco de treino foi constituído de 10 palavras, sendo duas variantes padrão (tangerina e salsicha), duas variantes regionais (bergamota e vina), duas palavras-controle (sonífero e protetor), duas distratoras (seco e genro) e duas pseudopalavras (sarapuda e gibuca). O bloco de treino foi incluído com o objetivo de familiarizar os informantes com a dinâmica da atividade, visando deixar claro que a tarefa experimental é bastante simples. Dessa forma, esse bloco foi constituído de 10 estímulos. Em todos os blocos, os estímulos eram apresentados durante 2 segundos. Os quatro blocos de teste foram constituídos de 105 estímulos. No primeiro bloco, havia 26 estímulos, no segundo 27 estímulos, no terceiro 26 estímulos e, no quarto, 27 estímulos. A cada troca de bloco havia um intervalo, no qual o tempo era determinado pelos participantes, pois ao apertarem na tecla espaço, continuavam com o experimento. Os intervalos tinham o intuito de promoverem o descanso dos participantes antes de darem continuidade a mais um bloco de estímulos. É importante salientar que o pares de estímulos-alvo não estavam no mesmo bloco para que não houvesse um efeito facilitador da apresentação de uma forma linguística sobre a ativação de um estímulo apresentado logo após, isto é, os estímulos não estão no mesmo bloco para que um não tenha efeito sobre o outro. A Figura 4 ilustra o desenho experimental.

Figura 4 - Desenho experimental da tarefa de decisão lexical



Fonte: Autora (2024)

Conforme pode ser observado na Figura 4, no início de cada bloco, mostrava-se um ponto de fixação (+), que permanecia visível por 400ms no centro da tela. Em seguida, um estímulo era apresentado na mesma posição do ponto de fixação. Esse estímulo continuava na tela até que uma resposta fosse fornecida ou por até 2 segundos. Essa dinâmica repetiu-se até o final na tarefa. No segundo quadrado da Figura 4, tem-se o exemplo de estímulo, a palavra “guri” é uma variante regional. No contexto do experimento, esperava-se que os informantes respondessem com “sim”, de maneira a indicar que reconheciam o estímulo como uma palavra real do português. No quarto quadrado da Figura 4, tem-se o estímulo “decató”, uma pseudopalavra. Nesse caso, esperava-se que os informantes respondessem “não”, já que não está violando os padrões da LP, mas não é uma palavra real. Ao longo da tarefa, a apresentação dos pontos de fixação e dos estímulos se manteve igual, sem que os tempos estabelecidos fossem alterados. No entanto, cada um dos participantes encontrou uma ordem aleatória desses estímulos dentro de cada bloco, garantindo que a ordem apresentada não tivesse influência nos resultados.

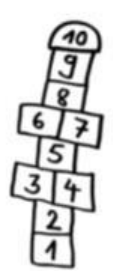

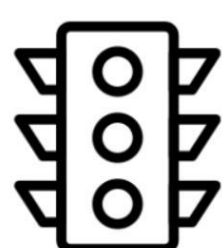

A tarefa experimental consiste no julgamento de uma série aleatória dos estímulos da variante padrão, variante regional, palavras-controle, distratoras e pseudopalavras. O participante, após ler cada item na tela do computador, uma única vez, devia decidir se o item é uma palavra real ou não real do PB. Para isso, os estudantes foram chamados individualmente em uma sala disponibilizada pela escola, durante o período escolar regular. Os participantes foram instruídos de forma oral e de forma escrita na tela do computador. Primeiramente, foram orientados a apertar a letra “A” do teclado quando considerassem que o item era uma palavra real do PB e apertar a letra “L” quando considerassem que o item não era uma palavra real. Além disso, deveriam tentar responder dentro de 2 segundos. Antes de iniciar o experimento, os participantes fizeram um treino. No começo do experimento, os participantes tiveram acesso as seguintes instruções escritas: “Nessa tarefa, você lerá uma palavra por vez na tela. Quando a palavra é real, aperte a tecla “A”. Quando a palavra não é real, aperte a tecla “L”. Cuide para responder da forma mais correta e rápida possível. Por gentileza, tente responder dentro de 2 segundos. Inicialmente, você fará um breve teste”. Ao todo, a tarefa durou em torno de 6 minutos.

3.4.1.3 Estudos-piloto: estímulos da tarefa de decisão lexical

Para verificar a aplicabilidade dos estímulos e do experimento, foram realizados dois estudos-piloto. O primeiro estudo foi realizado com voluntários de Bagé e teve como objetivo de verificar se os estímulos-alvo selecionados eram válidos para o público-alvo, já que o ALERS traz informações de 1987. O outro estudo-piloto foi conduzido com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, buscando verificar os procedimentos da pesquisa como um todo.

O primeiro estudo-piloto foi aplicado com pessoas voluntárias da cidade de Bagé (n = 27), recrutadas por conveniência. Para isso, disponibilizou-se um questionário virtualmente a partir do Google Formulários, com imagens e perguntas, assim como no ALERS, e os informantes deveriam nomeá-las escrevendo de acordo com a variante que mais usam no seu cotidiano. Na Figura 5 é possível visualizar a estrutura do questionário de estímulos.

Figura 5 - Exemplo da estrutura do questionário de estímulos

Qual o nome do jogo em que as crianças fazem uma figura no chão, formada por dez quadrados numerados?	O brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha é chamado de... *
	
Como se chama isso? *	O que se põe nos pés antes de calçar o sapato? *
	
Sua resposta _____	Sua resposta _____

Fonte: Autora (2023)

O estudo-piloto contou com a participação de 27 voluntários, dos quais a maioria possui ensino superior completo. A faixa etária dos participantes variaram de 14 a 55 anos, sendo a média 27,44 anos. A partir dos resultados, foram excluídos ou alterados alguns estímulos, pois percebeu-se que os participantes não utilizavam o par de estímulos-alvo selecionados para a pesquisa. Dessa forma, optou-se por alterá-los para as nomeações que fizeram das imagens, como, por exemplo, o par de estímulo “face-cara” foi alterado para “face-rostto”, porque a maioria dos participantes não nomeou como “cara”. A Tabela 4 abaixo mostra todos os 26 estímulos-alvo selecionados no primeiro momento, as nomeações feitas e o número de pessoas que nomearam.

Tabela 4 - Resultados dos pares de estímulos do estudo-piloto, número de nomeações (n = 27)

Guri-Menino: -Guri: 12 -Gurizinho: 2 -Menino: 9 -Menino/guri: 4	Chifre-Guampa: -Chifre: 20 -Guampa: 6 -Guampinha: 1	Calcanhar-Garrão: -Calcanhar: 22 -Garrão: 1 -Garrão/calcanhar: 1 -Canela: 1 -Tornozelo: 1 -Parte de trás do pé: 1
Amarelinha-Sapata: -Amarelinha: 25 -Sapata: 2	Estilingue-Bodoque: -Bodoque: 20 -Estilingue: 6 -Funda: 1	Carne moída-Guisado: -Guisado: 22 -Carne moída: 3 -Carne moída/guisado: 2
Bêbado-Borracho: -Borracho: 8 -Bêbado: 8 -Alcoólatra: 4 -Bebum: 3 -Alcoólatra/borracha: 1 -Cachaceira: 1 -Pinguço/bêbado: 1 -Pinguço: 1	Semáforo-Sinaleira: -Sinaleira: 15 -Semáforo: 8 -Sinal: 3 -Semáforo/sinaleira: 1	Quebra-molas-Lombada: -Quebra-molas: 16 -Lombada: 8 -Elevação/lombada: 1 -Não sei: 2
Bola de gude-Bolita: -Bolita: 18 -Bola de gude: 7 -Bola de gude/bolita: 1 -Gude: 1	Mandioca-Aipim: -Mandioca: 19 -Aipim: 6 -Semente: 1 -Não sei: 1	Temporal-Tempestade: -Temporal: 15 -Tempestade: 8 -Chuvarada: 2 -Relâmpago: 1 -Toró: 1
Rabo-Cola: -Rabo: 16 -Cola: 10 -Rabinho/colinha: 1	Pinta-Sinal: -Pinta: 14 -Sinal: 7 -Pintinha: 2 -Espinha: 1 -Mancha: 1 -Sardas: 1 -Verruga: 1	Fuligem-Picumã: -Fuligem: 8 -Picumã: 4 -Chaminé: 4 -Fumaça: 4 -Cinzas: 3 -Mofo: 2 -Tisna: 1 -Não sei: 1

Garoa-Neblina: -Garoa: 22 -Neblina: 1 -Chuvisco: 3 -Murrinha: 1	Meia-Carpim: -Meia: 27 -Carpim: 0	Urubu-Corvo: -Urubu: 23 -Corvo: 1 -Não sei: 1 -Papagaio: 1
Monte-Cerro: -Monte: 1 -Cerro: 0 -Montanha: 15 -Morro: 10 -Cota: 1	Cílios-Pestana: -Cílios: 27 -Pestana: 0	Banheiro-Patente: -Banheiro: 26 -Patente: 0 -Lavabo: 1
Pontapé-Coice: -Pontapé: 5 -Coice: 0 -Pé na bunda: 5 -Bico: 2 -Bico/chute: 1 -Bicuda: 1 -Chute na bunda: 1 -Chute: 12	Diabo-Demônio: -Diabo: 19 -Demônio: 0 -Capeta: 4 -Satanás: 1 -De baixo da terra: 1 -Inferno: 1 -Não respondeu: 1	Face-Cara: -Cara: 2 -Face: 0 -Rosto: 25
Grampo-Passador: -Grampo: 16 -Passador: 0 -Grampo/Tic Tac: 8 -Tic tac: 2 -Prendedor de cabelo: 1	Arroio-Sanga: -Arroio: 5 -Sanga: 0 -Rio: 5 -Córrego: 4 -Açude: 2 -Bosque: 1 -Lago: 1 -Riacho: 9	

Fonte: autora (2024)

Do par de estímulos menino-guri até o par fuligem-picumã, percebe-se que houve nomeações nas duas variantes e que os informantes reconhecem e utilizam no seu cotidiano essas palavras. Mesmo apresentando outras variantes, o maior número

de nomeações foi no par de estímulos-alvo. Dessa forma, esses estímulos selecionados continuaram no experimento.

Em alguns pares de estímulos, houve poucas ou até mesmo nenhuma nomeação de um dos estímulos esperados. Isso gerou dúvidas quanto a mantê-los ou não, pois muitos deles não foram nomeados pelos participantes, isto é, não são formas preferencialmente utilizadas por eles, como observa-se do par de estímulos garoa-neblina até arroio-sanga.

De posse desses resultados, realizou-se um segundo estudo-piloto aplicando a tarefa de decisão lexical em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental ($n = 24$), da cidade de Bagé, com estudantes da mesma idade, mesmo ano escolar e da mesma escola do público-alvo da pesquisa. O estudo-piloto contou com a participação de 24 voluntários (16 meninos e 8 meninas), com a idade média de 14,7 anos. Os informantes do estudo-piloto receberam as mesmas instruções que foram dadas à amostra-alvo. No estudo-piloto, todos os estímulos pré-selecionados foram apresentados, a fim de verificar como os estudantes reconheceriam esses estímulos. Os resultados encontrados na análise do segundo estudo-piloto (aplicação da tarefa de decisão lexical) podem ser visualizados na Tabela 5 abaixo. Para esta análise, foram selecionados somente os pares de estímulos que geraram dúvidas no primeiro estudo-piloto, isto é, aqueles pares que tiveram poucas nomeações ou nenhuma. A partir disso, foi calculada a média do tempo de reação de cada um dos estímulos-alvo e verificado o número de erros na tarefa de decisão lexical, visando averiguar se os estudantes reconheceram todos os estímulos.

Tabela 5 - Tempo de reação (TR) dos pares de estímulos no segundo estudo-piloto - aplicação da tarefa de decisão lexical (n = 24)

Garoa-Neblina: -Garoa: Média (TR): 770 ms - 6 erros -Neblina: Média (TR): 760 3 erros (1 não respondeu)	Meia-Carpim: -Meia: Média (TR): 530 ms -Carpim: Média (TR): 840 ms - 2 erros (3 não responderam)	Urubu-Corvo: -Urubu: Média (TR): 660 ms - 1 erro -Corvo: Média (TR): 460 ms (1 não respondeu)
Monte-Cerro: -Monte: Média (TR): 830 ms - 5 erros -Cerro: Média (TR): 810 - 5 erros (1 não respondeu)	Cílios-Pestana: -Cílios: Média (TR): 690 ms - 3 erros (1 não respondeu) -Pestana: Média (TR): 980 ms - 12 erros (1 não respondeu)	Banheiro-Patente: -Banheiro: Média (TR): 560 ms -Patente: Média (TR): 870 ms - 3 erros
Pontapé-Coice: -Pontapé: Média (TR): 700 ms - 1 erro -Coice: Média (TR): 730 ms - 4 erros (1 não respondeu)	Diabo-Demônio: -Diabo: Média (TR): 530 ms - 1 erro -Demônio: Média (TR): 540 ms	Face-Cara: -Cara: Média (TR): 510 MS - 1 erro -Face: Média (TR): 700 - 1 erro (1 não respondeu)
Grampo-Passador: -Grampo: Média (TR): 630 ms (1 não respondeu) -Passador: Média (TR): 640 ms	Arroio-Sanga: -Arroio: Média (TR): 710 ms - 3 erros -Sanga: Média (TR): 730 ms - 5 erros (1 não respondeu)	

Fonte: Autora (2024)

A partir dessa análise, percebeu-se que alguns estímulos não eram conhecidos pelos estudantes, pois não foram nomeados e/ou tiveram tempos de reação muito altos, semelhantes a pseudopalavras; por isso, foram retirados, como é o caso do par de estímulos: garoa-neblina; meia-carpim; urubu-corvo; cílios-pestana e, grampo-passador. Apesar do par banheiro-patente não ter apresentado nomeação em uma das variantes, com o segundo estudo-piloto, percebeu-se que os estudantes, apesar de não fazerem uso dessa variante relacionada a uma faixa etária mais avançada do que a deles, a reconhecem. Dessa forma, os estímulos podem ser reconhecidos de forma mais passiva.

Com as diferentes nomeações que foram trazidas pelos informantes do primeiro estudo-piloto, alguns dos pares de estímulos foram alterados para as variantes que estes informantes mais utilizam no dia a dia, como é o caso do par monte-cerro que foi alterado para montanha-morro, pontapé-coice que foi alterado para pontapé-chute, face-cara foi alterado para face-rostto, diabo-demônio foi alterado para diabo-capeta e, por último, arroio-sanga foi alterado para sanga-riacho.

A partir dos estudos-piloto foi possível classificar os estímulos de acordo com as categorias de significado social, pois com os resultados apresentados pelos informantes, tanto na nomeação quanto na tarefa de decisão lexical, foi possível fazer uma análise do grau de avaliação social de cada um destes estímulos. Além disso, por ser moradora da cidade, algumas classificações que tinha feito anteriormente, foram alteradas para a visão dos informantes como um todo, não só a minha. Dessa forma, é importante destacar a relevância do estudo piloto para garantir a qualidade dos estímulos e um maior controle metodológico.

3.4.3 Questionário de crenças

O questionário de crenças foi aplicado na turma de 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Educação Básica Professor Justino Costa Quintana, localizada na cidade de Bagé (RS). O questionário foi baseado nos estudos de Marques e Baronas (2015), Frasson (2016), Santos (2016), Silva (2019) e Correia (2022). Nesses estudos, o formato do questionário era em pergunta aberta e, em alguns, os informantes deveriam responder sim ou não ou verdadeiro ou falso. No

entanto, para elaboração do questionário da presente pesquisa, optou-se por utilizar afirmações juntamente com a escala de Likert para elaborar questões mais direitas sobre a variação regional no nível lexical. Para isso, baseando-se nas perguntas realizadas pelos autores, foram criadas algumas afirmações. Outras afirmações foram elaboradas, a fim de verificar algumas crenças ligadas à cidade de Bagé e ao estado do Rio Grande do Sul.

O questionário é composto por dezessete (17) afirmações (Apêndice C), como, por exemplo, “Eu posso falar do mesmo jeito em todas as situações da vida”, “Existem pessoas que usam palavras diferentes das palavras que eu costumo usar” e “Na minha cidade, tem pessoas que falam melhor do que outras”. Em cada uma das afirmações, os informantes responderam de acordo com a escala de 5 pontos (discordo totalmente, discordo em parte, nem concordo e nem discordo, concordo em parte e concordo totalmente). Além das afirmações sobre a variação diatópica, os informantes responderam a algumas questões pessoais, como a sua idade, seu sexo/gênero, seu local de moradia (zona urbana ou rural), se usam outra língua no seu cotidiano, se costumam ler livros, jornais ou revistas e se os pais e/ou responsáveis costumam ler livros, jornais ou revistas. Em todas as afirmações, havia um espaço destinado para que os participantes justificassem sua resposta, caso julgassem necessário. Os estudantes preencheram de forma escrita o seu questionário. Antes de começarem a responder, foi dada a orientação de como deveriam preencher, além disso, conforme eles iam respondendo e surgisse alguma dúvida, poderiam se manifestar. Os participantes foram orientados a lerem cada uma das frases e marcarem uma das alternativas de acordo com a sua opinião e, se achassem necessário, poderiam justificar a sua escolha. Além disso, foi enfatizado de que não havia resposta correta. Ao todo, os estudantes demoraram em torno de 20 a 30 minutos para responderem ao questionário. Aderindo ao movimento de ciência aberta, os questionários de cada um dos participantes da pesquisa estão disponibilizados na plataforma OSF¹⁵. A Figura 6 abaixo mostra como o questionário se estruturou.

¹⁵ Respostas do questionário de crenças linguísticas de cada um dos participantes da pesquisa estão disponíveis no seguinte link: https://osf.io/7vdas/?view_only=9c3629a627884257b4f2a575c519f9fa.

Figura 6 - Exemplo da estrutura do questionário de crenças

- Dentro do Rio Grande do Sul existem sotaques melhores do que outros.

- 1 – Concordo totalmente
- 2 – Concordo em parte
- 3 – Nem concordo e nem discordo
- 4 – Discordo em parte
- 5 – Discordo totalmente

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Justificativa:

Fonte: autora (2024)

Antes de começarem a responder, eles tiveram a seguinte instrução: “Leia cada uma das frases e marque uma das alternativas de acordo com a sua opinião. Caso julgue necessário, em cada uma das frases tem espaço para justificar a sua resposta”. A coleta desses dados foi realizada dentro da sala de aula e todos responderam ao mesmo tempo de forma individual.

Antes da aplicação na turma de 9º ano do Ensino Fundamental, que foi a amostra-alvo, o questionário foi avaliado por quatro especialistas em Linguística. A avaliação confirmou que o questionário estava bem assertivo, com instruções e afirmações claras e objetivas e que as questões apresentadas deixavam claro o foco na variação lexical, considerando o nível regional, foco deste trabalho. Além disso, foram feitas algumas sugestões para melhorar a formulação das afirmações como, por exemplo, escrita na ordem canônica, retirada das ambiguidades e especificação do estado e/ou cidade, ao invés do uso mais amplo “sua região”. Para deixar o questionário mais fácil de ser respondido pelo público-alvo, foram inseridas opções de resposta, isto é, eles deveriam marcar se concordavam totalmente, concordavam em

parte, nem concordavam e nem discordavam, discordavam em parte ou discordavam totalmente, como no exemplo mostrado na Figura 6.

3.4.3.1 Estudos-piloto: questionário de crenças

Depois do processo de formulação do questionário, para verificar a aplicabilidade das afirmações colocadas no questionário, foram realizados dois estudos-piloto, um com vinte e sete voluntários de Bagé e outro com os vinte e quatro estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, que participaram do estudo-piloto da tarefa de decisão lexical e que não participaram da amostra-alvo.

O primeiro estudo-piloto foi aplicado com pessoas voluntárias da cidade de Bagé, de diferentes faixas etárias. Para isso, disponibilizou-se o questionário virtualmente a partir do Google Formulários. Além das afirmações sobre a variação diatópica, os informantes deveriam responder às questões apresentadas anteriormente, porém com acréscimo do nível de escolaridade. O resultado contou a participação de vinte e sete voluntários (19 mulheres e 8 homens), dos quais a maioria possui ensino superior completo, mora na zona urbana e a idade média é de 28 anos. A partir deste estudo, foi possível verificar se o entendimento das afirmações foi como pretendido, pois os informantes conseguiram responder e justificar suas respostas de acordo com as afirmações.

O segundo estudo-piloto sobre o questionário de crenças foi aplicado em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental (n = 24), no final do ano de 2023, da escola estadual Professor Justino Costa Quintana com participantes do mesmo ano escolar, da mesma faixa etária e da mesma escola do público-alvo. O questionário foi aplicado presencialmente com a turma do nono ano, e respondido de forma individual por cada um dos estudantes. Os informantes responderam às mesmas perguntas do questionário elaborado. O resultado contou com a participação de vinte e quatro estudantes (16 meninos e 8 meninas), dos quais todos moram na zona urbana, e a idade média é de 14 anos. A partir do estudo-piloto, a asserção “Os falantes da cidade falam melhor do que os falantes do interior” foi alterada para “Os falantes da zona urbana falam melhor do que os falantes da zona rural”, pois os estudantes apresentaram confusão no entendimento do que seria o interior, já que Bagé é

considerada uma cidade do interior do Rio Grande do Sul e, na questão apresentada, a palavra “interior” estava se referindo à zona rural.

Por fim, os estudos-piloto serviram para averiguar a aplicabilidade das questões, buscando trazer mais confiabilidade para os instrumentos. Isso pode ser feito a partir das respostas e das justificativas dos participantes, visando verificar se o entendimento das afirmações foi como pretendido. Além disso, a partir dos estudos, questionário foi avaliado, a fim de verificar se as afirmações eram adequadas para o público-alvo. As adaptações necessárias foram feitas para, posteriormente, proceder para a sua implementação.

3.5 Coleta de dados

A coleta de dados com a amostra-alvo foi realizada no período de 22 de fevereiro a 15 de março de 2024. Ao todo, participaram da pesquisa vinte e oito (28) estudantes do 9º ano da Escola Estadual Justino Costa Quintana, localizada em Bagé (RS). Como a escola é localizada no centro da cidade e tem uma demanda bastante grande de estudantes, havia três turmas de nonos anos ativas. Dessa forma, dos 28 participantes, 12 são da turma do 9º azul, 14 da turma do 9º ano amarelo e 2 da turma do 9º ano verde.

Antes de iniciar a coleta de dados, foi entregue aos estudantes o TCLE para que os pais e/ou responsáveis assinassem concordando com a participação do estudante na pesquisa. Depois que foi recolhido o termo assinado, e os participantes assinaram o TALE, a coleta de dados começou efetivamente.

A coleta de dados da tarefa de decisão lexical foi realizada individualmente com cada um dos estudantes no período de 04 a 07 de março. A tarefa foi desenvolvida e aplicada por meio do software *PsychoPy* (Peirce, 2007). A aplicação foi realizada na Sala de Orientação Especial (SOE) da escola. Cada um dos estudantes que chegava na sala recebia as instruções necessárias e o estudante iniciava a tarefa no computador. A realização da tarefa durou em torno de 6 minutos. O questionário de crenças linguísticas foi aplicado em toda a turma na própria sala de aula, e os estudantes preencheram individualmente.

Nos dias 14 e 15 de março, foram chamados até o SOE aqueles estudantes cujos os responsáveis assinaram o TCLE, mas que não haviam ido à aula no dia em que o questionário foi aplicado com todo o restante da turma. Os estudantes receberam as mesmas orientações dos demais. No geral, os estudantes demoraram cerca de 20 a 30 minutos para responderem ao questionário. No Quadro 1, é possível visualizar o cronograma de realização das coletas de dados.

Quadro 1 - Cronograma da coleta de dados - 2024

22 de fevereiro	Entrega dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)
29 de fevereiro	Recolhimento dos TCLE dos estudantes na sala de aula
01 de março	Passagem pelas salas para lembrar que os estudantes ainda poderiam entregar os termos assinados
04 de março	Assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido Início da aplicação da Tarefa de Decisão Lexical (TDL)
05 de março	Continuação da aplicação da TDL
06 de março	Continuação da aplicação da TDL
07 de março	Continuação da aplicação da TDL
11 de março	Aplicação do questionário na turma do 9º ano azul
13 de março	Aplicação do questionário nas turmas do 9º ano amarelo e verde
14 de março	Aplicação do questionário com os estudantes que faltaram
15 de março	Aplicação do questionário com os estudantes que faltaram

Fonte: autora (2024)

3.6 Análise da tarefa de decisão lexical

O objetivo da aplicação da tarefa de decisão lexical foi investigar o efeito da variação linguística diatópica no processamento das palavras. A partir dos dados coletados, foram analisadas as variáveis dependentes acurácia e tempo de reação.

Para que fosse feita a análise dos dados, primeiramente todas as tabelas criadas pelo software PsychoPy foram agregadas em uma única tabela. Depois, foram deletados os dados omissos e, para análise da acurácia, criou-se um arquivo com todas as respostas dadas pelos informantes. Para a análise do tempo de reação, criou-se outro arquivo em que foram deletados os erros, isto é, palavra reais (tecla A) respondidas como se fossem palavras não reais (tecla L) e vice-versa.

Após a criação dos dois arquivos (um para acurácia e outro para o TR), utilizou-se o programa SPSS® 19.0 (IBM CORP., 2010) para realizar a análise estatística descritiva e inferencial. Após a análise estatística, fez-se o teste de normalidade para verificar como os dados estão distribuídos na amostra. O teste aplicado foi o Teste de Shapiro-Wilk, que tem como objetivo avaliar se a distribuição dos dados é semelhante a uma distribuição normal. Como resultado, tem-se que $W = 0,380$ e $p < 0,0001$. A partir disso, percebeu-se que os dados não têm distribuição normal. Visto que os dados apresentam mais de três variáveis e diferentes categorias, utilizou-se o Teste Não Paramétrico de Kruskal-Wallis para investigar a diferença no processamento dos diferentes tipos de palavras.

3.7 Análise das crenças

O objetivo do questionário foi verificar as crenças dos estudantes sobre a variação linguística regional. Como o questionário foi aplicado em papel aos informantes, foi realizada uma tabulação no Excel para organizar os dados e sistematizá-los. Nessa tabulação, foram inseridas as respostas de todos os vinte e oito participantes, gerando, assim, dezessete tabelas, uma para cada questão. Também foi realizada uma tabulação das informações pessoais fornecidas pelos participantes, no que diz respeito às seguintes informações: idade, sexo/gênero, local

de moradia, se usam outra língua no cotidiano, se costumam ler livros, jornais, revistas e se os pais e/ou responsáveis costumam ler livros, jornais, revistas.

A partir dos dados das tabelas, criou-se um gráfico de pizza para os resultados encontrados em cada uma das afirmações, contendo o número de ocorrências e as porcentagens das respostas. Para melhor análise dos resultados, foi criada, também, uma tabela com as médias das respostas de cada uma das afirmações. As justificativas trazidas pelos estudantes no questionário foram transcritas para o Google Formulários, visando fazer o registro e a posterior análise.

3.8 Análise comparativa das crenças e dos dados de processamento

O objetivo da análise comparativa é relacionar as crenças dos estudantes sobre a variação linguística diatópica com os dados de processamento, resultantes da tarefa experimental. Não foi possível fazer uma análise de correlação entre os dados por se tratarem de dados de tipos diferentes. A escala de Likert gerou dados ordinais e a tarefa de decisão lexical gerou dados contínuos. Além disso, os dados do questionário nem sempre têm o mesmo significado, pois 1 “concordo plenamente” nem sempre denota algo positivo e 5 “discordo plenamente” nem sempre denota algo negativo e vice-versa.

Para a análise comparativa, foi criada no programa SPSS® 19.0 (IBM CORP., 2010) uma tabela com os dados de desempenho – médias de acurácia e tempo de reação – de cada um dos participantes da tarefa de decisão lexical. Optou-se por analisar os dados daqueles participantes que obtiveram maior e menor desempenho na tarefa para conseguir criar relações com crenças mais positivas e menos positivas sobre a variação. Após selecionar os participantes, foi criada uma nova tabela com os resultados das médias de acurácia e TR da variante padrão e da variante regional. Depois disso, foram analisadas as respostas que os participantes selecionados deram para cada uma das afirmações do questionário, buscando tecer relações. A partir disso, os dados comparativos foram apresentados de forma descritiva, trazendo todas as respostas apresentadas no questionário pelos participantes selecionados e

fazendo uma comparação com o número de acertos e a média do tempo de reação de cada um deles na tarefa de decisão lexical.

4 Resultados e discussão

Nesta seção são apresentados e discutidos os resultados encontrados na coleta de dados. Primeiramente, são apresentados os resultados encontrados na tarefa de decisão lexical (subseção 4.1) e os resultados do questionário de crenças (subseção 4.2). Na subseção 4.3, é feita a análise comparativa entre os resultados encontrados na tarefa e no questionário. Por último, na subseção 4.4, é feita uma discussão sobre as previsões iniciais apontadas na pesquisa.

4.1 Resultados da tarefa de decisão lexical

A partir dos dados coletados, foram analisadas as variáveis dependentes acurácia e tempo de reação. Para verificar como os dados estavam distribuídos na amostra, foi aplicado o Teste de Shapiro-Wilk, que indicou que os dados tinham distribuição não normal. Visto isso, optou-se por utilizar o Teste Não Paramétrico Kruskal-Wallis para verificar a diferença no processamento das palavras.

Como resultado da tarefa de decisão lexical, foram contabilizadas 2.870 respostas, sem contar as 98 respostas omissas. Em relação aos erros, foram encontradas 346 respostas erradas, sendo elas: 209 palavras reais (tecla A) respondidas como se fossem palavras não reais (tecla L) e 137 pseudopalavras (tecla L) respondidas como se fossem palavras reais (tecla A). A Tabela 6 abaixo mostra os resultados das variáveis dependentes acurácia (média de acertos) e tempo de reação (ms) para cada uma das condições (variante padrão, variante regional, pseudopalavras, controle e distratoras).

Tabela 6 - Resultados das variáveis dependentes Acurácia e Tempo de Reação (entre parênteses: desvio padrão)

Condição	Acurácia (DP)	TR (DP)
Variante Padrão	0,91 (0,29)	618,49 (273,99)
Variante Regional	0,82 (0,39)	697,79 (348,72)
Pseudopalavras	0,75 (0,43)	887,48 (323,58)
Controle	0,94 (0,24)	654,16 (303,08)
Distratoras	0,97 (0,17)	512,51 (258,27)

Fonte: autora (2024)

De modo geral, percebe-se que as variantes padrão e controle se assemelham em porcentagem de acerto (91% e 94%, respectivamente) e em tempo de reação (618,49 ms e 654,16 ms), pois o critério de seleção para as palavras controle foi baseado nas palavras selecionadas como variante padrão, no que diz respeito à extensão e frequência das palavras. Além disso, é possível observar que a variante regional se assemelha à controle, tanto em porcentagem de acertos (82% e 94%, respectivamente), quanto em tempo de reação (697,79 ms e 654,16 ms).

O percentual de acerto na decisão lexical para os estímulos distratores é de 97% e, para as pseudopalavras é de 75%. Percebe-se que as pseudopalavras demandaram um custo de processamento muito maior do que todas as outras condições, assim como esperado.

Os resultados apontam que os estímulos classificados como variante regional tiveram menor porcentagem de acertos se comparados com aos estímulos classificados como variante padrão (82% e 91%, respectivamente). Além disso, a variante regional demandou maior tempo de processamento (697,79 ms) do que a variante padrão (618,49 ms).

Para investigar a diferença no processamento dos diferentes tipos de palavras, ou seja, variante padrão, variante regional, pseudopalavras, controle e distratoras, foi aplicado o teste não paramétrico Kruskal-Wallis. Para a variável acurácia, o teste rejeitou a hipótese nula, de modo que mostrou diferenças entre as condições [$X^2(4) = 172,303$, $p < 0,0001$]. Para verificar as diferenças entre as condições, o teste realizou também comparações entre pares. O resultado consta na Tabela 7.

Tabela 7 - Comparação entre pares do teste Kruskal-Wallis – variável acurácia

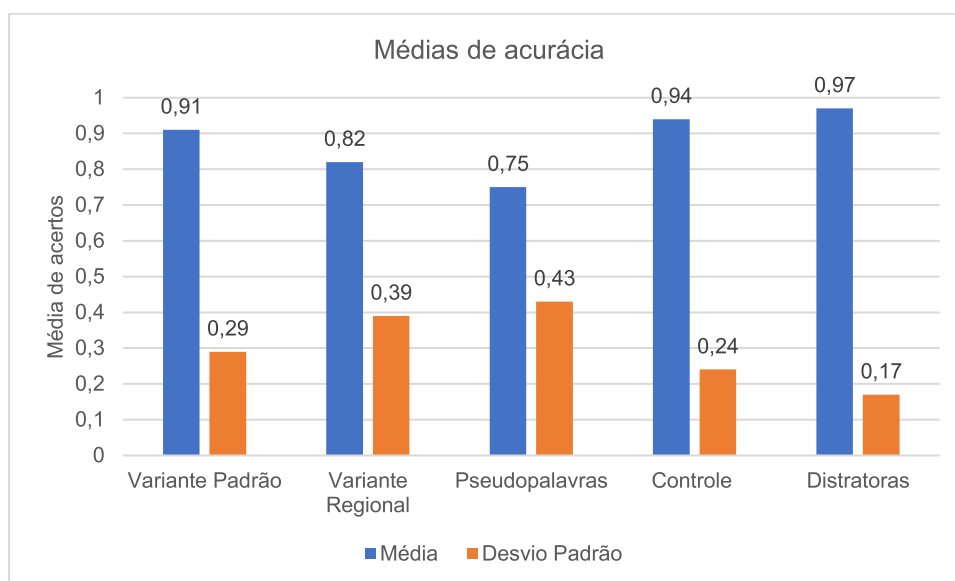
Comparação	Estatística de Teste	Erro Padrão	Estatística de Teste Padrão	Valor de p
Variante Padrão x Controle	-40,726	27,004	-1,508	1,000
Variante Regional x Variante Padrão	133,512	27,370	4,878	< 0,001
Variante Regional x Controle	-174,238	27,370	-6,366	< 0,001
Pseudopalavra x Variante Padrão	-227,680	28,025	-8,124	< 0,001
Pseudopalavra x Variante Regional	-94,168	28,378	-3,318	0,009
Pseudopalavras x Controle	-268,406	28,025	-9,577	< 0,001

Fonte: autora (2024)

A comparação entre pares mostrou que não houve diferença significativa entre a variante padrão e as palavras controle na acurácia, corroborando os resultados mostrados na Tabela 6, em que a média da variante padrão é muito próxima da média das palavras controle (0,91 e 0,94, respectivamente). Além disso, é possível visualizar a pequena diferença no índice de acurácia entre as duas condições na Figura 7 abaixo. Todas as outras comparações entre os pares mostraram diferença estatisticamente significativa. Isso nos mostra que a variante regional teve índices de acertos menores do que a variante padrão e as palavras controle, mesmo os índices sendo bastante próximos. Além disso, nas pseudopalavras, que mostraram diferença significativa com todas as comparações, houve o menor índice de acertos.

A Figura 7 abaixo mostra o gráfico com os resultados das médias de acertos da variável dependente acurácia, em que é possível visualizar com os resultados das comparações entre pares que tiveram diferenças estatisticamente significativas.

Figura 7 - Gráfico das médias de acerto e desvios padrão da variável dependente Acurácia



Fonte: autora (2024)

Ao analisar o gráfico, é possível observar que os resultados corroboram parcialmente a previsão de que as variantes regionais seriam processadas como palavras reais, isto é, teriam maior acurácia do que as pseudopalavras, mas com tempo de reação mais próximo das pseudopalavras do que das variantes padrão, na Figura 8 abaixo é possível verificar a diferença de tempos de reação entre a variante regional e as pseudopalavras. Observa-se que a variante regional obteve média de acerto maior do que as pseudopalavras, corroborando a previsão inicial (82% e 75%, respectivamente). Percebe-se também que, apesar de haver uma grande porcentagem de acerto para a variante regional (82%), a porcentagem de acerto para a variante padrão foi maior (92%), isso pode ser motivado pelo contexto onde os estudantes fizeram a tarefa, ou seja, um ambiente escolar, em que eles são incentivados a fazerem uso da variante padrão, principalmente na escrita.

Para investigar a diferença no processamento dos diferentes tipos de palavras, isto é, variante padrão, regional, pseudopalavras, controle e distratoras, foi aplicado o teste não paramétrico Kruskal-Wallis. Para a variável tempo de reação, o teste também rejeitou a hipótese nula, mostrando diferenças entre as condições [$X^2(4) = 365,903$, $p < 0,0001$]. Para verificar essas diferenças entre as condições, o teste realizou comparações entre pares. O resultado pode ser observado na Tabela 8.

Tabela 8 - Comparação entre pares do teste Kruskal-Wallis – variável tempo de reação

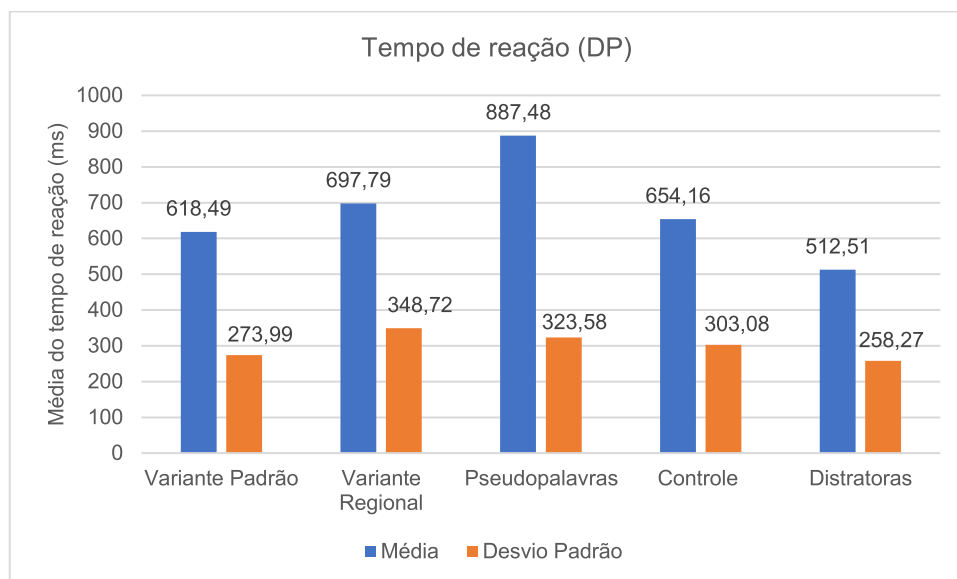
Comparação	Estatística de Teste	Erro Padrão	Estatística de Teste Padrão	Valor de p
Variante Padrão x Controle	-68,254	43,407	-1,572	1,000
Variante Padrão x Variante Regional	-130,977	45,699	-2,866	0,042
Controle x Variante Regional	62,723	44,892	1,397	1,000
Variante Padrão x Pseudopalavra	574,645	46,874	12,259	< 0,001
Variante Regional x Pseudopalavra	443,668	48,252	9,195	< 0,001
Controle x Pseudopalavras	506,391	46,088	10,988	< 0,001

Fonte: autora (2024)

Os resultados apresentados na Tabela 8 mostram que não houve diferença significativa entre o par Variante Padrão x Controle e o par Controle x Variante Regional. Isso mostra que os estímulos dessas condições demandaram tempo de processamento próximos. As outras comparações entre pares mostram diferenças estatisticamente significativas. De maneira geral, a variante regional demandou mais tempo de processamento do que a variante padrão e as pseudopalavras demandaram maior esforço cognitivo de processamento se comparadas a todas as outras condições.

A Figura 8 mostra o gráfico com a média de tempo de reação em milissegundos e nele é possível visualizar, de maneira simplificada, os resultados apresentados na tabela de comparações entre os pares da variável dependente tempo de reação.

Figura 8 - Gráfico das médias em ms e desvios padrão da variável dependente TR



Fonte: autora (2024)

A partir das informações apresentadas no gráfico, é possível confirmar a previsão de que as variantes padrão e controle teriam tempo de reação semelhantes. Percebe-se que há pouca diferença entre essas condições (618,49 ms e 654,16 ms, respectivamente). Outra previsão que pode ser confirmada é a de que as pseudopalavras demandariam mais tempo de reação, isto é, demandaram maior esforço cognitivo dos estudantes.

No entanto, percebe-se que não foi possível confirmar que a leitura da variante regional demandaria tempo de reação mais próximo das pseudopalavras do que das variantes padrão. O que se observa é o oposto, pois o tempo para o processamento das variantes regionais se aproximaram bem mais das variantes padrão (697,79 ms e 618,49 ms, respectivamente), tendo uma diferença bastante significativa de tempo de processamento com relação às pseudopalavras (697,79 ms e 887,48 ms, respectivamente). Isso pode ter ocorrido por conta de os estudantes apresentarem as duas variantes nos seus repertórios linguísticos. O fato de as variantes padrão terem sido processadas de forma um pouco mais rápida do que as variantes regionais pode ser atribuído à inserção no ambiente escolar, pois o contexto escolar pressupõe um maior monitoramento estilístico.

O objetivo da tarefa foi investigar o efeito da variação linguística diatópica no processamento de palavras e, na Tabela 9, é possível visualizar os resultados das

médias da acurácia e do tempo de reação de cada um dos estímulos na variante padrão e regional e, a classificação atribuída segundo Labov (2008) em indicador, marcador e estereótipo.

Tabela 9 - Resultados acurácia e TR dos estímulos na variante padrão e regional

Palavra	Acurácia (DP)	TR (DP)	Classificação (segundo Labov (2008))
Mandioca	1	634,11 (203,79)	Padrão
Aipim	0,61 (0,50)	671,97 (209,94)	Indicador
Amarelinha	1	642,78 (210,02)	Padrão
Sapata	0,67 (0,48)	601,48 (358,50)	Estereótipo
Arroio	0,80 (0,41)	735,76 (293,84)	Padrão
Riacho	0,96 (0,19)	771,47 (278,42)	Marcador
Banheiro	0,96 (0,19)	542,50 (202,61)	Padrão
Patente	0,85 (0,37)	862,61 (412,30)	Estereótipo
Bêbado	0,89 (0,32)	593,18 (232,82)	Padrão
Borracho	0,85 (0,37)	820,21 (458,85)	Marcador
Estilingue	0,85 (0,36)	723,16 (232,82)	Padrão
Bodoque	0,52 (0,51)	998,97 (426,07)	Marcador
Bola de gude	0,93 (0,27)	896,69 (312,44)	Padrão
Bolita	0,67 (0,48)	752,23 (229,89)	Indicador
Calcanhar	0,89 (0,32)	759,61 (375,51)	Padrão
Garrão	0,68 (0,48)	813,57 (320,02)	Estereótipo
Diabo	0,96 (0,19)	506,57 (215,28)	Padrão
Capeta	1	609,66 (299,90)	Estereótipo
Rosto	0,96 (0,19)	464,70 (174,93)	Padrão
Cara	1	453,26 (227,44)	Marcador
Carne moída	1	766,39 (292,71)	Padrão
Guisado	0,88 (0,34)	817,41 (450,09)	Marcador
Chifre	0,96 (0,19)	529,39 (173,43)	Padrão
Guampa	0,70 (0,47)	987,27 (448,77)	Marcador
Chute	0,93 (0,27)	586,67 (184,51)	Padrão
Coice	0,78 (0,42)	667,42 (251,98)	Estereótipo
Rabo	0,96 (0,19)	445,18 (167,23)	Padrão
Cola	1	470,72 (269,33)	Marcador
Fuligem	0,33 (0,48)	623,06 (298,32)	Padrão
Picumã	0,27 (0,45)	1060,19 (479,47)	Marcador
Menino	1	538,07 (283,64)	Padrão
Guri	0,85 (0,36)	545,01 (135,96)	Indicador
Quebra-molas	0,85 (0,37)	788,75 (263,22)	Padrão
Lombada	1	761,68 (370,60)	Indicador

Montanha	1	641,95 (373,13)	Padrão
Morro	0,96 (0,20)	667,68 (236,40)	Indicador
Pinta	0,96 (0,19)	485,33 (225,61)	Padrão
Sinal	1	441,44 (188,84)	Indicador
Semáforo	0,96 (0,20)	672,50 (249,76)	Padrão
Sinaleira	0,86 (0,36)	861,46 (290,12)	Indicador
Temporal	1	550,31 (248,86)	Padrão
Tempestade	0,96 (0,19)	616,22 (258,33)	Indicador

Fonte: autora (2024)

Em relação à análise da tabela, não é possível fazer uma comparação direta entre os estímulos da variante padrão e regional, pois o critério de seleção de cada um deles não foi o mesmo, isto é, os estímulos não apresentam o mesmo tamanho e nem a mesma frequência verificada no *corpus*. No entanto, percebe-se que as variantes regionais estigmatizadas não tiveram menor acurácia e nem demandaram mais tempo de processamento do que as variantes indicadoras, pois, em geral, apresentaram médias parecidas. Os estímulos “sapata”, “capeta” e “coice”, classificados como estereótipos, apresentaram médias de acertos semelhantes às palavras indicadoras, por exemplo, o estímulo “sapata” teve a mesma média de acertos do que o estímulo “bolita” (67% e 67%, respectivamente). Além disso, a média de tempo de reação não mostrou muita diferença entre os estímulos. De maneira geral, os estímulos classificados como estereótipos apresentaram média de acurácia e tempo de reação semelhantes aos estímulos classificados como indicadores.

No entanto, dois estímulos classificados como estereótipos (“patente” e “garrão”) tiveram tempo parecidos com o das pseudopalavras (862,61 ms e 813,57 ms, respectivamente). Porém, os outros três estímulos classificados como estereótipos tiveram tempos de reação semelhantes e até mesmo mais baixos do que alguns dos estímulos indicadores.

A possível motivação para os estímulos “patente” e “garrão” terem demandado maior esforço cognitivo está no fato de que são palavras utilizadas pelas pessoas mais velhas, como foi possível verificar no estudo piloto, e menos escolarizadas da cidade; dessa forma, os participantes podem não ter contato com essas variantes. No entanto, os outros estímulos classificados como estereótipos podem estar mais frequentemente presente no falar e/ou ouvir dos estudantes, por isso, apresentaram médias de acurácia mais altas e foram processadas mais rapidamente.

No que diz respeito aos estímulos classificados como indicadores, é possível perceber médias de tempos de reação variadas, alguns estímulos demandaram menos esforço cognitivo, como é o caso de “aipim” (671,97 ms), “guri” (545,01 ms), “morro” (667,68 ms), “sinal” (441,44 ms) e “tempestade” (616,22 ms), tendo como base a média de TR da variável regional, apresentada na Tabela 6. No entanto, alguns estímulos tiveram tempo de processamento mais próximo das pseudopalavras, como é o caso dos estímulos “bolita”, “lombada” e “sinaleira” (752,23 ms, 761,68 ms e 861,46 ms). É interessante observar que no estudo-piloto realizado para a seleção dos estímulos, a maioria dos informantes nomeou como “bolita” (n = 18) e “sinaleira” (n = 15), porém, os estudantes da amostra-alvo demandaram maior tempo de processamento nesses estímulos. É possível que essa demanda maior tenha sido motivada pelo ambiente escolar, que influencia os estudantes a utilizarem na fala e na escrita a variante padrão.

Os estímulos classificados como marcadores apresentaram uma média maior de acertos. Entretanto, dois estímulos se destacaram por terem apresentado menores médias de acurácia, como é o caso de “bodoque” e “picumã” que tiveram 52% e 27% de acertos, respectivamente. Além disso, demandaram maior esforço cognitivo dos estudantes, pois tiveram os tempos de processamento mais altos do que todos os outros estímulos (998,97 ms e 1060,19 ms). No estudo-piloto realizado para a seleção dos estímulos, a maioria dos informantes (n = 20) nomeou como “bodoque”, no entanto, os estudantes não reconheceram como palavra real na tarefa. O estímulo “picumã” apresentou poucas nomeações no estudo-piloto e, possivelmente, é uma palavra que não está mais sendo utilizada, pois poucos estudantes reconheceram como sendo uma palavra da língua, dessa forma, é possível que isso possa ser o início de uma mudança linguística. Tendo em vista o resultado do estudo-piloto e da tarefa de decisão lexical, a escolha de manter este par de estímulo poderia ser repensada para uma próxima pesquisa.

A partir dos dados encontrados na tarefa de decisão lexical, é possível fazer uma comparação com os resultados encontrados no estudo realizado Souza e Freitag (2021), tomado como base para esta pesquisa. Alguns dos resultados apresentados no estudo se assemelham com os encontrados na presente pesquisa, enquanto outros se diferenciam. Em relação às pseudopalavras, os resultados de ambos os estudos se mostram os mesmos, pois os autores também encontraram diferença

estatisticamente significativa na comparação entre todos os grupos de estímulos. Dessa forma, também houve diferença significativa entre as pseudopalavras e as variantes não padrão - no caso de Souza e Freitag (2021), fenômeno variável fonológico –, assim como os resultados encontrados na comparação entre pares da presente pesquisa – Pseudopalavra x Variante Regional.

Os resultados também foram semelhantes no que diz respeito à comparação entre a variante padrão e não padrão, pois os autores verificaram que todas as variantes tidas como não padrão apresentaram tempo de reação superior à variante tida como padrão. Da mesma forma, nos resultados encontrados na média de tempo de reação do presente estudo, a variante regional demandou maior tempo de reação do que a variante padrão (697,79ms e 618,49ms, respectivamente).

Foi possível observar uma diferença de resultados em comparação ao estudo de Souza e Freitag (2021). Os autores verificaram que as variantes estigmatizadas socialmente demandaram maior tempo de processamento do que os itens com variantes sem sensibilidade à avaliação social, isto é, os estereótipos em comparação aos indicadores. No entanto, ao observar os resultados encontrados na Tabela 9 deste trabalho, percebe-se que nem todas as variantes estigmatizadas demandaram maior tempo do que aquelas classificadas como indicadoras. Todavia, não é possível analisar o que motivou essa diferença, pois uma comparação entre os estímulos da variante padrão e regional não pode ser feita neste trabalho devido à disparidade entre as características lexicais (extensão e frequência) que influenciam o processamento.

Ao investigar o processamento da concordância, os resultados de Henrique (2016) mostraram que há um maior custo de processamento na marcação não redundante, isto é, na variante não padrão. Além disso, tanto a regra redundante quanto a não redundante se mostraram gramaticais aos falantes, apesar de não terem sido processadas da mesma forma, assim como os resultados encontrados na presente pesquisa, em que ambas as variantes (padrão e regional) foram lidas como palavras reais do PB, mesmo não sendo processadas da mesma maneira, isto é, apesar da variante regional ter tido um maior custo de processamento, teve uma média de acertos próxima da variante padrão.

A justificativa trazida por Jakubów e Corrêa (2019) para os resultados encontrados na sua pesquisa ajudam a entender como os participantes processaram as variantes padrão e regional neste estudo. De acordo com as autoras, a escolha de

uma variedade particular está relacionada ao grau de proficiência sociolinguística durante a produção linguística através de um componente de avaliação que permite o mapeamento de informações contextuais. Dessa forma, a escolha da variedade relacionada à conscientização das informações pode ser comparada a uma espécie de bilinguismo – os bilíngues precisam levar em conta as informações do contexto, visando inibir uma das línguas. Nos resultados encontrados pelas autoras, os estudantes foram capazes de identificar propriedades contextuais e inibir formas não padronizadas, buscando produzir a variedade padrão. Isso pode explicar os resultados encontrados na presente pesquisa, em que os estudantes reconheceram como palavra real mais a variante padrão do que a variante regional, pois por estarem em um contexto de uso mais formal da língua, o grau de proficiência maior é na variante padrão e, durante a tarefa, os participantes tentaram inibir a variante regional, o que gerou mais custos de processamento.

Vaughn e Kendall (2019) exploraram os aspectos da representação cognitiva da variação socialmente relevante a partir da produção linguística de falantes do inglês estadunidense. Como resultado, os autores afirmam que houve evidências compatíveis com a ideia de que os falantes apresentam representações mentais de variantes estilísticas e seus significados sociais. Por meio de uma tarefa que pedia para os participantes produzirem sentenças contendo uma variante de -ing, foi verificado que eles não modularam apenas as variantes solicitadas, mas também outras variáveis estilisticamente compatíveis e com os significados sociais atribuídos à variável principal. De modo geral, os resultados sugerem que os falantes percebem a covariação, além de perceberem que os significados sociais e os diferentes estilos a depender de combinações sociolinguísticas. Esses resultados corroboram os apresentados na presente pesquisa, em que o contexto de letramento pode ter motivado os resultados encontrados.

De modo geral, os resultados da presente pesquisa nos mostram que a variante regional, mesmo sendo utilizada cotidianamente pelos estudantes, demandou maior esforço cognitivo no processamento. É possível que isso tenha sido motivado pelo ambiente escolar em que os participantes estão inseridos e pela modalidade de apresentação, visto que eles estão em um contexto de letramento mais formal e a apresentação das palavras a serem lidas na tarefa se torna de mais fácil acesso. Além disso, eles são incentivados a fazerem uso na variante padrão, principalmente na

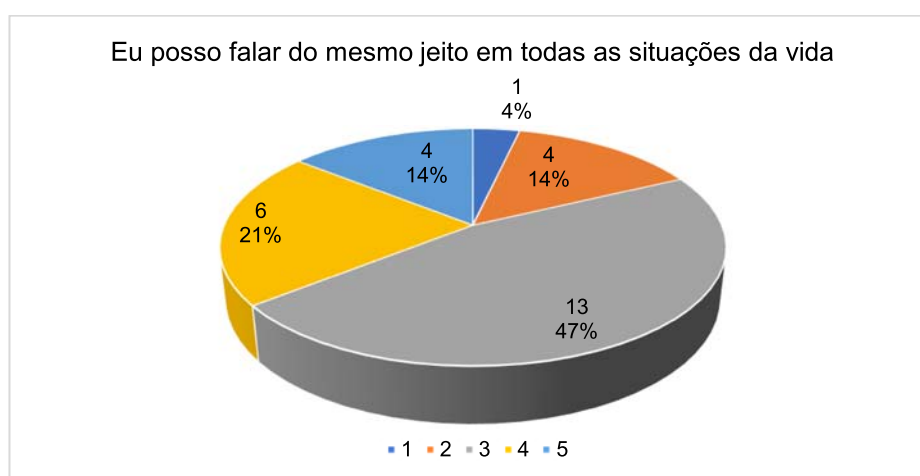
escrita. No entanto, percebe-se que os estudantes ouvem, veem e/ou falam com frequência nas duas variantes, isto é, possuem as duas variantes no seu repertório linguístico. Além disso, apesar de não fazerem uso de algumas variantes relacionadas a uma faixa etária mais avançada do que a deles, as reconhecem.

4.2 Resultados do questionário de crenças

Tendo em vista os dados coletados no questionário de crenças, foram construídos gráficos que permitissem realizar uma análise das respostas dadas pelos estudantes e das justificativas apresentadas por eles. Acredita-se que, por meio dos gráficos, pode-se ter uma melhor compreensão dos dados obtidos. É importante destacar que, na análise, não foram utilizadas todas justificativas apresentadas pelos informantes. Optou-se por selecionar apenas algumas que podem subsidiar as respostas dadas por eles. Nas figuras abaixo, são apresentados o número de ocorrências e a porcentagem que cada um dos cinco pontos da escala de Likert foi assinalado.

A Figura 9 abaixo apresenta os resultados das percepções dos estudantes sobre a afirmação “Eu posso falar do mesmo jeito em todas as situações de vida”.

Figura 9 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Eu posso falar do mesmo jeito em todas as situações da vida" (número de ocorrências e porcentagens)



Legenda: 1- Concordo totalmente; 2- Concordo em parte; 3- Nem concordo e nem discordo; 4- Discordo em parte; 5- Discordo totalmente

Fonte: autora (2024)

A maioria dos estudantes nem concorda e nem discorda da afirmação (47%). No entanto, uma parte dos participantes discordam em parte ou totalmente (21% e 14%, respectivamente) da afirmação. Isso pode indicar que alguns dos estudantes reconhecem a variação e sabem que devem adequar a sua linguagem aos contextos nos quais estão inseridos, sejam eles mais formais ou informais. Nas quinze justificativas trazidas pelos estudantes, como nas listadas abaixo, é possível identificar essa percepção, pois eles, de modo geral, destacam o tipo de linguagem e o fato de que cada ambiente exige um certo grau de monitoramento estilístico, como propõe Bortoni-Ricardo (2004). De acordo com a autora, os fatores que levam a monitoração estilística são: o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa. Assim, a depender desses fatores, o estilo pode se tornar mais ou menos monitorado.

P26: *“há momentos adequados para usar tais jeitos, como em momentos sociais ou casuais, acho que deve saber usar”.*

P12: *“discordo, porque em situações mais formais não podemos falar de modo descontraído”.*

P10: *“não falaria numa entrevista de emprego, por exemplo, do mesmo jeito que fala com meu melhor amigo”.*

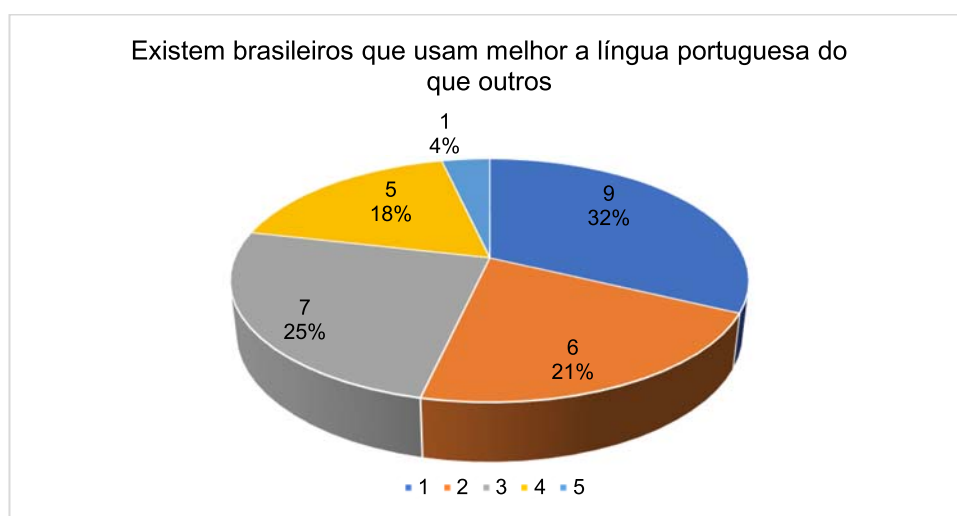
P27: *“porque depende das situações da vida”.*

Os resultados apresentados, de certa forma, corroboram os encontrados na pesquisa de Correia (2022), pois quando questionados se poderiam falar do mesmo jeito em qualquer situação de vida, a maioria dos participantes afirmou que não se pode falar do qualquer jeito em qualquer lugar. Sendo assim, é evidente que os participantes entendem que não podem falar do mesmo jeito em todos os lugares, porque é preciso corresponder aos papéis do domínio social a qual cada interação acontece (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 23). Em todos os domínios sociais há regras determinantes para as ações que serão realizadas. Dessa forma, o grau de variação será maior em alguns domínios do que em outros. Percebe-se, então, a importância dessa crença para uma reflexão sociolinguística, visto que uma parte dos estudantes são conscientes de que existem diferentes formas de falar, a depender do papel social que estão ocupando. No entanto, é importante destacar que a maioria dos estudantes

manteve uma posição neutra, isto é, apesar de monitorarem a sua fala de forma inconsciente, ainda não reconhecem que fazem essa monitoração.

Os resultados encontrados sobre a afirmação “Existem brasileiros que usam melhor a língua portuguesa do que outros” podem ser visualizados na Figura 10 abaixo:

Figura 10 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Existem brasileiros que usam melhor a língua portuguesa do que outros" (número de ocorrências e porcentagens)



Legenda: 1- Concordo totalmente; 2- Concordo em parte; 3- Nem concordo e nem discordo; 4- Discordo em parte; 5- Discordo totalmente

Fonte: autora (2024)

Nessa afirmação, percebe-se que grande parte dos estudantes tem a percepção de que existem brasileiros que usam melhor a língua do que outros (32% concorda totalmente e 21% concorda em parte). Apesar de ser uma crença bastante mista considerando o grupo analisado, os resultados indicam que, mesmo que todos tenham a língua portuguesa como sua língua materna e a usem em todos os lugares e situações da vida, ainda há a crença de que alguns falam melhor do que outros. Dessa forma, é possível atrelar essa crença ao uso da gramática normativa, como mostram as justificativas abaixo:

P27: “Porque eles têm mais conhecimento da língua portuguesa”.

P12: “Sim porque tem muitos que têm um vocabulário mais vasto e sabe usar melhor as regras do português”.

Como apontam Farias e Silva (2022), mesmo que a maioria dos falantes no Brasil usem a língua portuguesa, não é, necessariamente, uma garantia de que todos falam da mesma maneira. No entanto, o mito segundo o qual existe uma forma correta de falar ganhou forças. Dessa forma, os indivíduos que não usam a variedade privilegiada tendem a ser mais estigmatizados e excluídos do que aqueles que usam. (Bagno, 1999).

De acordo com Bagno (2020), anos de pesquisas sociolinguísticas têm demonstrado que existe uma grande distância entre o português que as gramáticas normativas tentam incorporar como único da língua e os diferentes modos de falar que são encontrados nas atividades linguísticas dos falantes.

Dentro disso, dois dos participantes afirmam que o fato de existirem brasileiros que usam melhor a língua portuguesa do que outros está ligado ao grau de escolaridade das pessoas, isto é, quanto maior o grau de instrução, mais “corretamente” essas pessoas utilizariam a língua. No entanto, apesar de um dos informantes destacar o acesso à educação, tem consciência de que isso não faz uma língua ser melhor do que outra, já que cada um tem a sua forma de falar.

P23: *“Realmente tem pessoas mais sabias”.*

P5: *“Eu discordo em parte pois nem todos tem acesso à educação, e não acho que alguns falam melhor que outros, pois cada um tem o seu jeito e cada um teve sua forma de criação”.*

Apesar de alguns informantes apresentarem justificativas como “P19: *tem uns que não sabem falar*”, percebe-se que uma parte deles sabe que existem diferentes formas de falar (n = 6) e que isso não torna uma língua melhor do que outra.

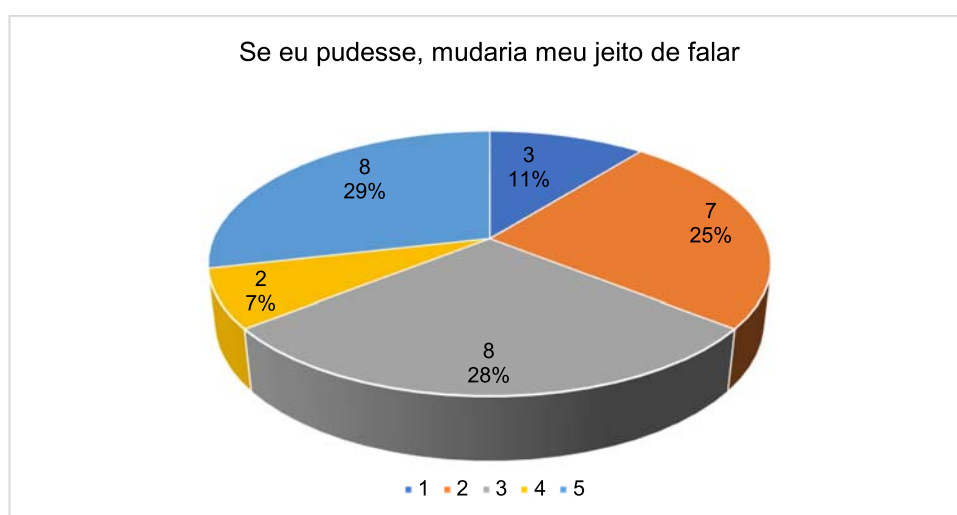
Bortoni-Ricardo (2004) afirma que nenhum falante irá usar mal a sua língua materna, no entanto, a forma como irá usar vai depender de fatores como, faixa etária, sexo/gênero, status econômico, grau de escolaridade, rede social e, também, o grau de monitoração estilística, apontado na primeira afirmação.

É importante destacar o quanto os meios de comunicação tendem a reafirmar essa crença, pois eles dão espaço para a divulgação de noções de “certo” e “errado” da língua portuguesa, como os exemplos trazidos na introdução desta pesquisa. Os

sites da internet divulgam essas informações elegendo um único uso como correto e mais valorizado, isto é, o uso da norma-padrão, aquela imposta pela gramática normativa. De acordo com Faraco (2008, p. 172), a norma-padrão é um “construto idealizado” da língua, o que os falantes usam nas suas interações é, na verdade, a norma culta.

Os resultados das percepções dos estudantes em relação à afirmação “Se eu pudesse, mudaria meu jeito de falar” podem ser visualizados na Figura 11:

Figura 11- Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Se eu pudesse, mudaria meu jeito de falar" (número de ocorrências e porcentagens)



Legenda: 1- Concordo totalmente; 2- Concordo em parte; 3- Nem concordo e nem discordo; 4- Discordo em parte; 5- Discordo totalmente

Fonte: autora (2024)

Essa afirmação trouxe respostas bastante mistas, uma parte dos estudantes (n = 10) concorda totalmente ou em parte, outra parte (n = 10) discorda totalmente ou em parte, e 8 participantes nem concordam e nem discordam. Apesar de haver pouca porcentagem de diferença entre as respostas, através das justificativas apresentadas pelos participantes, é possível afirmar que eles gostam da forma como falam.

P15: “Já gosto do meu jeito de falar”.

P5: “Eu gosto da minha forma de falar!”.

P11: “Gosto do meu jeito”.

Esses dados são importantes, pois mostram que a maioria dos participantes tem uma boa autoestima linguística. Além disso, parecem não ter enraizada a crença de que “não sabem falar o português”, apesar de acreditam que existem brasileiros que usam melhor a língua do que outros.

Entretanto, algumas justificativas sobre os estudantes quererem mudar a forma como falam se destacam, pois, percebe-se que alguns dos participantes (n = 6) desejam mudar a sua forma de falar por não conseguirem falar direito, por falar algumas coisas erradas, por falar gírias e por querer apresentar um vocabulário melhor, como mostram as justificativas abaixo:

P21: *“É porque tem muita coisa que a gente não consegue falar direito”.*

P28: *“Sim, porque falo bastante errado, mas ao mesmo tempo falo corretamente! Mas mudaria uma parte, sim”.*

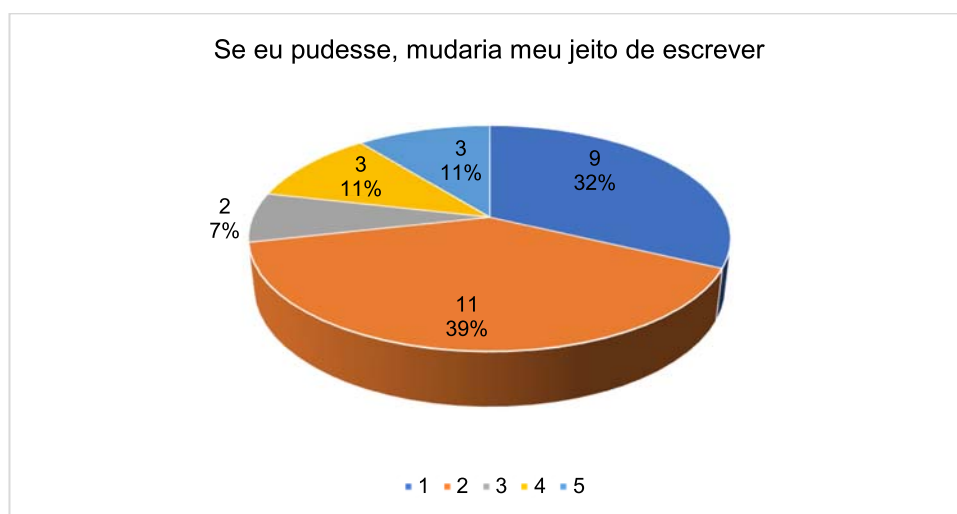
P14: *“Mudaria algumas palavras difíceis ou gírias”.*

P7: *“Sim, pois gostaria de ter um vocabulário melhor”.*

Uma justificativa se destaca, pois o participante afirma que gostaria de mudar a sua forma de falar, “P8: *porque nem tudo é o português em si mas o sotaque*”. Dessa forma, percebe-se uma crença negativa em relação ao seu próprio sotaque.

Depois de analisar se os estudantes mudariam a forma como falam, buscou-se também investigar qual a percepção que eles têm sobre a escrita. Na Figura 12, abaixo, é possível observar o resultado encontrado sobre a afirmação “Se eu pudesse, mudaria meu jeito de escrever”.

Figura 12 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Se eu pudesse, mudaria meu jeito de escrever" (número de ocorrências e porcentagens)



Legenda: 1- Concordo totalmente; 2- Concordo em parte; 3- Nem concordo e nem discordo; 4- Discordo em parte; 5- Discordo totalmente

Fonte: autora (2024)

Percebe-se que a maioria dos estudantes mudaria o seu jeito de escrever (32% concordam totalmente e 39% concordam em parte), pois a partir das justificativas apresentadas, é possível observar duas visões diferentes da questão. Alguns participantes argumentam quererem mudar a forma como escrevem do ponto de vista da caligrafia, pois alegam não terem a letra bonita, como nota-se nas justificativas de P19 e P5. Do outro lado, tem-se os estudantes que querem mudar a escrita por questões gráficas, como saber onde colocar a pontuação, como é o caso do participante P27. Somente um dos participantes trouxe a justificativa de querer mudar o seu jeito de escrever pensando em um português “melhor”.

P19: *“Minha letra é feia”.*

P5: *“Eu acho que mudaria talvez só a caligrafia”.*

P27: *“Porque eu gostaria de saber onde colocar pontuação e vírgula nos lugares certos”.*

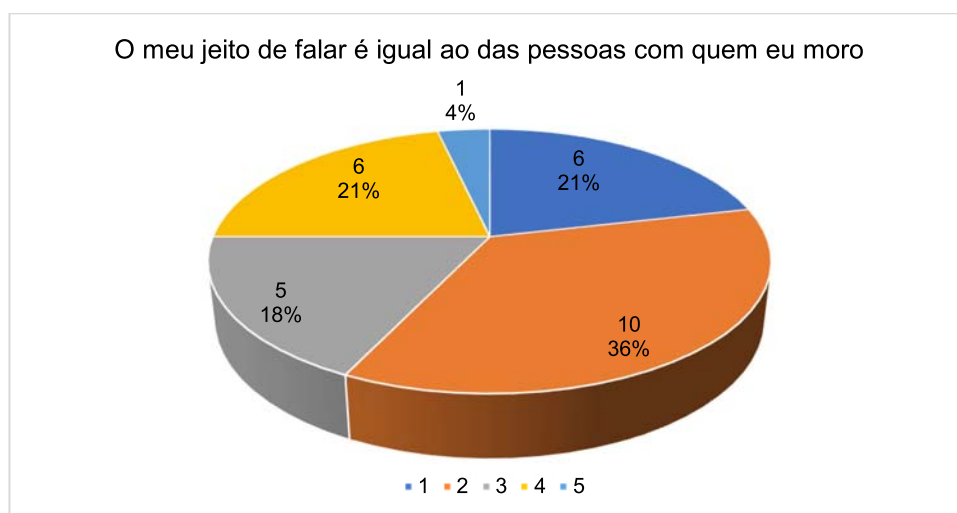
P23: *“Eu mudaria meu jeito de escrever pela minha letra e pelo português melhor também”.*

Os resultados apresentados corroboram os encontrados na pesquisa de Santos (2017), pois ela percebeu que a dificuldade dos estudantes está em expressar-se por meio da palavra escrita, pois atrelam a modalidade escrita ao domínio das regras gramaticais. Dessa forma, muitos estudantes acreditam saber pouco sobre a sua própria língua por não dominarem as nomenclaturas e as regras gramaticais.

Conforme descrito por Correia (2022), os estudantes veem o domínio de questões notacionais como a principal competência para escrever bem ao invés do domínio da textualidade e todos outros os fatores envolvidos no uso linguístico. Dessa forma, percebe-se a importância de um ensino de língua que contribua com o desenvolvimento e a ampliação do repertório linguístico dos estudantes, a partir de atividades que os desafiem a perceber sobre a língua nas suas diferentes manifestações. Assim, é possível que reflitam e compreendam que a língua vai além das regras gramaticais.

A Figura 13 mostra os resultados das percepções dos estudantes sobre a afirmação “O meu jeito de falar é igual ao das pessoas com quem eu moro”.

Figura 13 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "O meu jeito de falar é igual ao das pessoas com quem eu moro" (número de ocorrências e porcentagens)



Legenda: 1- Concordo totalmente; 2- Concordo em parte; 3- Nem concordo e nem discordo; 4- Discordo em parte; 5- Discordo totalmente

Fonte: autora (2024)

A maioria dos estudantes acredita falar da mesma forma que as pessoas com quem mora (21% concorda totalmente e 36% concorda em parte), pois por conviverem

juntos acabam se acostumando e falando do mesmo jeito que os familiares, como mostram as justificativas de dois dos participantes:

P21: *“Porque eu moro com elas e a gente acaba se acostumando...”*.

P28: *“Sim, acho que pelo fato de convivermos todos os dias”*.

No entanto, alguns participantes (n = 5) afirmam que não falam do mesmo jeito que as pessoas com quem moram, pois cada um tem suas manias, como afirma o participante P1. Além disso, o participante P15 afirma que a sua família tem um jeito mais gaúcho de falar, talvez pelo sotaque, pelos regionalismos que usam ou por serem pessoas mais velhas.

P1: *“Eles tem a mania deles, e eu a minha”*.

P15: *“Minha família tem um jeito mais gaúcho de falar”*.

Um dos participantes (P5) afirma que não tem o mesmo jeito de falar das pessoas com quem mora, pois cada um deles convive com pessoas diferentes. Isso mostra o nível de consciência do informante em relação ao monitoramento estilístico, pois dependendo com quem fala e das situações em que estão interagindo, adapta a sua fala.

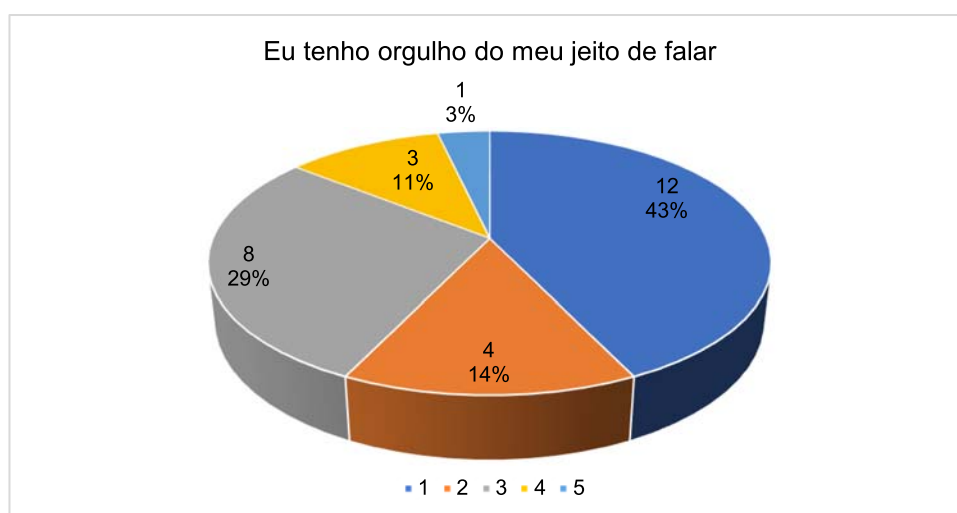
P5: *“Acho que não, pois nosso modo de fala pode mudar de acordo com as pessoas que você convive, já que não convivo com as mesmas pessoas, nem meus pais convivem com as mesmas pessoas, a gente tem sim modo de falar diferente”*.

Em geral, as respostas dadas pelos participantes mostram a questão das redes sociais, isto é, os participantes afirmam adotar comportamentos semelhantes aos das pessoas com quem convivem, sejam elas as pessoas com quem moram ou outras pessoas do seu convívio. As redes sociais dos indivíduos, como afirma Bortoni-Ricardo (2004, p. 49), “é um fator determinante das características de seu repertório sociolinguístico”.

Além disso, nos resultados encontrados nos estudos Santos (2017), muitos estudantes declararam que as influências que recebem em relação à variedade da língua que utilizam vêm dos seus amigos, das músicas, da televisão e, principalmente das redes sociais, isto é, o uso da Internet. No entanto, a autora afirma que os estudantes também reconhecem que há influência das pessoas com quem moram em casa, na variedade linguística que utilizam.

A Figura 14 apresenta os resultados das percepções dos participantes em relação à afirmação “Eu tenho orgulho do meu jeito de falar”.

Figura 14 - Gráfico de respostas à afirmação (n=28) "Eu tenho orgulho do meu jeito de falar" (número de ocorrências e porcentagens)



Legenda: 1- Concordo totalmente; 2- Concordo em parte; 3- Nem concordo e nem discordo; 4- Discordo em parte; 5- Discordo totalmente

Fonte: autora (2024)

Percebe-se, nessa afirmação, que as respostas foram bastante positivas, pois a maioria dos participantes orgulha-se do modo como falam (12 participantes concordam totalmente e 4 concordam em parte), seja por gostarem do jeito gaúcho de falar, de modo geral, ou por gostarem da forma como falam.

P21: *“É porque cada um tem um jeito e forma de falar. E o meu jeito acho que é único”.*

P5: *“Sim, eu gosto do jeito de fala do gaúcho”.*

No entanto, alguns informantes afirmaram que, apesar de gostarem do jeito como falam, não sentem, necessariamente, orgulho. Inclusive, alguns dos participantes (n = 5) mudariam a forma como falam e gostariam de falar melhor.

P26: *“Não é algo que eu realmente sinta orgulho”.*

P10: *“Não diria orgulho, só gosto mesmo”.*

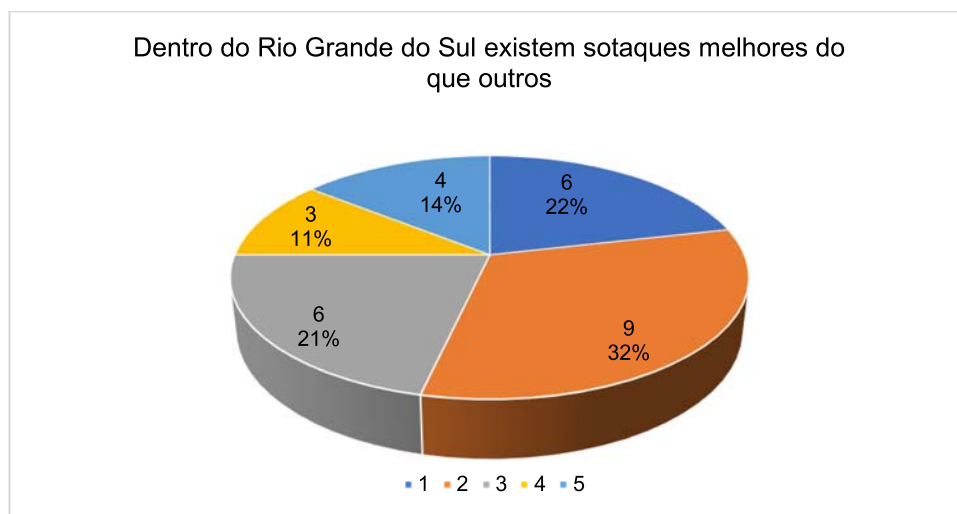
P23: *“Não me orgulho nem desgosto, se eu conseguisse mudar eu mudaria”.*

P27: *“Porque gostaria de falar melhor”.*

É interessante observar a crença positiva que os estudantes têm em relação ao seu jeito de falar, pois ela corrobora o estudo realizado por Correia (2022), com estudantes concluintes do Ensino Médio, em que os participantes paraibanos também se mostraram orgulhosos com a forma com que falam. Além disso, o autor cita o estudo realizado por Lacerda, Cavalcante e Lucena (2020), o qual evidenciou que os adultos jovens têm uma atitude positiva em relação à própria variedade. Isso é evidenciado nos resultados encontrados, pois os estudantes investigados tem em média 14 anos de idade.

A Figura 15 apresenta os resultados das percepções dos estudantes em relação à afirmação “Dentro do Rio Grande do Sul existem sotaques melhores do que outros”.

Figura 15 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Dentro do Rio Grande do Sul existem sotaques melhores do que outros" (número de ocorrências e porcentagens)



Legenda: 1- Concordo totalmente; 2- Concordo em parte; 3- Nem concordo e nem discordo; 4- Discordo em parte; 5- Discordo totalmente

Fonte: autora (2024)

A maioria dos estudantes tem a percepção de que existem sotaques melhores do que outros dentro do Rio Grande do Sul (22% concorda totalmente e 32% concorda em parte). No entanto, as justificativas apresentadas pelos participantes foram bastante mistas. Um dos participantes afirma concordar em parte, porque gosta da fala gaúcha, mas tem consciência de que isso não torna o sotaque melhor do que os outros. Por outro lado, o participante P23 afirma não haver sotaque melhor do que o gaúcho.

P5: *“Coloquei que concordo em parte, pois amo a fala gaúcha, mas não acho que sejamos melhores que ninguém”.*

P23: *“No meu ponto de vista não tem sotaque melhor do que o do gaúcho”.*

Um dos participantes associou a afirmação de existirem sotaques melhores do que outros com o falar corretamente, dessa forma, para ele o costume de falar corretamente estaria relacionado a falar melhor do que os outros. Essa crença também está atrelada com os resultados da segunda afirmação de que existem brasileiros que usam melhor a língua portuguesa do que outras.

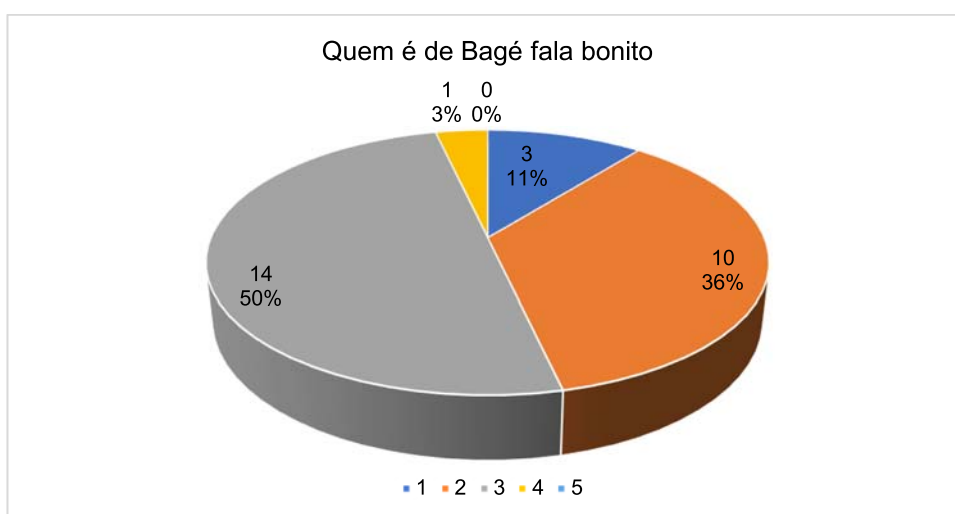
P27: “Porque tem pessoas que tem o costume de falar corretamente, e por isso falam melhor”.

Além disso, um outro participante afirma que existem sotaques mais difíceis de se compreender. Para ele, P8: “nem todos são ruins, na verdade não são ruins apenas de difícil compreensão”. Apesar de muitos estudantes concordarem com a afirmação, percebe-se, por meio das justificativas apresentadas, que a maioria deles associou aos sotaques do Brasil como um todo e não somente aos sotaques existem dentro do Rio Grande do Sul.

Analisando os resultados encontrados na afirmação anterior, em que os estudantes declaram terem orgulho da forma como falam e, nesta afirmação, no qual eles têm a percepção de que existem sotaques melhores que outros dentro do RS, percebe-se uma semelhança com os resultados encontrados por Correia (2022), em que os participantes afirmaram que o sotaque do estado deles é bonito e que eles têm orgulho da forma como falam, porém, ainda assim acreditam existirem sotaque mais bonito que o deles.

Os resultados da percepção dos estudantes em relação à afirmação “Quem é de Bagé fala bonito” podem ser vistos na Figura 16 abaixo.

Figura 16 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação “Quem é de Bagé fala bonito” (número de ocorrências e porcentagens)



Legenda: 1- Concordo totalmente; 2- Concordo em parte; 3- Nem concordo e nem discordo; 4- Discordo em parte; 5- Discordo totalmente

Fonte: autora (2024)

Nesta afirmação, a maioria dos participantes (n = 14) apresentaram uma posição neutra sobre a afirmação, isto é, nem concordam e nem discordam de que quem mora em Bagé fala bonito. No entanto, a segunda maior porcentagem é de estudantes que concordam totalmente ou em parte (11% e 36%, respectivamente). Um informante justificou que P15: *“todos tem o seu jeito de falar”*, isso pode indicar que ele acredita que, independentemente da forma como falam, todos falam bonito.

Contudo, dois participantes afirmaram ter colocado uma posição neutra como resposta, pois acreditam que existem pessoas que falam errado. Dessa forma, percebe-se a crença de que quem não fala o português padrão, isto é, aquele imposto pela gramática normativa, conseqüentemente, não fala bonito. Isso corrobora os resultados encontrados na afirmação “existem brasileiros que usam melhor a língua portuguesa do que outros”, pois tem-se a percepção de que todos aqueles indivíduos que não usam a variedade privilegiada falam “errado”.

P27: *“Porque tem pessoas que falam errado”*.

P28: *“Algumas pessoas falam corretamente, e outras não, por isso a resposta”*.

Outros dois participantes afirmam que cada indivíduo tem suas gírias, então, acaba não sendo uma fala bonita. Aqui, percebe-se a crença de que as gírias “poluem” o vocabulário. Quem não usa gírias, teria um jeito mais bonito de falar do que quem usa.

P5: *“Concordo em parte por causa das gírias”*.

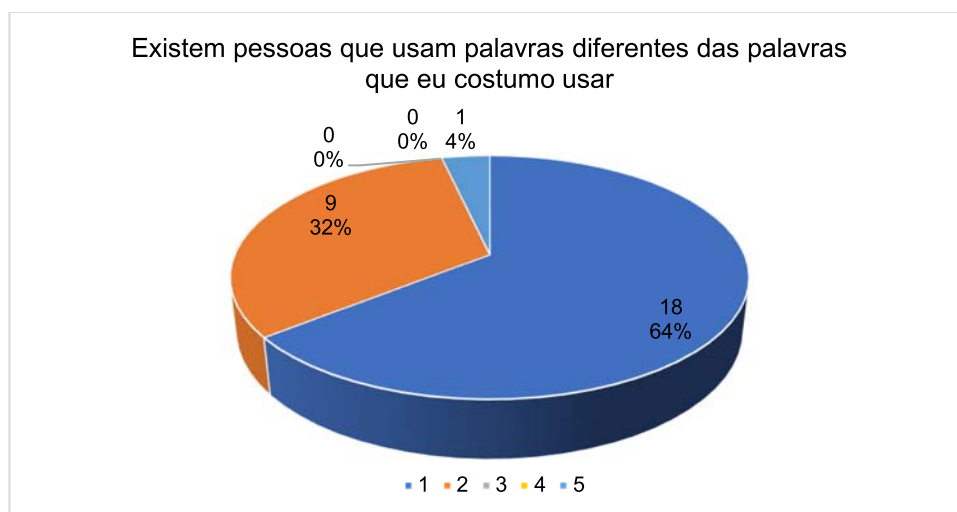
P11: *“Porque cada um tem sua gíria”*.

Essa percepção de que os informantes têm sobre as gírias tem relação com os resultados encontrados por Marques e Baronas (2015, p. 12), em que os informantes afirmam que o uso de algumas gírias pode causar uma certa incompreensão linguística. Um dos informantes do estudo reportado pelos autores tem uma posição desfavorável ao uso das gírias, pois compreende ela como “um uso linguístico característico do desvio da norma prescritiva”.

Por fim, a última justificativa que se destaca vem ao encontro da percepção que alguns falantes da cidade de Bagé têm de que quem mora na cidade fala de um jeito mais grosseiro e, que motivou a criação da última afirmação do questionário (“Quem mora em Bagé fala de um jeito mais grosseiro do que quem moram em outras cidades do Estado”). Na justificativa, o informante afirma que P1: “*tem uns que são bagual*”¹⁶, isto é, dão a impressão de que são mais grosseiros. Geralmente, as pessoas consideradas “bagual” foram criadas seguindo mais a tradição gaúcha. Isso mostra uma crença negativa em relação às variedades mais estigmatizadas, englobando assim, os estereótipos, traços socialmente marcados de forma consciente (Labov, 2008).

Na Figura 17 abaixo, é possível visualizar os resultados encontrados sobre a percepção dos estudantes em relação à afirmação “Existem pessoas que usam palavras diferentes das palavras que eu costumo usar”.

Figura 17 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Existem pessoas que usam palavras diferentes das palavras que eu costumo usar" (número de ocorrências e porcentagens)



Legenda: 1- Concordo totalmente; 2- Concordo em parte; 3- Nem concordo e nem discordo; 4- Discordo em parte; 5- Discordo totalmente

Fonte: autora (2024)

¹⁶ Segundo o Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul, o termo bagual (s. adj.) se refere ao equino selvagem, isto é, aquele que ainda não foi domado (<https://pelotas.ufpel.edu.br/glossario.html>).

A grande maioria dos informantes concorda totalmente com a afirmação (64%), mostrando que reconhecem que existe variação linguística até mesmo na fala das pessoas que moram no mesmo local, como é o caso do participante que afirma que P8: *“tem pessoas que não costumam usar o ‘bah’ ou o ‘tchê’”*.

Essa afirmação tem como foco principal o reconhecimento da variação regional, isto é, as diferentes formas de nomear um mesmo conceito de acordo com o território. Os participantes, de fato, tiveram esse reconhecimento, pois nas justificativas afirmaram que algumas pessoas usam palavras diferentes das que existem em seus vocabulários e que muitas pessoas usam gírias diferentes. Além disso, o participante P27 traz na sua justificativa o conceito de variação regional.

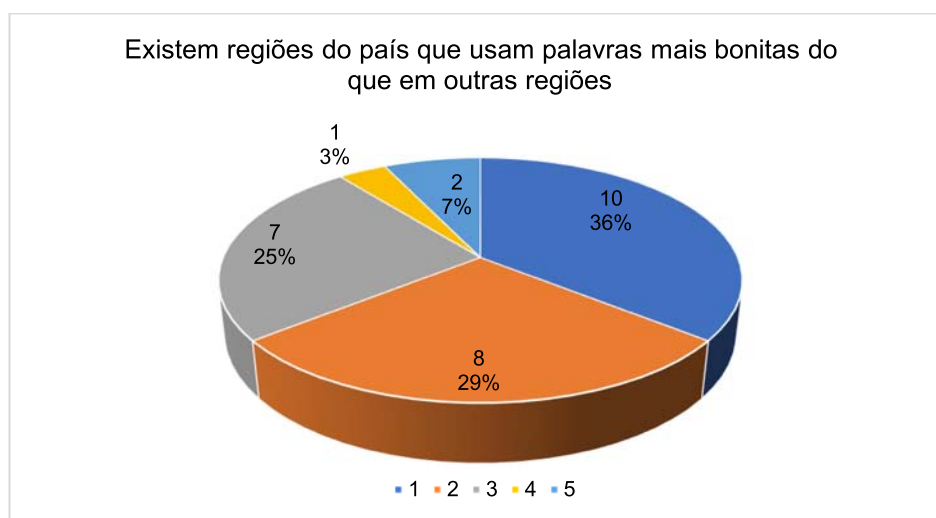
P23: *“Sim, algumas pessoas usam palavras diferentes das que tem no meu vocabulário”*.

P28: *“Sim, porque tem pessoas que usam gírias que eu não conheço ou não costumo usar”*.

P27: *“Podem ter os mesmos significados, mas a pronúncia é diferente”*.

Na Figura 18, são expostos os resultados encontrados sobre a afirmação “Existem regiões do país que usam palavras mais bonitas do que em outras regiões”.

Figura 18 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Existem regiões do país que usam palavras mais bonitas do que em outras regiões" (número de ocorrências e porcentagens)



Legenda: 1- Concordo totalmente; 2- Concordo em parte; 3- Nem concordo e nem discordo; 4- Discordo em parte; 5- Discordo totalmente

Fonte: autora (2024)

A maioria dos estudantes tem a percepção de que existem regiões em que se usam palavras mais bonitas do que outras (36% concordam totalmente e 29% concordam em parte). Essa percepção pode ser entendida a partir de algumas das justificativas apresentadas. Um dos participantes (P27), mesmo tendo concordado totalmente com a afirmação, declara que existem: "*diferentes tipos de regiões e diferentes pronúncias*". Isto é, ele reconhece que existe variação linguística no Brasil como um todo. No entanto, apesar de ter consciência da variação, ainda concorda de existam algumas regiões que usam palavras mais bonitas, atribuindo juízo de valor a determinadas palavras.

As respostas dos participantes corroboram a crença de superioridade de uma variedade. De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 33), toda a variedade regional é "um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social". Porém, percebe-se que alguns falares têm maior prestígio do que outros. Em qualquer comunidade de fala convivem falantes de diferentes variedades regionais. Segundo a autora, os falantes que têm o maior poder acabam transferindo esse prestígio para a variedade linguística que falam. Dessa forma,

as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais [...] O dialeto (ou variedade regional) falado em uma região pobre pode vir a ser considerado um dialeto “ruim”, enquanto o dialeto falado em uma região rica e poderosa passa a ser visto como um “bom” dialeto (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 34).

Outro participante (P26) afirma que existem estados que falam um pouco melhor, porém não dá mais detalhes do que seria falar melhor e quais estados seriam esses. Diferentemente do informante P9, que afirma que o sotaque nordestino é lindo.

P26: *“Alguns estados falam um pouco melhor”.*

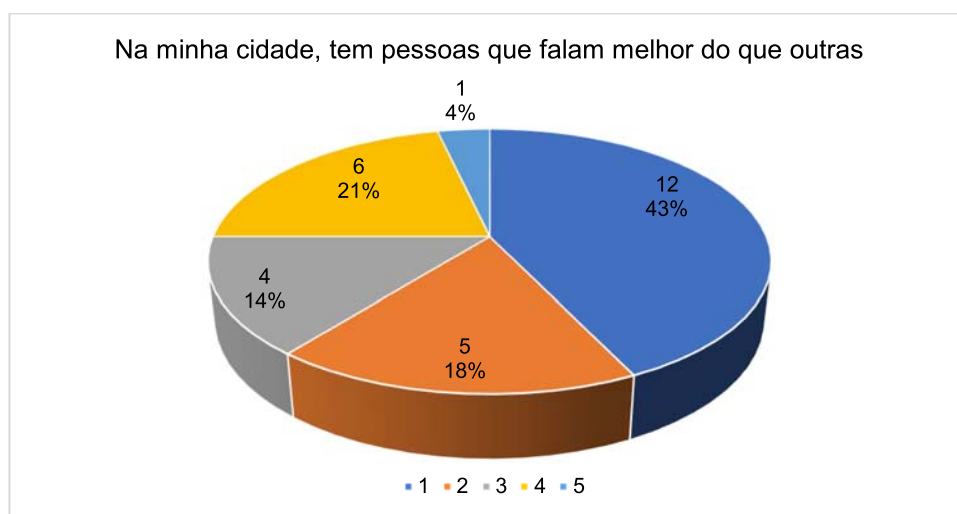
P9: *“Acho que sim, pois em minha opinião o sotaque nordestino é lindo”.*

Dentro dessa afirmação, uma justificativa se destacou por trazer uma crença bastante enraizada na sociedade e que também foi apresentada nos resultados de outras afirmações analisadas anteriormente. O informante afirma que há regiões que usam palavras mais bonitas do que em outras pois, P28 *“mesmo tendo uma língua brasileira, uns falam corretamente e bonito e outros não”.*

Farias e Silva (2022, p. 57) trazem o questionamento de “o que seria falar mal ou bem uma língua?” “O que motiva o falante a pensar dessa forma?”. Como resposta, elas concluem que essa percepção está atrelada ao ideal de língua que é buscado por aqueles que creem que qualquer variedade que fuja das normas gramaticais, impostas pela gramática normativa, é incorreta e não deve ser falada. Além disso, tem-se a crença de que falar corretamente é equivalente a falar bonito. Dessa forma, quem fala fora dos padrões normativos tende a ser estigmatizado.

Os resultados apresentados na Figura 19 mostram as percepções que os estudantes têm sobre a afirmação “Na minha cidade, tem pessoas que falam melhor do que outras”.

Figura 19 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Na minha cidade, tem pessoas que falam melhor do que outras" (número de ocorrências e porcentagens)



Legenda: 1- Concordo totalmente; 2- Concordo em parte; 3- Nem concordo e nem discordo; 4- Discordo em parte; 5- Discordo totalmente

Fonte: autora (2024)

A maioria dos participantes concorda totalmente ou em parte com a afirmação (43% e 18%, respectivamente). Uma das justificativas traz à tona, novamente, a crença de que existem pessoas que usam melhor a língua portuguesa e que isso está relacionado com falar corretamente.

P27: *“Porque tem pessoas que tem conhecimento na língua portuguesa e sabem falar corretamente”.*

Bagno (2009) afirma que ninguém conhece melhor o funcionamento da língua portuguesa do que o próprio falante nativo. Dessa forma, todo o falante nativo sabe a sua língua. Na concepção da linguística moderna, saber uma língua “significa conhecer intuitivamente e empregar com facilidade e naturalidade as regras básicas de funcionamento dela” (Bagno, 2009, p. 57).

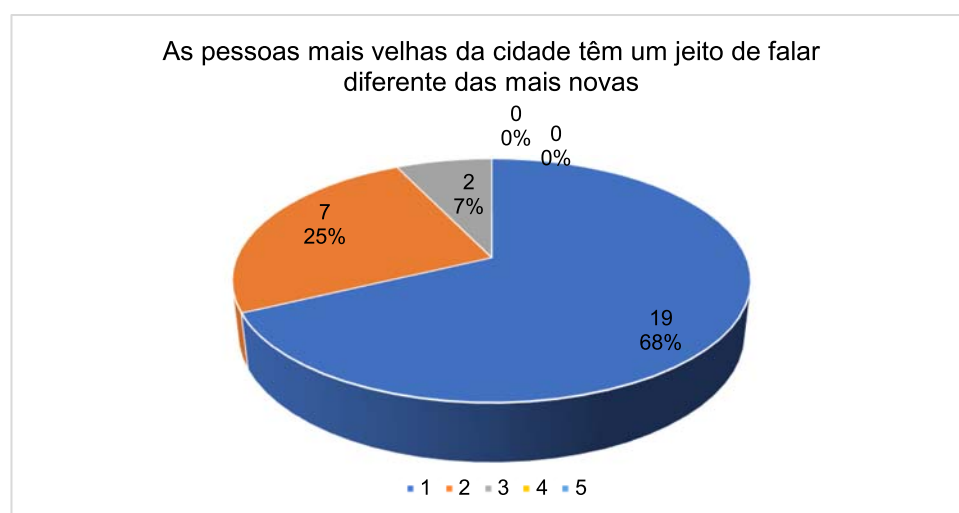
Apesar da maioria dos estudantes concordarem com a afirmação, destacam-se algumas justificativas de participantes que discordaram totalmente ou em parte de que na sua cidade há pessoas que falam melhor do que outras. Essas justificativas mostram que os estudantes têm consciência de que na cidade todos os moradores falam da mesma forma, seja por conta do sotaque ou do jeito de cada um falar.

P9: *“Acho que não, pois acho que todos tem a mesma forma de falar”.*

P5: *“Não, cada um tem seu jeito de falar, assim como eu não falo como você, você não fala como eu. Isso não torna uma das falar mais bonitas”.*

Os resultados das percepções dos estudantes em relação à afirmação “As pessoas mais velhas da cidade têm um jeito de falar diferente das mais novas” podem ser visualizados na Figura 20 abaixo.

Figura 20 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "As pessoas mais velhas da cidade têm um jeito de falar diferente das mais novas" (número de ocorrências e porcentagens)



Legenda: 1- Concordo totalmente; 2- Concordo em parte; 3- Nem concordo e nem discordo; 4- Discordo em parte; 5- Discordo totalmente

Fonte: autora (2024)

A grande maioria dos estudantes tem a percepção de que as pessoas mais velhas da cidade falam de um jeito diferente das mais novas (68% concordam totalmente e 25% concordam em parte). Para eles, as pessoas mais velhas usam gírias diferentes das mais novas. Nesse sentido, percebe-se que os informantes são conscientes de que existe variação entre as gerações e que ocorrem mudanças linguísticas com o tempo, isto é, as gírias utilizadas pelas pessoas mais velhas não são mais usadas pelas mais jovens, pois com o tempo novas gírias vão surgindo.

P23: *“Pessoas mais velhas costumam falar com gírias e manias antigas, os mais novos costumam falar com gírias de jovens”.*

P5: *“Sim, pois conforme o tempo passa, mais gírias aparecem e, quem normalmente usa essas gírias são os jovens”.*

P8: *“Nem todas as pessoas, mas as gírias dos mais velhos são diferentes das gírias de hoje”.*

Um dos fatores que ocorre a variação é a diferença geracional, isto é, os diferentes grupos etários, no qual encontram-se palavras que variam ao longo das gerações. Segundo Bagno (2009, p. 48), cada nova geração de falantes contribui para o processo lento e gradual “de transformação-reajuste-renovação da língua”. É, por isso, que os participantes notam diferenças na forma como as pessoas mais velhas falam.

No entanto, apesar da maioria dos estudantes (n = 7) afirmarem que as pessoas mais velhas falam diferente das mais novas por conta do tempo e da mudança linguística, alguns atrelaram esse fato ao estudo e conhecimento que as pessoas mais velhas têm.

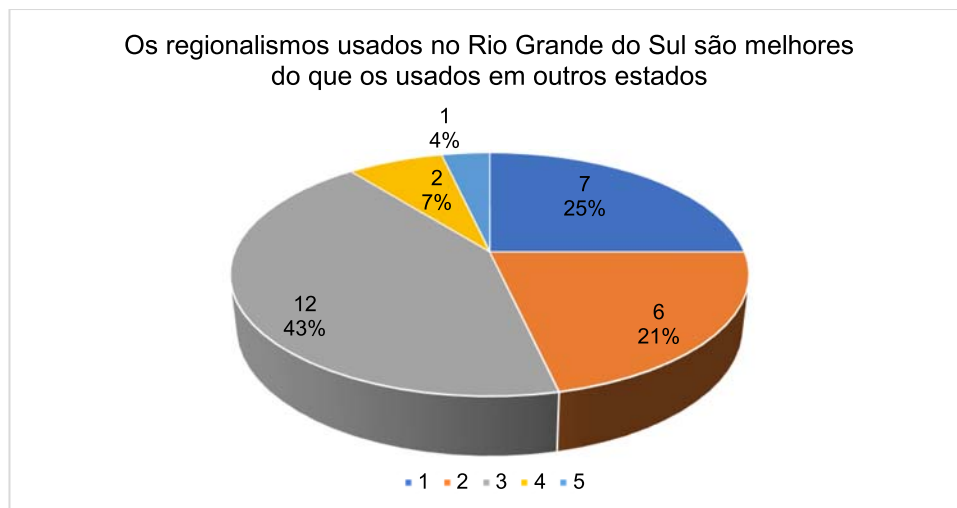
P27: *“Porque eu acho que a pronúncia deles é mais correta”.*

P28: *“A maioria tem, até pelo ensinamento mais rígido”.*

P1: *“Algumas pessoas mais velhas já tem um pouco de conhecimento, sabe?”.*

A Figura 21 mostra os resultados das percepções dos estudantes referentes à afirmação “Os regionalismos usados no Rio Grande do Sul são melhores do que os usados em outros Estados”.

Figura 21 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Os regionalismos (palavras ou expressões típicas de determinada região) usados no Rio Grande do Sul são melhores do que os usados em outros Estados" (número de ocorrências e porcentagens)



Legenda: 1- Concordo totalmente; 2- Concordo em parte; 3- Nem concordo e nem discordo; 4- Discordo em parte; 5- Discordo totalmente

Fonte: autora (2024)

A maioria dos participantes concorda totalmente ou em parte com a afirmação (25% e 21%, respectivamente). Isso mostra que os informantes acreditam que quem mora no RS usa regionalismos melhores do que outros estados. Essa crença, provavelmente, diz respeito ao fato de eles morarem no estado e gostarem da sua cultura, como é o caso do participante P9, ou gostarem do seu sotaque, como o participante P26.

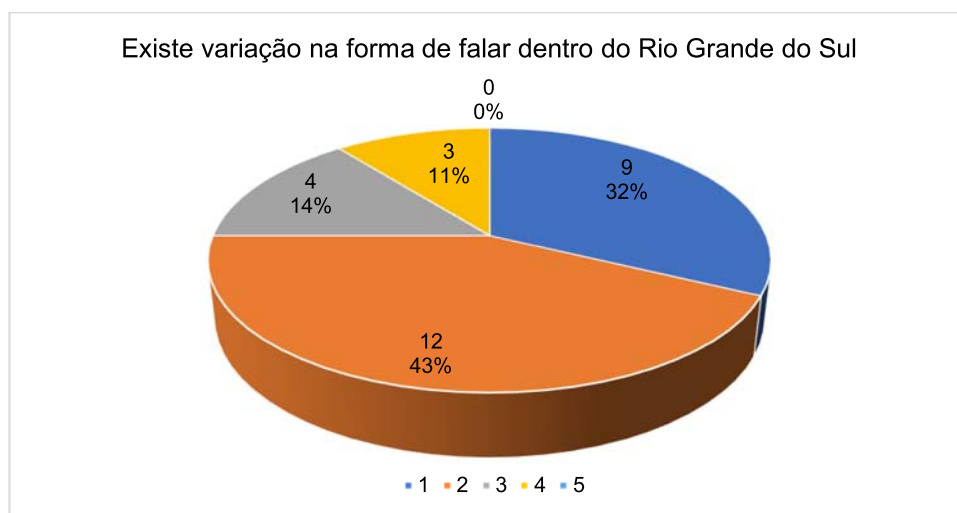
P9: *"Sim, pois acho nossa cultura linda".*

P26: *"Eu acho bonito o sotaque".*

No entanto, um dos participantes que nem concorda e nem discorda que os regionalismos usados no RS são melhores que de outros estados, destaca que P5: *"todos os sotaques tem a mesma importância e beleza".*

Os resultados referentes às percepções dos estudantes sobre a afirmação "Existe variação na forma de falar dentro do Rio Grande do Sul" podem ser visualizados na Figura 22 abaixo.

Figura 22 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Existe variação na forma de falar dentro do Rio Grande do Sul" (número de ocorrências e porcentagens)



Legenda: 1- Concordo totalmente; 2- Concordo em parte; 3- Nem concordo e nem discordo; 4- Discordo em parte; 5- Discordo totalmente

Fonte: autora (2024)

A maioria dos participantes tem a percepção de que existe variação na forma de falar dentro do RS (32% concorda totalmente e 43% concorda em parte). Essa questão deixa claro que os informantes percebem que estão rodeados por diferentes variedades linguísticas, inclusive, dentro do próprio estado. Isso fica evidente em algumas das justificativas, em que os informantes trazem, principalmente, a questão do sotaque. Além disso, o informante P1 destacou a questão da variação regional presente no estado.

P26: *“Tem gente com jeito ‘mais forte’ de falar”.*

P8: *“Tem regiões onde se tem o sotaque mais forte e outras que mal se usam”.*

P5: *“Sim, por exemplo, as pessoas do interior tem o sotaque mais ‘rústico’, já as pessoas da capital tem o sotaque completamente diferente”.*

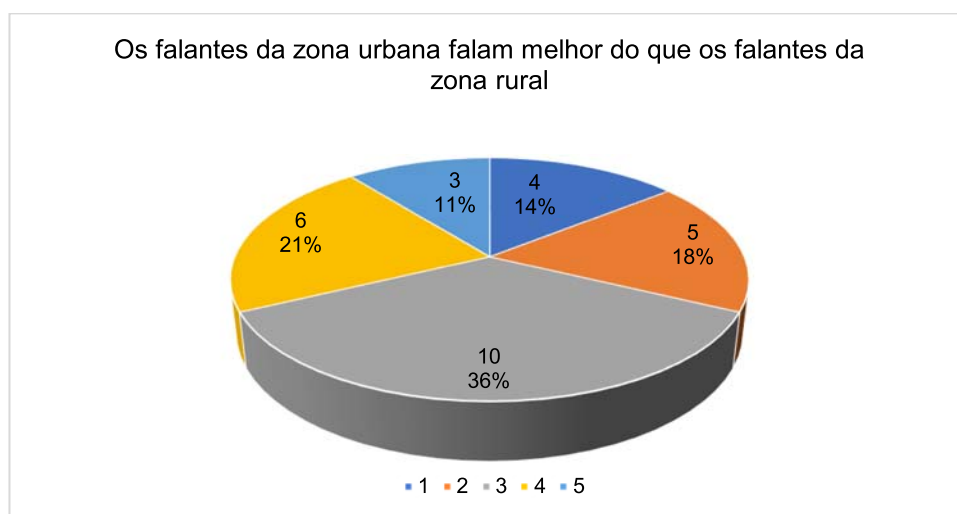
P1: *“Alguns falam uma palavra aqui de uma forma diferente que significa algo aqui, já em outra cidade aquela palavra pode significar outra coisa”.*

Essa questão foi criada visando confirmar os resultados encontrados na afirmação “existem pessoas que usam palavras diferentes das que eu costumo usar”, no entanto, mesmo os participantes reconhecendo que existe variação na forma de

falar dentro do RS, houve diferença nas respostas apresentadas nestas duas afirmações. A grande maioria dos participantes concordaram totalmente ou em parte com a afirmação de que existem pessoas que usam palavras diferentes do que eles costumam usar (64% e 32%, respectivamente) e somente 4% dos participantes discordaram totalmente, isto é, os estudantes reconhecem que existe variação regional em todo o país, pois essa questão não englobava um lugar específico do Brasil. No entanto, quando especificado o estado, como é o caso dessa afirmação, “existe variação na forma de falar dentro do Rio Grande do Sul”, o resultado foi um pouco diferente, pois nem todos reconhecem que existe essa variação dentro do estado, pois 14% dos participantes nem concordam e nem discordam e, 11% discordam em parte, isto é, alguns têm a percepção de que há variação do país como um todo, mas que dentro estado, não.

Percebe-se que o participante P5 se refere ao interior como sendo as cidades mais afastadas da capital, como é o caso da cidade de Bagé. No estudo-piloto aplicado, muitos participantes ficaram confusos com o termo “interior” sendo usado para se referir à zona rural, pois para eles a cidade em que moram é considerada interior. Por isso, optou-se por substituir o termo “interior” por “zona rural” e “cidade” por “zona urbana” na afirmação “Os falantes da zona urbana falam melhor do que os falantes da zona rural”, em que os resultados podem ser encontrados na Figura 23.

Figura 23 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Os falantes da zona urbana falam melhor do que os falantes da zona rural" (número de ocorrências e porcentagens)



Legenda: 1- Concordo totalmente; 2- Concordo em parte; 3- Nem concordo e nem discordo; 4- Discordo em parte; 5- Discordo totalmente

Fonte: autora (2024)

Apesar dos dados serem bem mistos, a maioria dos estudantes (n = 10) nem concorda e nem discorda da afirmação. Isso se mostra positivo de um certo ponto, pois apesar da grande maioria dos participantes morarem na zona urbana, não acreditam que falam melhor do que aqueles que moram na zona rural. Um dos participantes afirma que os moradores da zona rural falam com um sotaque mais forte. Outro afirma que os moradores da zona urbana falam melhor do que os da zona rural, porque muitos deles não costumam ir para a zona urbana com frequência, ficando mais tempo na zona rural e, com isso, se acostumam a falar a variedade mais rural.

P9: *“Sim, pois os que moram no interior tem sotaque mais forte”.*

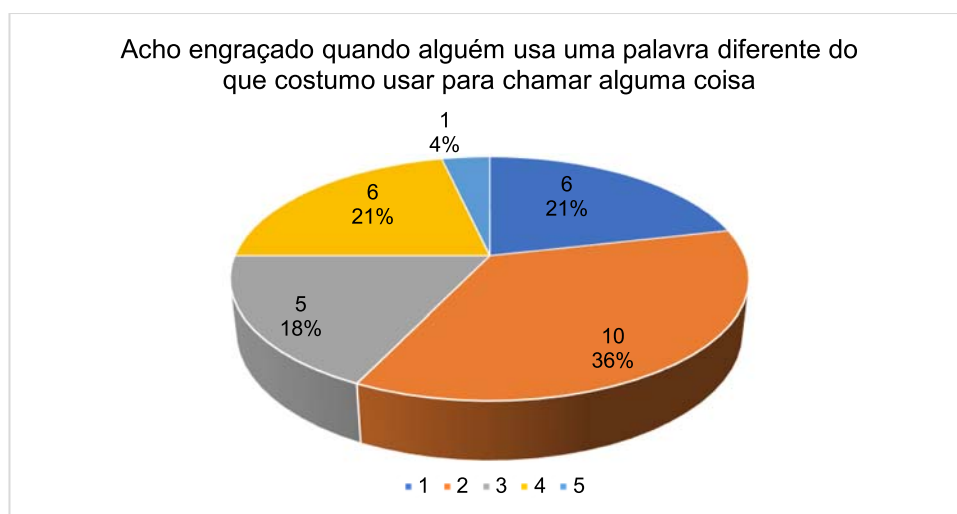
P28: *“Acho que sim, porque tem muitos que não vem para a zona urbana e só ficam na rural e acostumam falando meio errado”.*

No entanto, um dos participantes que nem concorda e nem discorda com a afirmação destaca que cada um tem a sua forma de falar e que isso não torna uma melhor do que a outra P5: *“cada um tem sua forma de fala, gírias, sotaque. Nenhum é melhor do que outro”.*

O reconhecimento das diferentes formas de falar condiz a uma reflexão “sobre a língua portuguesa no Brasil, suas características e sua variação, especialmente as diferenças entre o Brasil urbano e o Brasil rural” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 18). No entanto, ao analisar o comentário de que os falantes da zona rural costumam falar “meio errado”, é importante destacar que o índice de analfabetismo se concentra na população rural, que é, “secularmente, a menos beneficiada no processo de desenvolvimento do país” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 20). Pode ser por isso que alguns estudantes têm a percepção de que eles “falam errado”, tendo como crença que tudo aquilo que foge da norma-padrão é visto como um erro.

A Figura 24 traz os resultados encontrados em relação à percepção que os estudantes têm sobre a afirmação “Acho engraçado quando alguém usa uma palavra diferente do que costumo usar para chamar alguma coisa”.

Figura 24 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Acho engraçado quando alguém usa uma palavra diferente do que costumo usar para chamar alguma coisa" (número de ocorrências e porcentagens)



Legenda: 1- Concordo totalmente; 2- Concordo em parte; 3- Nem concordo e nem discordo; 4- Discordo em parte; 5- Discordo totalmente

Fonte: autora (2024)

A maioria dos participantes acha engraçado quando alguém usa uma palavra diferente para nomear alguma coisa (21% concorda totalmente e 36% concorda em parte). Essa afirmação deixa evidente o preconceito linguístico enraizado nas pessoas. No entanto, pelas justificativas, é possível perceber que alguns não julgam

necessariamente como algo engraçado, mas diferente do habitual. Além disso, alguns afirmam procurarem o significado das palavras e/ou expressões diferentes e que gostam quando alguém usa uma palavra diferente, pois aprendem nossas palavras.

P11: *“É diferente”.*

P27: *“É meio engraçado escuta uma palavra diferente que não tá acostumada a escuta”.*

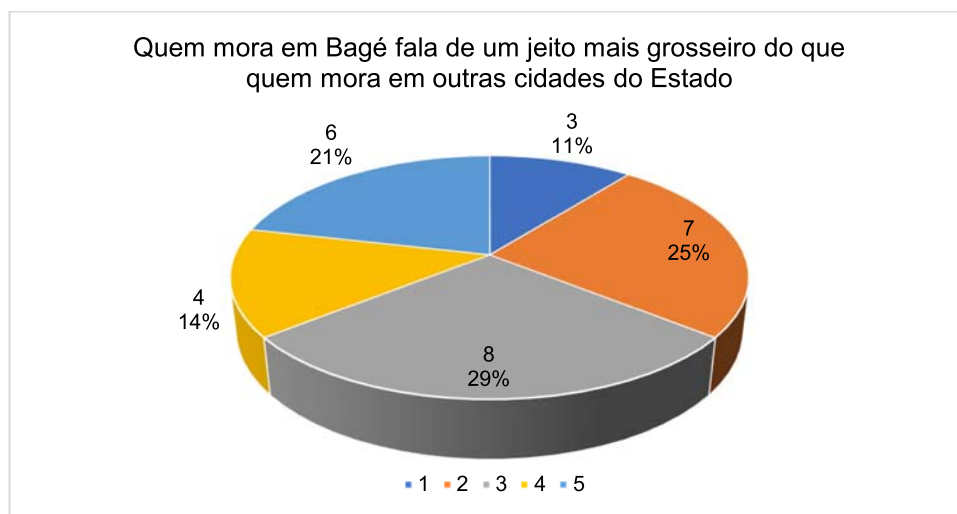
P28: *“Concordo em parte de achar engraçado, mas procuro me informar e saber o significado”.*

P23: *“Eu realmente gosto quando isso acontece, pelo fato de eu aprender gírias e palavras novas”.*

As justificativas dos estudantes podem estar atreladas ao fato de que as atitudes em relação à variação regional tendem a gerar menos estigmas e, conseqüentemente, menos preconceito linguístico. Dessa forma, muitos afirmam acharem diferente e gostarem de ouvir novas formas de nomear coisas que eles conhecem.

A Figura 25 traz os resultados das concepções dos estudantes sobre a última afirmação do questionário “Quem mora em Bagé fala de um jeito mais grosseiro do que quem mora em outras cidades do Estado”.

Figura 25 - Gráfico de respostas (n = 28) à afirmação "Quem mora em Bagé fala de um jeito mais grosseiro do que quem mora em outras cidades do Estado" (número de ocorrências e porcentagens)



Legenda: 1- Concordo totalmente; 2- Concordo em parte; 3- Nem concordo e nem discordo; 4- Discordo em parte; 5- Discordo totalmente

Fonte: autora (2024)

Por ser uma cidade de interior, localizada ao sul do RS, alguns moradores têm a crença de que em Bagé se fala de uma forma mais grosseira. Dessa forma, essa afirmação foi elaborada para confirmar ou refutar a existência dessa crença entre os estudantes.

Percebe-se que as respostas foram bastante mistas, pois dez participantes concordaram (totalmente ou em parte), dez discordaram (totalmente ou em parte) e oito nem concordaram e nem discordaram. As justificativas apresentadas pelos participantes destacam que o que torna a fala mais grosseira é o sotaque forte e o uso excessivo das expressões “bah” e “tchê”.

P9: “Sim, pois nós temos o sotaque forte”.

P5: “Como eu disse, nós temos a fala mais ‘rústica’”.

P8: “A parte do ‘te’ ou o uso excessivo do ‘bah’ e ‘tchê’.

Para uma análise mais panorâmica dos resultados apresentados pelos participantes no questionário, foi elaborada a Tabela 10 abaixo com as médias das respostas de cada uma das afirmações apresentadas, podendo atingir 1 em cada um dos pontos.

Tabela 10 – Médias das respostas do questionário de crenças – escala de 1 a 5

	Concordo totalmente	Concordo em parte	Nem concordo e nem discordo	Discordo em parte	Discordo totalmente
Eu posso falar do mesmo jeito em todas as situações da vida	0,04	0,14	0,46	0,21	0,14
Existem brasileiros que usam melhor a língua portuguesa do que outros	0,32	0,21	0,25	0,18	0,04
Se eu pudesse, mudaria meu jeito de falar	0,11	0,25	0,29	0,07	0,29
Se eu pudesse, mudaria meu jeito de escrever	0,32	0,39	0,07	0,11	0,11
O meu jeito de falar é igual ao das pessoas com quem eu moro	0,21	0,36	0,18	0,21	0,04
Eu tenho orgulho do meu jeito de falar	0,43	0,14	0,29	0,11	0,04
Dentro do Rio Grande do Sul existem sotaques melhores do que outros	0,21	0,32	0,21	0,11	0,14
Quem é de Bagé fala bonito	0,11	0,36	0,5	0,04	0
Existem pessoas que usam palavras diferentes das palavras que eu costumo usar	0,64	0,32	0	0	0,04
Existem regiões do país que usam palavras mais bonitas do que em outras regiões	0,36	0,29	0,25	0,04	0,07
Na minha cidade, tem pessoas que falam melhor do que outras	0,43	0,18	0,14	0,21	0,04
As pessoas mais velhas da cidade têm um jeito de falar diferente das mais novas	0,68	0,25	0,07	0	0
Os regionalismos usados no Rio Grande do Sul são melhores do que os usados em outros estados	0,25	0,21	0,43	0,07	0,04
Existe variação na forma de falar dentro do Rio Grande do Sul	0,32	0,43	0,14	0,11	0
Os falantes da zona urbana falam melhor do que os falantes da zona rural	0,14	0,18	0,36	0,21	0,11
Acho engraçado quando alguém usa uma palavra diferente do que costumo usar para chamar alguma coisa	0,21	0,36	0,18	0,21	0,04

Quem mora em Bagé fala de um jeito mais grosseiro do que quem mora em outras cidades do estado	0,11	0,25	0,29	0,14	0,21
---	------	------	------	------	------

Fonte: autora (2024)

Apesar dos indivíduos, de maneira geral, usarem uma variedade mais formal de maneira inconsciente, ainda não reconhecem que fazem essa monitoração, percebe-se que a maioria dos participantes mantiveram uma posição neutra em relação a afirmação “eu posso falar do mesmo jeito em todas as situações de vida”. Isso mostra que o ensino da variação linguística poderia melhorar, pois os estudantes, nesta faixa etária, já deveriam estar conscientes de que se monitoram estilisticamente.

A maioria dos estudantes tem a crença de que existem brasileiros que usam melhor a língua portuguesa do que outros, que existem regiões que usam palavras mais bonitas do que outras e que na sua cidade existem pessoas que falam melhor do que outras, pois apresentam uma percepção de ideal de língua, isto é, de que somente as normas gramaticais impostas pela gramática normativa estão corretas e devem ser usadas. Além disso, acreditam que falar de acordo com a gramática normativa é sinônimo de falar bonito e que falar melhor seria falar corretamente. Por conta desse ideal de língua, a maioria (n = 20) dos estudantes afirmam que se pudessem, mudariam a forma como escrevem, pois, fazem uma associação direta da modalidade escrita com o domínio das regras gramaticais.

No entanto, percebe-se que os participantes apresentam uma crença positiva em relação a forma como falam, pois, uma parte deles discordou totalmente com a afirmação “se eu pudesse, mudaria meu jeito de falar”. Além disso, sentem orgulho da forma como falam. Essa crença se mostra muito importante para que os estudantes desenvolvam a sua autoestima linguística. Apesar disso, um fato surpreendeu, pois mesmo os estudantes afirmando gostarem do seu jeito de falar e tendo orgulho da forma como falam, ainda assim, têm a crença de que existem sotaques que são mais bonitos do que o deles e mantiveram uma posição neutra em relação aos regionalismos usados no RS serem melhores do que os de outros estados.

É interessante observar que a maioria (n = 27) dos estudantes reconhecem a variação regional, isto é, que existem pessoas que utilizam palavras diferentes do que eles costumam utilizar. No entanto, percebe-se que nem todos eles reconhecem que

dentro do Rio Grande do Sul também existe variação regional. Isso fica evidente nos resultados da afirmação “dentro do RS existem sotaques melhores do que outros”, pois alguns estudantes associaram aos sotaques brasileiros como um todo e, não aos sotaques que existem dentro do RS, muito possivelmente, por não reconhecerem os diferentes sotaques do estado. Novamente, é possível verificar que é necessário aprofundar o trabalho com a variação linguística em sala de aula.

De maneira geral, percebe-se que os estudantes compreendem que o seu jeito de falar é parecido com o das pessoas da sua rede social, sejam elas pessoas da família ou amigos. Além disso, concordam que as pessoas mais velhas falam de uma forma diferente das mais jovens. A partir das justificativas apresentadas, é possível perceber que eles reconhecem, de forma inconsciente, que existe variação e mudança linguística, pois mesmo não sendo muito familiarizados com esses termos, os estudantes percebem que existe variação linguística na sua fala e na das pessoas com quem convivem e conseguem perceber a mudança linguística que ocorre entre gerações.

Em algumas afirmações, os estudantes mantiveram uma posição neutra, como é o caso da afirmação “quem moram em Bagé fala bonito” e “quem mora em Bagé fala de um jeito mais grosseiro”. As justificativas apresentadas na primeira afirmação foram bastante mistas, pois os estudantes atrelaram vários fatores que os levaram a não concordarem a afirmação, como, por exemplo, falar “errado” e o uso de gírias. Na segunda afirmação, os estudantes trazem como justificativa o fato de os bageenses terem uma fala mais “bagual”, no entanto, não foi possível confirmar a hipótese de que acham o falar mais grosseiro, pois as respostas foram bastante mistas.

Por fim, os estudantes concordam em parte com a afirmação “acho engraçado quando alguém usa uma palavra diferente do que eu costumo usar para chamar alguma coisa”. As justificativas apresentadas mostram que eles acham diferente quando alguém usa uma outra palavra para nomear algo. Apesar dos estudantes acharem engraçadas algumas dessas palavras, eles consideram interessante escutar e apreender essas novas palavras. Dessa forma, quando escutam alguém falar alguma palavra diferente do que eles costumam usar, acabam se interessando muito mais no seu significado do que em ter uma atitude negativa com o falante.

Os resultados encontrados por Araújo (2014) corroboram os resultados encontrados no questionário. Em sua pesquisa, a autora observou que os estudantes

percebem a variação, mas como algo errado, ou seja, apontando erros no modo de falar dos outros. Além disso, verificou que os estudantes acham a variação algo engraçado e, não algo que acontece na língua de forma natural. De forma geral, a autora constatou que a variação linguística é percebida por eles, mas que é vista como dois extremos: o certo e o errado. É interessante observar que os resultados encontrados na presente pesquisa se assemelham em alguns pontos com os encontrados por Araújo (2014). No entanto, é possível observar que os estudantes estão mais favoráveis à variação linguística, reconhecendo no seu dia a dia as formas em variação e se mostrando mais tolerantes a elas. Apesar de alguns estudantes ainda carregarem a crença do certo e do errado, da mesma forma que seus professores, percebe-se uma maior abertura para a variação linguística. Isso mostra que o trabalho com a variação, de modo geral, não está acontecendo de uma forma efetiva em sala de aula, já que muitos ainda veem como algo errado e que não deve ocorrer na fala.

É evidente que, ainda hoje, o ensino prescritivo, isto é, aquele voltado para o ensino das regras da gramática normativa, é o foco dado ao estudo de língua em sala de aula. Dessa forma, é um ensino que privilegia, sobretudo, o estudo da norma padrão em oposição à diversidade linguística que os estudantes trazem para dentro da escola. É possível observar pelas crenças dos estudantes que essa forma de ensino acabou criando um mito de que existe uma língua única, padrão e correta.

Diante disso, o trabalho com a variação linguística deve ser incluído em sala de aula, para que os estudantes reconheçam outras possibilidades de uso da língua, assim como as adequações necessárias a cada domínio social que estiverem inseridos, adaptando sua linguagem aos contextos com maior ou menor grau de monitoramento, ao interlocutor, a faixa etária, ao assunto, etc. Também é indispensável oferecer condições para que os estudantes enfrentem diferentes situações comunicativas e reconheçam que existe variação dentro do país, do estado e da própria cidade em que moram e que a variação linguística é inerente a toda língua. Para Frasson (2016, p. 84), “é preciso que as aulas de LP sejam desenvolvidas no sentido de respeitar e valorizar as variedades linguísticas que os alunos utilizam diariamente e que são constitutivas de sua identidade”.

Por fim, é importante que os professores de língua portuguesa participem de projeto de formação continuada, visando possibilitar aulas em que as discussões

sobre as diferenças linguísticas, regionais e socioeconômicas sejam tomadas como “combustíveis que propulsionam a reflexão sobre o uso e funcionamento real do português brasileiro” (Oliveira, 2016, p. 312).

4.3 Resultados da análise comparativa entre os dados de processamento e o questionário de crenças

Para a realização da análise comparativa entre os dados encontrados na tarefa de decisão lexical e no questionário de crenças, optou-se por analisar os dados dos participantes que obtiveram maior e menor desempenho na tarefa, isto é, os participantes que tiveram as maiores e as menores médias de acurácia. Dessa forma, buscamos estabelecer relações entre desempenhos mais ou menos superiores/inferiores com crenças mais ou menos positivas/negativas. Além disso, os participantes foram selecionados a partir do ponto de corte, isto é, participantes que obtiveram média menor que 0,80. Para isso, a partir da análise descritiva, foi gerada a Tabela 11 abaixo com as médias de acurácia e TR de cada um dos vinte e oito participantes.

Tabela 11 - Média de acurácia e TR de cada participante (n = 28)

Participante	Acurácia (DP)	TR (DP)
P1	0,90 (0,30)	667,89 (302,72)
P2	0,96 (0,19)	664,77 (345,40)
P3	0,94 (0,23)	643,12 (275,60)
P4	0,92 (0,27)	552,20 (306,11)
P5	0,90 (0,30)	854,17 (338,93)
P6	0,97 (0,17)	634,22 (289,91)
P7	0,85 (0,36)	673,35 (285,81)
P8	0,82 (0,39)	539,09 (239,80)
P9	0,92 (0,27)	667,85 (345,26)
P10	0,95 (0,21)	827,23 (302,40)
P11	0,69 (0,46)	615,87 (322,95)
P12	0,95 (0,21)	578,05 (346,22)
P13	0,92 (0,28)	591,39 (170,00)
P14	0,92 (0,28)	511,60 (216,12)
P15	0,89 (0,31)	772,36 (299,35)
P16	0,80 (0,41)	676,21 (276,51)

P17	0,61 (0,49)	400,66 (289,26)
P18	0,87 (0,34)	752,63 (316,21)
P19	0,85 (0,36)	454,82 (152,14)
P20	0,89 (0,32)	878,29 (269,21)
P21	0,91 (0,29)	460,68 (178,08)
P22	0,90 (0,30)	737,03 (321,71)
P23	0,89 (0,31)	697,02 (325,71)
P24	0,82 (0,39)	1009,72 (400,38)
P25	0,82 (0,39)	770,16 (313,03)
P26	0,87 (0,34)	403,56 (101,40)
P27	0,83 (0,38)	430,66 (195,03)
P28	0,98 (0,14)	887,78 (348,49)

Fonte: autora (2024)

É possível observar que, de maneira geral, todos os participantes apresentaram bom desempenho na tarefa, no entanto, alguns se destacaram por terem médias maiores e outros por terem médias menores. A partir dos dados mostrados na tabela, foram selecionados para análise os participantes P2, P3, P6 e P28, marcados na cor azul, por terem apresentado uma acurácia maior na tarefa (96%, 94%, 97% e 98%, respectivamente) e, os participantes P11, P16 e P17, marcados na cor laranja, por terem apresentado uma acurácia menor (69%, 80% e 61%, respectivamente).

Para analisar como os participantes selecionados se desempenharam nas condições variante padrão e regional, foco da presente pesquisa, foi criada a Tabela 12 abaixo, em que é possível visualizar a média de acurácia e tempo de reação de cada um dos participantes selecionados para esta análise.

Tabela 12 - Média de acurácia e TR dos participantes selecionados nas condições variante padrão e regional

Participante	Condições	Acurácia (DP)	TR (DP)
Participante 2	Variante Padrão	1,00	577,43 (184,83)
	Variante Regional	0,90 (0,30)	714,47 (334,02)
Participante 3	Variante Padrão	0,95 (0,21)	591,32 (238,30)
	Variante Regional	0,90 (0,30)	730,82 (340,81)
Participante 6	Variante Padrão	0,95 (0,21)	643,30 (339,65)
	Variante Regional	0,90 (0,30)	662,19 (293,77)
Participante 28	Variante Padrão	1,00	767,57 (264,19)

	Variante Regional	0,94 (0,24)	869,05 (333,72)
Participante 11	Variante Padrão	0,62 (0,50)	551,58 (254,28)
	Variante Regional	0,75 (0,44)	588,72 (2691,72)
Participante 16	Variante Padrão	0,91 (0,29)	649,18 (214,80)
	Variante Regional	0,71 (0,46)	703,30 (272,86)
Participante 17	Variante Padrão	0,39 (0,50)	239,02 (43,77)
	Variante Regional	0,78 (0,43)	429,70 (368,77)

Fonte: autora (2024)

Os participantes P2, P3, P6 e P28 tiveram uma média de acurácia maior nas duas condições, isto é, apresentaram bom desempenho na variante padrão e regional e, como esperado, demandaram um pouco mais de tempo para processar a variante regional em comparação à padrão. O participante P16 apresentou uma média elevada de acurácia na variante padrão, no entanto, na variante regional teve uma média menor (91% e 71%, respectivamente) e, assim como os outros participantes, teve o tempo de reação maior na variante regional. O desempenho dos participantes P11 e P17 chamou atenção, pois eles apresentaram médias menores de acurácia para a variante padrão (62% e 39%, respectivamente) em comparação a variante regional que obteve médias maiores (75% e 78%, respectivamente). A variante regional demandou maior tempo de reação para esses dois participantes, o que possivelmente, motivou uma maior acurácia, visto que a média de tempo desempenhado na variante padrão foi muito baixa (551,58ms e 239,02ms). Dessa forma, eles quiseram fazer a tarefa rapidamente e não tiveram tempo de pensar adequadamente na decisão lexical.

Como o objetivo é realizar uma análise comparativa entre os resultados da tarefa e do questionário, foram analisadas individualmente as respostas dadas pelos participantes no questionário, a fim de verificar como os estudantes veem a variação linguística, especificamente a variação regional. Dessa forma, retrataram-se as respostas dadas pelos estudantes em cada uma das afirmações, visando, posteriormente, fazer a comparação com os resultados apresentados na tarefa.

O participante P2, que teve média de acurácia alta na tarefa, tem a percepção que pode falar do mesmo jeito em todas as situações da vida. Mantém uma posição neutra de que existem brasileiros que usam melhor a língua portuguesa do que outros, porém acredita que dentro do RS existem sotaques melhores, que existem regiões

que usam palavras mais bonitas, que na cidade há pessoas que falam melhor e que os regionalismos usados no RS são melhores do que os usados em outros estados. Não mudaria o seu jeito de falar e de escrever, no entanto, não tem orgulho do seu jeito de falar. Acredita que seu jeito de falar é igual ao das pessoas com quem mora, reconhece que as pessoas mais velhas falam de um jeito diferente das mais novas e discorda que os falantes da zona urbana falam melhor do que os da zona rural. Mantém uma posição neutra de que quem é de Bagé fala bonito e discorda que quem mora em Bagé fala de um jeito mais grosseiro. Reconhece que existem pessoas que usam palavras diferentes do que costuma usar e que existe variação na forma de falar dentro do RS. Por último, afirma que acha engraçado quando alguém usa uma palavra diferente para chamar alguma coisa.

É possível observar que o participante reconhece a variação linguística, pois sabe da sua existência no seu dia a dia, no entanto, ainda apresenta a crença de que existem falares melhores e mais bonitos do que outros, atribuindo juízo de valor a determinadas variedades. Na tarefa, o informante obteve um bom desempenho, os estímulos na variante padrão tiveram 100% de acertos e não demandaram tanto tempo de processamento (577,43 ms). Os estímulos na variante regional tiveram 90% de acerto e demandaram um tempo maior de processamento (714,47 ms). Esse resultado pode estar associado ao ambiente escolar em que os estudantes estão inseridos, isto é, estão acostumados utilizarem mais a variante padrão. No entanto, a partir dos resultados da acurácia dos estímulos na variante regional, é possível verificar que o estudante ouve, vê e/ou fala com frequência algumas dessas palavras, pois reconheceu como palavras reais do PB e parece apresentar as duas variantes no seu repertório linguístico. De modo geral, percebe-se que o participante apresentou um ótimo desempenho na tarefa e mostrou-se mais favorável à variação linguística, vindo ao encontro da previsão adotada de que os estudantes que apresentarem maior média de acurácia em respostas à variante padrão e regional teriam crenças mais favoráveis à variação linguística.

O participante P3, que obteve a média de acurácia 0,95 na variante padrão e 0,90 na variante regional, mantém uma posição neutra de que pode falar do mesmo jeito em todas as situações da vida. Acredita que existam brasileiros que usam melhor a língua portuguesa do que outros e mantém uma posição neutra de que dentro do RS existem sotaques melhores do que outros. Ele discorda de que existem regiões

que usam palavras mais bonitas do que outras, que na cidade há pessoas que falam melhor e que os regionalismos no RS são melhores. Mudaria o seu jeito de falar, mas não mudaria o seu jeito de escrever e, tem uma posição neutra em relação a sentir orgulho do seu jeito de falar. Acredita que seu jeito de falar é igual ao das pessoas com quem mora, reconhece que as pessoas mais velhas falam diferente das mais novas e discorda que os falantes da zona urbana falam melhor do que os da zona rural. Acredita que quem é de Bagé fala bonito e não acha quem mora em Bagé fala de um jeito grosseiro. O participante não reconhece que existem pessoas que usam palavras diferentes das que costuma usar e que existe variação na forma de falar dentro do RS. Por fim, ele não acha engraçado quando alguém usa uma palavra diferente das que costuma usar para nomear alguma coisa.

Apesar do participante, de modo geral, apresentar algumas crenças positivas, como acreditar que não existam falares melhores e mais bonitos do que outros e não achar engraçado quando alguém usa uma palavra diferente para chamar alguma coisa, percebe-se que ele se apresenta menos favorável à variação, pois não a reconhece. Nas duas afirmações voltadas para o reconhecimento da variação regional, o estudante discordou, isto é, não reconheceu que existe variação. Na tarefa, o participante apresentou bom desempenho nas duas condições, obteve 95% de acertos na variante padrão e 90% na variante regional. Demandou mais tempo de processamento na variante regional do que na variante padrão (730,82 ms e 591,32 ms, respectivamente). Como dito anteriormente, o ambiente escolar pode ter motivado a maior acurácia na variante padrão, no entanto, é possível verificar que o estudante utiliza com frequência as duas variantes, pois percebe-se que o estudante tem as duas no seu repertório linguístico, já que reconheceu como palavras reais do PB. De maneira geral, o participante obteve um bom desempenho na tarefa, no entanto, percebe-se que ele apresenta crenças menos favoráveis à variação linguística, contrariando a previsão da pesquisa.

O participante P6, que obteve acurácia média de 0,95 na variante padrão e 0,90 na variante regional, acredita que não pode falar do mesmo jeito em todas as situações da vida. Acredita que existem brasileiros que usam melhor a língua portuguesa do que outros, que dentro do RS existem sotaques melhores, que existem regiões que usam palavras mais bonitas, que na cidade há pessoas que falam melhor e que os regionalismos usados no RS são melhores. Mantém uma posição neutra em

relação a mudar o seu jeito de falar, não mudaria o seu jeito de escrever e não sente orgulho do seu jeito de falar. Mantém uma posição neutra de que o seu jeito de falar é igual ao das pessoas com quem mora, acredita que as pessoas mais velhas falam diferente das mais novas e não acha que os falantes da zona urbana falam melhor do que os da zona rural. Concorde que quem é de Bagé fala bonito e é neutro em relação aos moradores de Bagé falarem de um jeito mais grosseiro. Ele reconhece que existem pessoas que usam palavras diferentes das que costuma usar e que existem variação na forma de falar dentro do RS. Acha engraçado quando alguém usa uma palavra diferentes para nomear alguma coisa.

É possível notar que o participante é parcialmente favorável à variação linguística, pois mesmo reconhecendo a existência da variação e apresentando algumas crenças positivas, acredita existirem falares melhores do que outros, além de achar engraçado quando alguém usa uma palavra diferente. Na tarefa, o participante apresentou bom desempenho nas duas condições, 95% de acertos na variante padrão e 90% na variante regional. É importante destacar que o tempo de processamento das duas condições foram bastante parecidos 643,30 ms na variante padrão e 662,19 ms na variante regional. Esse resultado pode ter sido motivado pelo fato de o estudante ter as duas variantes no seu repertório linguístico, pois por ter reconhecido os estímulos como palavras reais do PB, é possível que ouça, veja e fale com frequência essas palavras. Este participante apresentou um bom desempenho na tarefa e mostrou-se mais favorável à variação linguística, indo ao encontro da previsão desta pesquisa.

Os resultados do questionário de crenças do participante P28 mostram que ele acredita que pode falar do mesmo jeito em todas as situações da vida. Para ele, existem brasileiros que usam melhor a língua portuguesa do que outros, dentro do RS existem sotaques melhores que outros, existem regiões que usam palavras mais bonitas, existem pessoas na cidade que falar melhor e os regionalismos usados no RS são melhores que os usados em outros estados. Mudaria o seu jeito de falar e o seu jeito de escrever, no entanto, sente orgulho da forma como fala. Acha o seu jeito de falar igual ao das pessoas com quem mora, acredita que as pessoas mais velhas falam de um jeito diferente das mais novas e que os falantes da zona urbana falam melhor do que os da zona rural. Concorde que quem é de Bagé fala bonito e que fala de um jeito mais grosseiro. Reconhece que existem pessoas que usam palavras

diferentes do que costuma usar e que existe variação na forma de falar dentro do RS. Por fim, P28 acha engraçado quando alguém usa uma palavra diferente para nomear alguma coisa.

É possível observar que o participante é menos favorável à variação linguística em comparação aos demais, mesmo reconhecendo a sua existência, acredita que existam falares melhores e mais bonitos do que outros, acha engraçado quando alguém usa uma palavra diferente para nomear alguma coisa e, também, que os moradores da sua cidade falam de um jeito mais grosseiro. Portanto, na teoria, reconhece o fenômeno da variação, mas na prática, quando deve se manifestar sobre os diferentes falares, tem mais dificuldade. Na tarefa de decisão lexical, foi o participante que mais se destacou, pois apresentou o melhor desempenho. Os estímulos na variante padrão obtiveram 100% de acertos e os estímulos na variante regional 94%. O participante demandou bastante tempo nas duas condições, 767,57 ms na variante padrão e 869,05 ms na variante regional, possivelmente este maior tempo demandado motivou uma maior acurácia. É possível verificar que o estudante também tem as duas variantes no seu repertório linguístico, fazendo uso contínuo das duas, pois reconheceu os estímulos como palavras reais do PB. De modo geral, o participante apresentou um ótimo desempenho na tarefa, no entanto, apresentou crenças que se mostraram menos favoráveis à variação linguística, contrariando a previsão da pesquisa.

Do outro lado do contínuo, o participante P11, que obteve a média de acurácia de 0,62 na variante padrão e 0,75 na variante regional, reconhece que não pode falar do mesmo jeito em todas as situações da vida. Mantém uma posição neutra de que na cidade há pessoas que falam melhor do que outras. Acredita que existem brasileiros que usam melhor a língua portuguesa do que outros, que dentro do RS existem sotaques melhores que outros, que existem regiões que usam palavras mais bonitas e que os regionalismos usados no RS são melhores. Tem uma posição neutra em relação a mudar o seu jeito de falar, gostaria de mudar o seu jeito de escrever e tem orgulho da forma como fala. Acredita que o seu jeito de falar não é o mesmo que o das pessoas com quem mora, que as pessoas mais velhas falam diferente das mais novas e discorda que os falantes da zona urbana falam melhor do que os da zona rural. Para ele, quem é de Bagé fala bonito e não fala de um jeito grosseiro. Reconhece que existem pessoas que usam palavras diferentes do que costuma usar

e que existe variação na forma de falar dentro do RS. Acha engraçado quando alguém usa uma palavra diferente para chamar alguma coisa.

O participante também é parcialmente favorável à variação linguística, pois ele reconhece a variação no seu dia a dia e apresenta algumas crenças positivas, no entanto, acredita que existam falares melhores e mais bonitos do que outros. Na tarefa, o participante obteve um menor desempenho e se destacou por apresentar acurácia maior na variante regional (75%) do que na variante padrão (62%). É possível observar pouca diferença no tempo de reação, pois a variante regional, por apresentar maior número de acertos, demandou mais tempo de processamento (588,72 ms) em comparação com a variante padrão (551,58 ms). É interessante observar que o participante gostaria de mudar a sua forma de escrever, possivelmente por utilizar mais a variante regional. De modo geral, o participante obteve um menor desempenho na tarefa, porém apresentou crenças mais favoráveis à variação linguística, contrariando a previsão de que os estudantes que apresentarem menor média de acurácia nas respostas às variantes padrão e regionais terão uma crença menos favorável à variação.

O participante P16, que obteve a média de 0,91 na variante padrão e 0,71 na variante regional, mantém uma posição neutra em relação a poder falar do mesmo jeito em todas as situações de vida. Além disso, mantém uma posição neutra de que existem brasileiros que usam melhor a língua portuguesa do que outros, que existem regiões que usam palavras mais bonitas, que na cidade há pessoas que falam melhor e que os regionalismos do RS são melhores. Acredita que dentro do RS existem sotaques melhores do que outros. Não mudaria o seu jeito de falar, no entanto, não sente orgulho. Mudaria o seu jeito de escrever. Não acha que o seu jeito de falar é igual ao das pessoas com quem mora, acredita que as pessoas mais velhas falam de um jeito diferente das mais novas e mantém uma posição neutra de que os falantes da zona urbana falam melhor que os falantes da zona rural. Também mantém uma posição neutra de que quem é de Bagé fala bonito e não acredita que os moradores de Bagé falem de um jeito mais grosseiro. Reconhece que existem pessoas que usam palavras diferentes do que costuma usar, porém mantém uma posição neutra de que dentro do RS existe variação na forma de falar. Não acha engraçado quando alguém usa uma palavra diferente para chamar alguma coisa.

É possível observar que o participante é menos favorável à variação linguística, pois, por manter uma posição neutra em quase todas as afirmações, verifica-se que ele não reconhece a variação linguística no seu dia a dia. Na tarefa, o participante apresentou uma menor acurácia. Apesar de ter apresentado uma média de acurácia alta para a variante padrão (91%), a média da variante regional foi bem mais baixa (71%). A variante padrão, mesmo com número elevado de acertos, demandou menos tempo de processamento do que a variante regional (649,18 ms e 703,30 ms, respectivamente). A posição neutra na afirmação de que os falantes da zona urbana falam melhor do que os da zona rural chamou a atenção, pois o participante é morador da zona rural. Além disso, a média de acurácia para a variante regional ser menor também chama atenção, pois os moradores da zona rural tendem a utilizar mais a variante regional. No entanto, é possível, novamente, que o ambiente escolar tenha motivado a média maior de acerto na variante padrão, visto que o estudante passa mais tempo dentro de escola durante os dias de semana e isso faz com que ele veja e ouça com mais frequência as palavras na variante padrão. Este participante obteve um menor desempenho na tarefa e apresentou crenças menos favoráveis à variação linguística, corroborando a previsão inicial apresentada.

Os resultados do questionário de crenças do participante P17 mostram que ele acredita que pode falar do mesmo jeito em todas as situações da vida. Mantém uma posição neutra de que existem brasileiros que usam melhor a língua portuguesa do que outros e que os regionalismos usados no RS são melhores do que os usados em outros estados. Acredita que dentro do RS existem sotaques melhores, que existem regiões que usam palavras mais bonitas e que na cidade há quem fale melhor. Mantém uma posição neutra em relação a mudar o seu jeito de falar e de escrever, mas tem orgulho do seu jeito de falar. Também mantém uma posição neutra em relação a falar do mesmo jeito que as pessoas com quem mora, acredita que as pessoas mais velhas falam de um jeito diferente das mais novas e acredita que os falantes da zona urbana falam melhor do que os falantes da zona rural. Mantém posição neutra de que quem é de Bagé fala bonito e de que se fala de um jeito mais grosseiro. Reconhece que existem pessoas que usam palavras diferentes do que costuma usar e que existe variação dentro do RS. Acha engraçado quando alguém usa uma palavra diferentes para nomear alguma coisa.

O participante parece ser menos favorável à variação linguística em comparação aos demais, apesar de reconhecer a existência da variação no seu dia a dia, acredita que existem falares melhores e mais bonitos que outros, além de achar engraçado quando alguém usa uma palavra diferente para chamar alguma coisa. Na tarefa, o participante apresentou uma baixa média de acurácia, principalmente na variante padrão, em que acertou somente 39% dos estímulos. Os acertos da variante regional foram de 78%, o que demandou, em média 429,70 ms. É possível observar que o participante respondeu à tarefa de forma muito rápida, levando 239,02 ms na variante padrão. Esse participante apresentou uma média de TR muito baixa, isso pode indicar que ele realizou a tarefa sem prestar muita atenção; dessa forma, seu nível de acertos ficou um pouco abaixo da chance. O participante, de maneira geral, apresentou um menor desempenho na tarefa e percebe-se que ele se mostrou menos favorável à variação linguística, indo ao encontro da previsão adotada no estudo.

Para melhor visualizar os resultados encontrados na comparação entre os dados de processamento e o questionário de crenças, foi criado o Quadro 2 abaixo, em que é possível observar como os participantes se desempenharam na tarefa (maior ou menor desempenho) e se apresentaram crenças mais ou menos favoráveis.

Quadro 2 - Comparação entre os dados de processamento e o questionário de crenças

Participante	Desempenho na tarefa	Crenças Linguísticas
P2	Maior	Mais favoráveis
P3	Maior	Menos favoráveis
P6	Maior	Mais favoráveis
P28	Maior	Menos favoráveis
P11	Menor	Mais favoráveis
P16	Menor	Menos favoráveis
P17	Menor	Menos favoráveis

Fonte: autora (2024)

De maneira geral, nenhum dos participantes apresentou crenças totalmente positivas, nem totalmente negativas, por isso, utilizou os termos “mais favorável” e “menos favorável”. Com isso, verificou-se que a previsão de que os estudantes que

apresentaram menor acurácia nas respostas às variantes padrão e regionais teriam uma crença menos favorável à variação linguística foi refutada, pois dos quatro participantes que obtiveram bom desempenho na tarefa de decisão lexical, dois apresentaram crenças menos favoráveis a variação linguística, inclusive o participante que apresentou o desempenho de 98% da tarefa. Dos três participantes que obtiveram desempenho menor na tarefa, um deles apresentou crenças mais favoráveis a variação linguística. Portanto, a partir da análise desses sete participantes, não é possível afirmar que uma acurácia mais alta no processamento da variação, considerando as variantes padrão e regionais, tem relação com crenças mais positivas, assim como o contrário não é válido.

4.4 Discussão das previsões

O objetivo geral deste trabalho foi verificar de que forma as crenças linguísticas de estudantes do Ensino Fundamental II se relacionam com o processamento de uma variante lexical regional. Os objetivos específicos foram:

- a) Investigar o efeito da variação linguística diatópica no processamento de palavras;
- b) Analisar quais são as crenças de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II sobre a variação linguística regional, no que tange ao nível lexical;
- c) Relacionar as crenças de estudantes sobre a variação linguística diatópica com os dados de processamento, resultantes da tarefa experimental.

As previsões adotadas para o primeiro objetivo específico foram as de que as variantes regionais seriam processadas como palavras reais, isto é, teriam maior acurácia do que as pseudopalavras, mas com tempo de reação mais próximo das pseudopalavras do que das variantes padrão; as pseudopalavras demandariam maior tempo de reação; as variantes padrão e controle teriam médias de acurácia e tempos de respostas semelhantes e as variantes regionais estigmatizadas teriam menor acurácia e demandariam mais tempo de processamento do que as variantes indicadoras. Essas previsões foram formuladas a partir dos estudos de Freitag e Souza (2019) e Souza e Freitag (2021).

Foi possível confirmar a previsão de que as variantes padrão e controle teriam médias de acurácia e tempo de reação semelhantes. Apesar de não apresentarem médias de tempo de reação iguais, houve pouca diferença entre essas duas condições (menos de 65ms). As médias de acurácia também foram muito próximas, 91% para as variantes padrão e 94% para as palavras controle. A previsão de que as pseudopalavras demandariam maior tempo de reação também foi confirmada, pois elas demandaram maior esforço cognitivo dos estudantes, tendo como média de tempo de reação 887,48 ms.

A previsão de que as variantes regionais seriam processadas como palavras reais do PB, isto é, teriam maior acurácia do que as pseudopalavras, mas com tempo de reação maior foi parcialmente confirmada. Essa previsão foi considerada como parcialmente confirmada, pois as variantes regionais apresentaram 82% de acertos, isto é, de fato, as variantes regionais foram consideradas como palavras reais e obtiveram média de acerto maior do que as pseudopalavras (82% e 75%, respectivamente). No entanto, não foi possível confirmar a previsão de que a variante regional teria tempo de reação mais próximo das pseudopalavras do que das variantes padrão, pois o que se observou foi o oposto, já que o tempo de processamento das variantes regionais ficou muito mais próximo das variantes padrão (697,79 ms e 618,49 ms, respectivamente), apresentando uma diferença bastante significativa do tempo de processamento das pseudopalavras (697,79 ms e 887,48 ms, respectivamente).

Apesar de não ter sido possível fazer uma comparação entre os estímulos da variante padrão e da variante regional, por conta de o critério de seleção não ter sido o mesmo, verificou-se que a previsão de que as variantes regionais estigmatizadas teriam menor acurácia e demandariam mais tempo de processamento do que as variantes indicadoras foi refutada, pois somente dois estímulos tiveram tempo parecido com o das pseudopalavras e alguns estímulos classificados como indicadores tiveram tempo de processamento maior que os estereótipos. Além disso, as médias de acurácia entre as variantes estigmatizadas e indicadoras foram bastante semelhantes, inclusive, o estímulo “aipim”, classificado como indicador, teve média de acurácia menor que as apresentadas nas variantes estigmatizadas. No entanto, não foi possível fazer uma análise maior deste resultado porque os estímulos não são pareados de acordo com critérios psicolinguísticos de seleção de palavras.

De acordo com Souza e Freitag (2021), um maior tempo demandado para execução da tarefa pode sinalizar uma maior demanda cognitiva, assim como observou-se nas pseudopalavras neste estudo, que apresentaram a média de 887,48 ms de tempo de reação. Além disso, os autores afirmam que as variantes consideradas não padrão podem demandar maior esforço cognitivo de processamento e serem categorizadas como não palavra, no entanto, os resultados da presente pesquisa mostraram que, apesar das variantes regionais terem demandando maior esforço cognitivo do que as variantes padrão, foram categorizadas como palavras reais do PB (82% de acurácia).

Dessa forma, é possível observar que a variante regional demandou maior esforço cognitivo do que a variante padrão. No entanto, isso pode ter sido motivado pelo ambiente escolar em que os participantes estão inseridos, pois são incentivados a fazerem uso da variante padrão. Além disso, a modalidade escrita pode ter influenciado o processamento, uma vez que certas palavras não são comuns na escrita (por exemplo, “borracho”, “garrão” e “patente”).

Porém, de modo geral, percebe-se que os estudantes utilizam com frequência a variante regional, por conta da acurácia apresentada nos estímulos. Dessa forma, verifica-se que os participantes possuem as duas variantes no seu repertório linguístico.

As previsões adotadas no segundo objetivo específico foram as de que os estudantes reconheceriam que existe variação na forma de falar de cada região e que devem adequar o seu modo de falar dependendo do contexto em que estão inseridos. No entanto, teriam a concepção de que algumas pessoas usam melhor a língua do que outras e de que existem regiões que usam palavras melhores e possuem um sotaque melhor do que outras. Essas previsões foram formuladas a partir dos estudos de Marques e Baronas (2015), Santos (2017) e Correia (2022) e dos resultados apresentados nos estudos-piloto.

A previsão de que o estudantes reconheceriam que existe variação na forma de falar de cada região e que devem adequar o seu modo de falar a depender no contexto no qual estão inseridos foi parcialmente confirmada, pois mesmo os indivíduos adequando a sua linguagem, de forma inconsciente, a depender do contexto em que estão inseridos no seu dia a dia, verificou-se que alguns dos participantes mantiveram uma posição neutra, isto é, não reconhecem, de forma

consciente, que devem se monitorar estilisticamente a depender no contexto em que estão inseridos. Em relação a reconhecerem que existe variação na forma de falar de cada região, foi possível observar que maioria dos estudantes reconhecem que existe a variação regional, no entanto, percebeu-se que nem todos eles reconhecem que dentro do Rio Grande do Sul também existe variação, talvez por não terem contato com outras pessoas do estado.

A previsão de que os estudantes teriam a concepção de que algumas pessoas usam melhor a língua do que outras e de que existem regiões que usam palavras melhores e possuem um sotaque do que outras melhor foi confirmada, pois alguns informantes demonstraram ter a percepção de que existe um ideal de língua, ou seja, somente aquelas normas impostas pela gramática normativa estão corretas e devem ser usadas. Isso fica evidente na média das respostas na afirmação “existem brasileiros que usam melhor a língua portuguesa do que outros”, em 0,32 dos estudantes concorda totalmente e 0,21 concorda em parte. Além disso, percebeu-se que em muitas afirmações, os estudantes trouxeram essas crenças em suas justificativas. Ademais, associam falar de acordo com a gramática normativa com falar bonito. Em relação ao sotaque, os estudantes afirmam que há sotaque melhor e mais bonito do que outros.

Os resultados encontrados corroboram os de Correia (2022), que verificou que os participantes da sua pesquisa, estudantes concluintes do Ensino Médio, também afirmaram que não se pode falar de qualquer jeito em qualquer lugar. Além disso, os participantes se mostraram orgulhosos da forma como falam, porém, acreditam existirem também sotaques mais bonitos.

De maneira geral, é possível observar que o ensino da variação linguística ainda precisa ser abordado, pois muitos estudantes não reconhecem a variação linguística e não são conscientes de que devem adequar a sua linguagem a depender do contexto a qual estão inseridos – mesmo fazendo isso inconscientemente. Além disso, é possível observar que os estudantes apresentam crenças de que existe uma única língua correta e não reconhecem a diversidade linguística a sua volta. Esse trabalho pode ser feito no seguimento da vida escolar dos estudantes, ou seja, no Ensino Médio.

Luft (1895), citado por Valadares (2010), afirma que todo o falante nativo tem compreensão da sua língua materna e é sobre essa base, isto é, este conhecimento

internalizado que o professor deve construir sua aula, buscando descobrir qual tipo de gramática o estudante traz, de onde ele vem, qual o meio social em que vive e quais as características pessoais da sua fala. Dessa forma, o professor de LP, além de respeitar a variedade linguística trazida pelos estudantes, também deve refletir sobre as relações existentes entre as diversas variedades, incluindo a padrão, que não deve deixar de ser apresentado aos estudantes.

A previsão adota no terceiro objetivo específico foi a de que os estudantes que apresentarão menor média de acurácia nas respostas às variantes regionais e padrão teriam crenças menos favoráveis à variação linguística e aqueles estudantes que apresentarão maior média de acurácia em resposta às variantes regionais e padrão teriam crenças mais favoráveis à variação linguística. Essa previsão foi refutada, porque nem todos os participantes que obtiveram bom desempenho na tarefa de decisão lexical apresentaram crenças mais favoráveis à variação, assim como nem todos os que obtiveram menor desempenho na tarefa apresentaram crenças menos favoráveis à variação. Como não foram analisados todos os participantes da pesquisa, porque não foi possível fazer uma análise de correlação devido à disparidade dos dados, não é possível afirmar que o bom desempenho no processamento das variantes tem relação com crenças mais favoráveis. Esse resultado pode ter sido motivado por conta de os estudantes estarem em um ambiente escolar e terem acesso à variante padrão e também fazerem uso da variante regional. No entanto, isso não levou os estudantes a terem crenças mais favoráveis, pois, a partir das respostas dadas ao questionário de crenças, observou-se que o trabalho com a variação linguística não está sendo tão efetivo em sala de aula. Dessa forma, os estudantes reconhecem as duas variantes, inclusive têm as duas em seu repertório linguístico, mas ainda possuem crenças negativas em relação à variação.

5 Considerações finais

Este trabalho surgiu do interesse na área da Sociolinguística e na interface com a Psicolinguística. Diante disso, assumiu-se uma interface conceitual e metodológica entre a Psicolinguística e a Sociolinguística para abordar um tema ainda pouco pesquisado no Brasil: o processamento da variação linguística no nível lexical. Pelo viés psicolinguístico, foi aplicada uma tarefa experimental de decisão lexical. Pelo viés sociolinguístico, descreveu-se as crenças dos estudantes quanto à variação regional.

O objetivo geral da pesquisa foi verificar de que forma as crenças linguísticas de estudantes do Ensino Fundamental II se relacionam com o processamento de uma variante lexical regional. Para isso, investigou-se o efeito da variação diatópica no processamento de palavras, a partir de uma tarefa de decisão lexical. Além disso, analisou-se quais as crenças dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II sobre a variação regional, por meio de um questionário. E, por último, foi realizada uma relação entre as crenças dos estudantes sobre a variação linguística diatópica com os dados de processamento.

A tarefa de decisão lexical mostrou que as variantes padrão e controle obtiveram tempos de respostas semelhantes e que as pseudopalavras demandaram maior esforço cognitivo dos estudantes. Além disso, a maioria dos estímulos da variante regional foram processados como palavras reais do português brasileiro. Observou-se, também, que a variante regional teve o tempo de processamento mais próximo da variante padrão do que das pseudopalavras e que nem todas as variantes regionais estigmatizadas demandaram mais tempo de processamento do que as indicadoras.

A partir do questionário de crenças, observou-se que nem todos os estudantes reconhecem, de forma consciente, que devem se monitorar estilisticamente a depender do contexto em que estão inseridos. Verificou-se que os estudantes reconhecem que existe variação na forma de falar de cada região, no entanto, nem todos reconhecem que existe variação dentro do seu estado. Foi possível perceber que a maioria dos informantes tem a percepção de que existe um ideal de língua, isto é, existe um único padrão que é correto e deve ser seguido – o da gramática normativa.

De maneira geral, percebeu-se que as crenças linguísticas dos estudantes não apresentaram relação com o processamento das palavras, pois percebeu-se que estudantes têm as duas variantes no seu repertório linguístico, isso pode ser verificado pela a acurácia nas duas condições. No entanto, o ambiente escolar pode ter sido o motivador para que a variante padrão obtivesse maior porcentagem de acertos comparadas a variante regional, visto que eles estão em um contexto de letramento formal, e a apresentação das palavras a serem lidas se torna de mais fácil acesso, além disso, eles são incentivados a fazerem uso na variante padrão. Em relação às crenças, percebe-se que a maioria dos estudantes acredita que existe uma única língua correta que deve ser falada, isso por conta de as aulas de língua portuguesa serem voltadas para o ensino das regras da gramática normativa, o que leva os estudantes a não reconhecerem, muitas das vezes, a diversidade linguística que eles trazem para dentro da sala de aula.

Como limitações deste trabalho, destaca-se que faltou um momento de observações etnográficas, que não puderam ser realizadas na pesquisa por questão de tempo. Além disso, não foi possível efetuar duas comparações entre os dados: a análise de correlação entre os dados da tarefa de decisão lexical e o questionário, por apresentarem tipos de dados diferentes, e a comparação entre os estímulos da variante padrão e regional, pela impossibilidade de pareá-las com relação aos critérios psicolinguísticos de seleção. Por questão de tempo, não foi possível analisar se houve diferença nas médias de TR quando o participante tinha sido apresentado primeiramente à variante padrão e depois à variante regional e vice-versa. Além disso, destaca-se como limitação o tempo total da tarefa, pois foi uma tarefa bastante rápida, dessa forma, os itens que formam os pares foram lidos com pouco tempo de intervalo entre si.

Percebe-se que a abordagem da variação linguística não está muito presente em sala de aula, por isso, é necessária uma maior proximidade entre as pesquisas acadêmicas e o trabalho em sala de aula, buscando contribuir para que o trabalho com a língua torne o estudante competente na tarefa de adaptar sua língua aos diferentes contextos de uso. Além disso, pode contribuir para que os professores possam desenvolver atividades que abordem a variação linguística, visto que o estudo das crenças dentro da escola não só analisa a avaliação do estudante sobre a variação linguística, mas também aponta alternativas que possibilitam que os

professores partam daquilo que o estudante crê para, então, desenvolver competências linguísticas.

Pensando em perspectivas futuras, destacamos um momento de observações etnográficas, também pode ser realizada uma comparação entre os resultados encontrados na tarefa de decisão lexical visual com os dados encontrados em uma tarefa de decisão lexical auditiva, visando verificar se os dados se alterariam ou não, visto que a apresentação das palavras a serem lidas se tornaria de mais fácil acesso para os estudantes. Um aspecto que também pode ser relevante, em um novo experimento, é o participante não ser apresentado à variante padrão e regional no mesmo teste. Além disso, é possível replicar a pesquisa com os estudantes ao final do Ensino Médio. Ainda, a pesquisa pode ser aplicada para outras faixas etárias e, também, com estudantes bilíngues e monolíngues. Em relação ao questionário, é interessante colocar afirmativas que são opostas às outras para verificar a consistência das respostas dadas pelos informantes.

Conciliar uma abordagem psicolinguística com conclusões sociolinguísticas pode ajudar a melhorar a compreensão sobre como a variação linguística é representada e processada por estudantes concluintes do Ensino Fundamental II. Essa interface entre Psicolinguística e Sociolinguística é produtiva, pois pode-se estudar os fenômenos variáveis de uma maneira mais ampla. De forma conjunta, as duas áreas da Linguística, buscam descrever as manifestações da língua, comportamento individual e o contexto sociocultural dos atos de comunicação.

Este estudo pode contribuir para a resolução de problemas no que se refere às crenças linguísticas, pois elas dificultam a aceitação da própria fala, principalmente dos falantes das variedades mais populares, e isso pode ter consequências diretas na aprendizagem. Com relação ao trabalho com a variação, esta pesquisa aponta para a importância de se ter um embasamento teórico consistente acerca da linguagem em seu funcionamento social, para que professores e futuros professores possam atuar, de forma competente, na orientação da aprendizagem e na formação contínua dos estudantes.

Por fim, ao investigar as crenças linguísticas dos estudantes e o processamento da variação regional, no nível lexical, este estudo pode contribuir para que haja respeito às diferentes formas de falar. Os estudantes têm direito de se apropriarem da norma culta, mas isso deve ser feito de uma maneira que não trate

com preconceito a variedade linguística que trazem, pois, a sua identidade é representada por sua língua. Além disso, a partir do entendimento das crenças que os estudantes carregam consigo, os professores podem buscar novas maneiras de trabalharem com a variação linguística em sala de aula.

Referências

AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 37, n. 2, p. 105-112, 2008.

ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. (Orgs.). **Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)**: Cartas Semântico-Lexicais. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

ARAÚJO, M. J. O. **A variação linguística em sala de aula**: uma proposta de intervenção reflexiva sobre o preconceito linguístico. 2014. 70f. Dissertação de mestrado — Programa de Pós-graduação em Linguística e Ensino, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

AZALIM, C. *et al.* Concordância nominal variável de número e saliência fônica: um estudo experimental. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 34, n. 2, p. 513-545, 2018.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é e como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

BAGNO, M. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2009.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. 56. ed. São Paulo: Parábola, 2020.

BARBOSA, J. B; CUBA, D. L. de. Crenças e atitudes linguísticas de alunos do ensino médio em escolas públicas de Uberaba. **Todas as Letras**, v. 17, n. 1, p. 73-90, 2015.

BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre aprendizagem de línguas, Linguística Aplicada e ensino de línguas. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2004.

BARCELOS, A. M. F. Cognição de professores e alunos: tendências na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. *In*: Barcelos, A. M.F.; VIEIRA-ABRAHÃO, M.H. (orgs.). **Crenças e ensino de línguas**: foco no professor, no aluno e na formação de professores. Campinas: Pontes Editores, 2006.

BARCELOS, A. M. F. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Rev. Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BORTONI-RICARCO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BOTASSINI, J. O. M. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a Sociolinguística. **SIGNUM: Estud. Ling.**, v. 1, n. 18, p. 102-131, 2015.

CARDOSO, M. S.; SEMECHECHEM, J. A variação linguística na Base Nacional Comum Curricular: por uma pedagogia da variação linguística nos componentes de língua portuguesa no ensino fundamental ao médio. **Leitura**, n. 6, p.179-200, 2020.

COAN, M.; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística variacionista: pressupostos teóricometodológicos e propostas de ensino. **Revista Eletrônica de Linguística**, v. 4, n. 2, p.172-194, 2010.

COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2020.

CORREIA, I. S. L. **Crenças e atitudes linguísticas na Educação Básica**. 2022. 74f Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura em Língua Portuguesa, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

COSTA, M. M. C. da. **Crenças e atitudes linguísticas de professores de Língua Portuguesa: a variação linguística na oralidade**. 2019. 143f. Dissertação (mestrado) - Programa de pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019.

CYRANKA et al. A Sociolinguística no Ensino Fundamental: resultados de uma pesquisa-ação. **Linhas Críticas**, v. 16, n. 31, p. 361-376, 2010.

DIOGO, J. da R. **Proposta de intervenção sobre o fenômeno variável da concordância nominal a partir dos três eixos para o ensino de gramática**. 2022. 144f. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2022.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, C. A. Bases para uma Pedagogia da variação linguística, **Abralin ao vivo**, conferência, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3kS-RHie0Zw>

FARIAS, A. C. F. de; SILVA, M. da G. T. O tratamento que a escola dá à variedade linguística do aluno do ensino fundamental de uma escola da zona rural, do município de Imperatriz-MA. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 16, n. 34, p. 54-72, 2022.

FINGER, I. Psicolinguística do bilinguismo. *In*: REBELLO, L. S.; FLORES, V. N. (org.). **Caminhos das letras**: uma experiência de integração. Porto Alegre: Ed. Instituto de Letras/UFRGS, 2015. p. 47-61.

FRASSON, C. B. **Crenças linguísticas e a realidade da sala de aula: propostas sociolinguísticas para o ensino de língua portuguesa no nono ano do ensino**

fundamental. 2016. 199 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

FREITAG, R. M. K. Reparos na leitura em voz alta como pistas de consciência sociolinguística. **Delta**, v. 36, n. 2, p. 1-22, 2020.

FREITAG, R. M. K.; SÁ, J. J. D. S. Leitura em voz alta: variação linguística e sucesso na aprendizagem inicial da leitura. **Ilha do Desterro: A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies**, v. 72, n. 3, p. 41-62, 2019.

FREITAG, R. M. K.; SOTO, M. Processamento da variação linguística: desafios para integrar aquisição, diversidade e compreensão em um modelo de língua. **Rev. Estud. Ling**, v. 31, n. 2, p. 1-36, 2023.

FREITAG, R. M. K.; SOUZA, V. R. A. Discriminação de palavras e efeitos da variação linguística. In: **XII Symposium in Information and Human Language Technology and Collocates Events**, 2019. p. 297-306.

GUIMARÃES, I. R. S. **A abordagem da variação lexical nas aulas de português: uma proposta de ensino a partir do gênero textual meme**. 2020. 124f. Dissertação de mestrado – Programa de Mestrado Profissional em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos, 2020.

HENRIQUE, K. da S. **Variação linguística e processamento**: investigando o papel da distância entre o sujeito e o verbo na realização da concordância verbal variável no PB. 2016. 140f. Dissertação de Mestrado – Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

HOCHSPRUNG, V.; HUNTERMANN, C.; DA CUNHA, K. Z. Como falar sobre as bases da pedagogia da variação num contexto sem norma de referência? **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 2, p. 1-5, 2020.

JAKUBÓW, A. P. da S. P.; CORRÊA, L. M. S. Variation under a psycholinguistic perspective: number agreement in Brazilian Portuguese and its impact for the schooling. **Ilha do Desterro: A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies**, v. 72, n. 3, p. 101-122, 2019.

KOCH, W.; ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. (Orgs.). **Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)**: Introdução, Cartas fonéticas e morfosintáticas. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LIMA, C. A. de; SILVA, C. A. G. da; FLORENCIO, J. H. N. Análise linguística: ensino de variação lexical no livro didático de português no ensino médio. **Letras**, Santa Maria, v. 32, n. 64, p. 131-147, 2022.

MADEIRA, F. Crenças de professores de Português sobre o papel da gramática no ensino de Língua Portuguesa. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 8, n. 2, p. 17-38, 2005.

MARCILESE, M. et al. Efeitos de distância linear e marcação no processamento da variável de concordância verbal no PB. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 25, n. 3, p. 1291-1325, 2017.

MARGOTTI, F. W.; ROCHA, P. G. da. Cerro e sanga: empréstimos lexicais no português de contato com o espanhol. *In*: **ENCONTRO DO CELSUL**, 8., 2008, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: UFRGS, 2008. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VIII/cerro_e_sanga.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2023.

MARQUES, T. M; BARONAS, J. E. de A. Crenças e atitudes linguísticas na sala de aula. **Linguagem**, v. 24, n. 1, p. 01-16, 2015.

MIRANDA, F. B. A relação *realia*/designação no ALERS. *In*: ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. (Orgs.). **Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 30-31.

OLIVEIRA, L. C. de. A abordagem sociolinguística no ensino de português. **Caletroscópio**, v. 4, n. Especial, p. 295-313, 2016.

PATRIOTA, L. M.; PEREIRA, P. R. F. **O lugar da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Revista Letras Raras, v. 7, n. 2, p. 289-307, 2018.

PEIRCE, J.E. PsychoPy - Software de psicofísica em Python. **Journal of Neuroscience Methods**, v. 162, n. 1-2, p. 8-13, 2007.

PINHO, A. J.; MARGOTTI, F. W. Aspectos de variação lexical no sul do Brasil: o demônio varia no sul? **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão-SE, v. 9, p. 51-66, 2013.

ROMANO, V. P. R.; AGUILERA, V. de A. Padrões de variação lexical na região Sul a partir dos dados do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 575-587, 2014.

SANTOS, R. F. **Variação Linguística: trabalhando crenças, atitudes e o livro didático**. 2017. 240f. Dissertação de mestrado – Programa de Mestrado Profissional em Letras, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

SILVA, A. V. T. A.; SANTOS, A. S. O léxico no livro didático: corpus ALIB. *In*: SILVEIRA, J.; SILVEIRA, R. (org.). **Linguística e Literatura**: Cultura, Sociedade e História. Formiga: Editora Real Conhecer, 2022. p. 106-122.

SILVA, M. L. da. **Crenças e atitudes linguísticas sobre o ensino de Língua Portuguesa: o que pensam os estudantes do 9º ano de escola rural de**

Pariconha/AL. 2019. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso - Letras Língua Portuguesa, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2019.

SOUZA, V. R. A.; FREITAG, R. M. K. Efeitos da variação linguística na decisão lexical. *In: Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Tecnologia da Informação e da Linguagem Humana (STIL 2021)*: Sociedade Brasileira de Computação, 2021.

THOMAZ, J. R. O trabalho com a variação linguística na sala de aula: reflexão e uso. **Caletroscópio**, v. 4, n. Especial, p. 279-294, 2016.

UALT, A.; MOZZILLO, I.; LIMBERGER, B. Consciência sociolinguística: uma revisão do conceito com base em estudos brasileiros e estrangeiros. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 16, n. 34, p. 243-260, 2022.

VALADARES, F. B. Gramática e escola: considerações sobre a variação linguística e ensino de língua portuguesa. **Revista Eletrônica de Linguística**, v. 4, n. 2, p. 32-47, 2010.

VAUGHN, C.; KENDALL, T. Stylistically coherent variants: Cognitive representation of social meaning. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 27, n. 4, p. 1787-1830, 2019.

VIEIRA, S. R. Três eixos para o ensino de gramática: uma proposta experimental. *In: NORONHA, C. A.; SÁ JR., L. A. de (Orgs.) Escola, ensino e linguagem*. Natal-RN, EDUFRN, 2017. p. 47-59.

Apêndices

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**PROJETO: CRENÇAS E PROCESSAMENTO DA VARIAÇÃO LEXICAL
DIATÓPICA EM ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Julia da Rosa Diogo - UFPEL

Eu, Julia da Rosa Diogo, responsável pela pesquisa CRENÇAS E PROCESSAMENTO DA VARIAÇÃO LEXICAL DIATÓPICA EM ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II, estou fazendo um convite para seu filho(a) participar como voluntário neste estudo.

Esta pesquisa pretende entender como os estudantes do Ensino Fundamental lidam com a variação linguística. Para descobrir isso, pessoas saudáveis e alfabetizadas, como é o caso do seu(sua) filho(a), estão sendo convidadas a participar da pesquisa. Caso o(a) Sr.(a) dê sua autorização, seu(sua) filho(a) responderá perguntas sobre as suas práticas de uso da sua língua materna e fará uma tarefa de leitura de palavras no computador. A participação no estudo apresenta riscos mínimos, que consistem de um possível constrangimento na resolução de tarefas ou desconforto ao responder às questões que poderão ser ou não respondidas na sua totalidade. A participação é voluntária, e pode haver desistência em qualquer momento, sem prejuízo ao respondente.

Os benefícios da sua participação têm relação com os avanços da pesquisa sobre o processamento da variação linguística no nível lexical. A presente pesquisa visa preencher lacunas no entendimento sobre o processamento da variação lexical diatópica e as crenças que os estudantes têm sobre essa variação linguística. Espera-se que a pesquisa possa contribuir para o aperfeiçoamento de métodos de ensino relacionados à variação linguística, pois isso é importante para o ensino de português como língua materna. Além disso, esperamos que a pesquisa possa contribuir com o exercício da leitura na língua materna, além de ajudar na reflexão sobre como os estudantes usam e o que pensam sobre o português. Com a pesquisa, seu filho(a) poderá refletir sobre a língua que conhece e usa, por meio da participação no questionário e na tarefa.

Durante todo o período da pesquisa, você tem o direito de esclarecer qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando entrar em contato com Julia da

Rosa Diogo, no telefone (53) 99133-470. Para dúvidas mais gerais sobre o agendamento e que não tenham urgência, você pode entrar em contato por e-mail: diogojulia81@gmail.com.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, pode entrar em contato com o Comitê de Ética que aprovou eticamente este projeto de pesquisa: Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da UFPel, Avenida Duque de Caxias, 250 - CEP 96030001, Pelotas/RS, telefone: (53)33101800, e-mail cep.famed@gmail.com.

As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em congresso ou publicações científicas, não havendo identificação dos participantes, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. O nome não será utilizado e divulgado; apenas códigos, como letras e números serão usados para identificar os dados.

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma. Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas.

Se você concordar com a participação do seu(sua) filho(a) neste estudo, **será necessário que você rubrique todas as páginas, assine e coloque a data neste termo de consentimento**. Este termo deve ser assinado em duas vias: uma fica com você, e outra fica com o pesquisador.

Eu, _____, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que a participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais meu(minha) filho(a) será submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto expresse minha concordância de espontânea vontade na participação meu(minha) filho(a) neste estudo.

Assinatura do participante da pesquisa ou de seu representante legal

Data: ____/____/____

DECLARAÇÃO DO PROFISSIONAL QUE OBTVEU O CONSENTIMENTO

Expliquei integralmente este estudo ao participante e/ou ao seu responsável. Na minha opinião e na opinião do participante e do responsável, houve acesso suficiente às informações, incluindo riscos e benefícios, para que uma decisão consciente seja tomada.

Data: ____/____/____

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Assinatura do coordenador

BERNARDO KOLLING LIMBERGER

Apêndice B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

PROJETO: CRENÇAS E PROCESSAMENTO DA VARIAÇÃO LEXICAL DIATÓPICA EM ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Julia da Rosa Diogo - UFPel

Você está sendo convidado a participar da pesquisa CRENÇAS E PROCESSAMENTO DA VARIAÇÃO LEXICAL DIATÓPICA EM ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II, coordenada pela pesquisadora Julia da Rosa Diogo. Seus pais permitiram a sua participação.

Queremos saber como os estudantes do Ensino Fundamental lidam com a variação linguística. Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Os adolescentes que irão participar desta pesquisa têm de 13 e 18 anos de idade.

A pesquisa será feita na sua escola. Você responderá a perguntas sobre as suas práticas de uso da sua língua materna e fará uma tarefa de leitura de palavras no computador.

A participação no estudo apresenta riscos mínimos, que consistem em um possível constrangimento na resolução de tarefas. Caso aconteça algo errado, você pode interromper a participação e pedir para os seus responsáveis entrar em contato no telefone informado no termo de consentimento.

Há coisas boas que podem acontecer com a pesquisa, que são os resultados que esperamos encontrar, ou seja, podemos ajudar a entender como estudantes de escola lidam com a variação linguística, e isso é importante para o ensino de português como língua materna. Além disso, você poderá exercitar a leitura na sua língua materna, além de refletir sobre como você usa e o que você pensa sobre o português.

Não daremos a estranhos as informações que você vai nos fornecer. Os resultados da pesquisa serão publicados em revistas que não mostram o nome das pessoas que participaram. Este termo deve ser assinado em duas vias: uma fica com você, e outra fica com o pesquisador.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, pode entrar em contato com o Comitê de Ética que aprovou eticamente este projeto de pesquisa: Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da UFPel, Avenida Duque

de Caxias, 250 - CEP 96030001, Pelotas/RS, telefone: (53)33101800, e-mail cep.famed@gmail.com.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa CRENÇAS E PROCESSAMENTO DA VARIAÇÃO LEXICAL DIATÓPICA EM ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II. Entendi as coisas boas e as coisas ruins que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e informaram meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura do menor

Assinatura da pesquisadora

DECLARAÇÃO DO PROFISSIONAL QUE OBTEVE O CONSENTIMENTO

Expliquei integralmente este estudo ao participante e/ou ao seu responsável. Na minha opinião e na opinião do participante e do responsável, houve acesso suficiente às informações, incluindo riscos e benefícios, para que uma decisão consciente seja tomada.

Data: ____/____/____

Assinatura da pesquisadora

Apêndice C – Questionário de crenças linguísticas**Questionário:**

• **Qual sua idade?** _____

• **Sexo/gênero**

() Masculino

() Feminino

() Outro

• **Local de moradia**

() zona urbana

() zona rural

• **Você usa outra língua no seu cotidiano?**

() Sim (responda à questão abaixo)

() Não

• **Qual(is) língua(s) você usa?**

• **Você costuma ler livros, jornais, revistas?**

() Sim (responda à questão abaixo)

() Não

- **Quais livros, revistas ou jornais você costuma ler?**

- **Seus pais e/ou responsáveis costumam ler livros, jornais, revistas?**

() Sim
() Não

- **Quais tipos de livros, jornais e/ ou revistas eles costumam ler?**

- Leia cada uma das frases e marque uma das seguintes alternativas de acordo com a sua opinião. Em cada uma das frases, tem espaço para justificar a sua escolha, caso julgue necessário.

Escala de Likert:

- 1- Concordo totalmente
- 2- Concordo em parte
- 3- Nem concordo e nem discordo
- 4- Discordo em parte
- 5- Discordo totalmente

- Eu posso falar do mesmo jeito em todas as situações da vida.

- 1 – Concordo totalmente
- 2 – Concordo em parte
- 3 – Nem concordo e nem discordo
- 4 – Discordo em parte
- 5 – Discordo totalmente

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Justificativa:

- Existem brasileiros que usam melhor a língua portuguesa do que outros.

- 1 – Concordo totalmente
- 2 – Concordo em parte
- 3 – Nem concordo e nem discordo
- 4 – Discordo em parte
- 5 – Discordo totalmente

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Justificativa:

- Se eu pudesse, mudaria o meu jeito de falar.

- 1 – Concordo totalmente
- 2 – Concordo em parte
- 3 – Nem concordo e nem discordo
- 4 – Discordo em parte
- 5 – Discordo totalmente

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Justificativa:

- Se eu pudesse, mudaria o meu jeito de escrever.

- 1 – Concordo totalmente
- 2 – Concordo em parte
- 3 – Nem concordo e nem discordo
- 4 – Discordo em parte
- 5 – Discordo totalmente

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Justificativa:

- O meu jeito de falar é igual ao das pessoas com quem eu moro.

- 1 – Concordo totalmente
- 2 – Concordo em parte
- 3 – Nem concordo e nem discordo
- 4 – Discordo em parte
- 5 – Discordo totalmente

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Justificativa:

- Eu tenho orgulho do meu jeito de falar.

- 1 – Concordo totalmente
- 2 – Concordo em parte
- 3 – Nem concordo e nem discordo
- 4 – Discordo em parte
- 5 – Discordo totalmente

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Justificativa:

- Dentro do Rio Grande do Sul existem sotaques melhores do que outros.

- 1 – Concordo totalmente
- 2 – Concordo em parte
- 3 – Nem concordo e nem discordo
- 4 – Discordo em parte
- 5 – Discordo totalmente

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Justificativa:

- Quem é de Bagé fala bonito.

- 1 – Concordo totalmente
- 2 – Concordo em parte
- 3 – Nem concordo e nem discordo
- 4 – Discordo em parte
- 5 – Discordo totalmente

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Justificativa:

- Existem pessoas que usam palavras diferentes das palavras que eu costumo usar .

- 1 – Concordo totalmente
- 2 – Concordo em parte
- 3 – Nem concordo e nem discordo
- 4 – Discordo em parte
- 5 – Discordo totalmente

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Justificativa:

- Existem regiões do país que usam palavras mais bonitas do que em outras regiões.

- 1 – Concordo totalmente
- 2 – Concordo em parte
- 3 – Nem concordo e nem discordo
- 4 – Discordo em parte
- 5 – Discordo totalmente

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Justificativa:

- Na minha cidade, tem pessoas que falam melhor do que outras.

- 1 – Concordo totalmente
- 2 – Concordo em parte
- 3 – Nem concordo e nem discordo
- 4 – Discordo em parte
- 5 – Discordo totalmente

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Justificativa:

- As pessoas mais velhas da cidade têm um jeito de falar diferente das mais novas.

- 1 – Concordo totalmente
- 2 – Concordo em parte
- 3 – Nem concordo e nem discordo
- 4 – Discordo em parte
- 5 – Discordo totalmente

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Justificativa:

- Os regionalismos (palavras ou expressões típicas de determinada região) usados no Rio Grande do Sul são melhores do que os usados em outros Estados.

- 1 – Concordo totalmente
- 2 – Concordo em parte
- 3 – Nem concordo e nem discordo
- 4 – Discordo em parte
- 5 – Discordo totalmente

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Justificativa:

- Existe variação na forma de falar dentro do Rio Grande do Sul.

- 1 – Concordo totalmente
- 2 – Concordo em parte
- 3 – Nem concordo e nem discordo
- 4 – Discordo em parte
- 5 – Discordo totalmente

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Justificativa:

- Os falantes da zona urbana falam melhor do que os falantes da zona rural.

- 1 – Concordo totalmente
- 2 – Concordo em parte
- 3 – Nem concordo e nem discordo
- 4 – Discordo em parte
- 5 – Discordo totalmente

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Justificativa:

- Acho engraçado quando alguém usa uma palavra diferente do que eu costumo usar para chamar alguma coisa.

- 1 – Concordo totalmente
- 2 – Concordo em parte
- 3 – Nem concordo e nem discordo
- 4 – Discordo em parte
- 5 – Discordo totalmente

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Justificativa:

- Quem mora em Bagé fala de um jeito mais grosseiro do que quem mora em outras cidades do Estado.

- 1 – Concordo totalmente
- 2 – Concordo em parte
- 3 – Nem concordo e nem discordo
- 4 – Discordo em parte
- 5 – Discordo totalmente

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

Justificativa:

Apêndice D – Lista dos estímulos-alvo e classificação de acordo com a categoria de significado social (Labov, 2008)

Pares de estímulos	Classificação	Motivação
menino-guri	indicador	Há pouco efeito de julgamento do ouvinte quanto ao status social do falante. Apesar de se usar mais “guri”, não há estranhamento quando alguém diz “menino”.
montanha-morro	indicador	Há pouco efeito de julgamento do ouvinte quanto ao status social do falante, as duas variantes são utilizadas como sinônimos.
chifre-guampa	marcador	Há julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o status do falante quando o estímulo “guampa” é usado, pois causa estranhamento a depender do contexto de uso;
calcanhar-garrão	estereótipo	Quem usa “garrão” são pessoas estigmatizadas, isto é, são rotulados socialmente, o que pode trazer impacto social na comunidade de fala, pois poucas pessoas ainda usam a palavra “garrão” e isso causa um certo estranhamento para quem ouve. As pessoas que usam essa palavra têm, normalmente, pouca escolaridade e são de uma classe socioeconômica mais baixa. Além disso, costumam ser pessoas mais velhas.
estilingue-bodoque	marcador	Há julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o status do falante, quando o estímulo “estilingue” é usado, pois causa estranhamento, já que a variante mais utilizada é “bodoque”.

carne moída-guisado	marcador	Há julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o status do falante, quando o estímulo “carne moída” é usado, pois causa estranhamento quando se ouve na região; geralmente as pessoas que utilizam possuem status socioeconômico mais elevado ou são pessoas que vieram de outros lugares.
bêbado-borracho	marcador	Há julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o status do falante, quando o estímulo “borracho” é usado, pois causa estranhamento quando se ouve a depender do contexto da conversa.
semáforo- sinaleira	indicador	Há pouco efeito de julgamento do ouvinte quanto ao status social do falante, apesar de se usar mais a variante “sinaleira”, não há estranhamento quando alguém diz “semáforo”.
quebra-molas- lombada	indicador	Há pouco efeito de julgamento do ouvinte quanto ao status social do falante, apesar de se usar mais “quebra-molas”, não há estranhamento quando alguém diz “lombada”.
arroio-riacho	marcador	Há julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o status do falante, quando o estímulo “riacho” é usado, pois a variante mais utilizada é “arroio”.
banheiro-patente	estereótipo	Quem usa a variante “patente” geralmente são pessoas mais estigmatizadas, isto é, são rotulados socialmente e podem trazer impacto social na comunidade de fala, pois poucas pessoas ainda falam, e isso

		causa um estranhamento em quem ouve. As pessoas que falam “patente” têm, geralmente, pouca escolaridade e poder aquisitivo menor. Além disso, a maioria são pessoas mais velhas.
chute-coice	estereótipo	Quem usa a variante “coice” geralmente são pessoas mais estigmatizadas, isto é, são rotuladas socialmente e podem trazer impacto social na comunidade de fala, pois causa um estranhamento em quem ouve. As pessoas que falam “coice” geralmente têm pouca escolaridade. Além disso, essa variante pode ser usada em contexto mais informais de conversa.
bola de gude-bolita	indicador	Há pouco efeito de julgamento do ouvinte quanto ao status social do falante, as duas variantes são utilizadas como sinônimos.
mandioca-aipim	indicador	Há pouco efeito de julgamento do ouvinte quanto ao status social do falante, as duas variantes são utilizadas como sinônimos.
temporal-tempestade	indicador	Há pouco efeito de julgamento do ouvinte quanto ao status social do falante, as duas variantes são utilizadas como sinônimos.
rabo-cola	marcador	Há julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o status do falante, quando o estímulo “cola” é usado, pois causa estranhamento a depender do contexto da conversa.
pinta-sinal	indicador	Há pouco efeito de julgamento do ouvinte quanto ao status social do falante, as duas variantes são utilizadas como sinônimos.

rosto-cara	marcador	Há julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o status do falante, quando o estímulo “cara” é usado, pois causa estranhamento a depender do contexto da conversa.
diabo-capeta	estereótipo	A variante “capeta” causa um estranhamento em quem ouve, podendo causar um impacto social na comunidade de fala.
amarelinha-sapata	estereótipo	A variante “sapata” causa um estranhamento em quem ouve, pois a variante mais utilizada é “amarelinha”.
fuligem-picumã	marcador	Há julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o status do falante, quando o estímulo “picumã” é usado, pois causa estranhamento quando se ouve.

Anexos

Anexo A – Parecer do Comitê de Ética

FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PELOTAS - UFPEL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Crenças e processamento da variação lexical diatópica em estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II

Pesquisador: JULIA DA ROSA DIOGO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 75171623.1.0000.5317

Instituição Proponente: Centro de Letras e Comunicação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.532.403

Apresentação do Projeto:

Este trabalho tem por objetivo verificar de que forma as crenças linguísticas dos estudantes do Ensino Fundamental II influenciam o seu grau de apreciação social de uma variável lexical. Para isso, tem-se como base teórica a Sociolinguística e a Psicolinguística, além dos estudos sobre o processamento da variação (HENRIQUE, 2016; MARCILESE et al. 2017; AZALIN et al., 2018, FREITAG; SOUZA, 2019; FREITAG; SÁ, 2019; JAKUBÓW; CORRÊA, 2019) e os estudos sobre crenças linguísticas (MARQUES; BARONAS, 2015; FRASSON, 2016; SANTOS, 2017; SILVA 2019; CORREIA, 2022). Para cumprir os objetivos propostos, será aplicada uma tarefa experimental de decisão lexical e um questionário de crenças linguísticas aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Espera-se que os resultados da tarefa de decisão lexical tenham relação com crenças descritas no questionário. Conciliar uma abordagem psicolinguística com conclusões sociolinguísticas pode ajudar a melhorar a compreensão sobre como a entrada variável é representada e processada por estudantes concluintes do Ensino Fundamental II.

Desenho - É um estudo transversal em que os informantes irão participar de duas etapas. A primeira consiste em uma tarefa de decisão lexical, constituindo-se no julgamento de estímulos linguístico em "palavra" ou "pseudopalavra" do português. Os participantes deverão ler cada um dos itens na tela do computador e decidir se o item é uma palavra ou não do português. A segunda etapa consiste no preenchimento de um questionário sobre crenças linguísticas. Serão apresentadas algumas afirmações e os informantes devem responder de acordo com a escola de

Endereço: Av Duque de Caxias 250, prédio da Direção - Térreo, sala 03

Bairro: Fragata **CEP:** 96.030-001

UF: RS **Município:** PELOTAS

Telefone: (53)3310-1801

Fax: (53)3221-3554

E-mail: cepfamed@ufpel.edu.br